

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Linha de Pesquisa: História da Educação

Maria Daniela Angelo Ramos

O ensino de gramática na Paraíba em *Lições da Língua Materna* (1906)

João Pessoa
2014

Maria Daniela Angelo Ramos

O ensino de gramática na Paraíba em *Lições da Língua Materna* (1906)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção de grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação.

Orientadora: Dra. Fabiana Sena da Silva.

João Pessoa

2014

R175e Ramos, Maria Daniela Angelo.

*O ensino de gramática na Paraíba em Lições da
Língua Materna (1906) / Maria Daniela Angelo Ramos.-
João Pessoa, 2014.*

110f. : il.

Orientadora: Fabiana Sena da Silva

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

O ensino de gramática na Paraíba em *Lições da Língua Materna* (1906)

Dissertação defendida e aprovada em: 11/08/2014.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Fabiana Sena da Silva – PPGE/UFPB
Orientadora

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado – PPGE/UFPB
Examinador Interno

Profa. Dra. Maria Aparecida Arruda – UFSJ/MG
Examinadora Externa

Profa. Dra. Maria Elizete Guimarães Carvalho – PPGE/UFPB
Suplente Interno

Dr. Carlos Augusto de Melo – PROFLETRAS/UFPB
Suplente Externo

João Pessoa
2014

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força, saúde e sabedoria para que pudesse chegar até aqui.

Aos meus avós Manoel e Francisca (*in memoriam*) pelo carinho, cuidado e por terem se esforçado para me proporcionar o privilégio de estudar em boas escolas.

À minha mãe, Socorro, pelo amor incondicional, por suas orações, por ter me levado à escola no primeiro dia de aula, ensinando as primeiras tarefas e principalmente pelo exemplo de mulher guerreira e perseverante que me orgulha e que fez de mim a mulher que sou hoje.

Ao meu pai Tarcísio, pelo carinho e incentivo para estudar em minha infância.

Ao meu esposo Wolgrand, meu amado companheiro de todas as horas, pela parceria, amor, apoio e paciência para compreender minhas dificuldades e angústias ao longo desta trajetória sempre me incentivando. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu tio Angelo, por ter comprado meus livros ao longo de toda minha educação básica, pelo carinho e por ter sido, para mim, exemplo de gosto pela educação.

Ao meu querido irmão Adriano, por ter me incentivado a fazer a inscrição para seleção de mestrado, me ajudado com o projeto inicial, por tirar minhas dúvidas e trocar ideias comigo sobre minha pesquisa. Também não posso deixar de agradecer a melhor parte, a ajuda com o computador, obrigada por formatar e ajustar meu PC e meus textos.

Ao meu querido irmão Neto, pelo seu carinho, que do seu jeito também me ajudou quebrando ‘meus galhos’ sempre que precisei e também por ajeitar meu computador quando necessitava para que pudesse estudar. Que benção ter irmãos tão inteligentes.

Ao meu pequeno Benjamin, sobrinho amado por me alegrar com seu lindo sorriso e suas traquinagens tornando maravilhosos os momentos que estamos juntos.

À Mônica, minha querida amiga e parceira, por ter me escutado, pelas discussões e trocas de ideias sobre meu trabalho, sempre acompanhadas daquele cafezinho aqui em casa. Agradeço também pela disposição para ler e fazer a revisão do texto todas as vezes que precisei, participando e se alegrando junto comigo em cada etapa avançada no processo de construção do trabalho.

À minha orientadora Fabiana, pelas contribuições valiosas que ajudaram na construção deste trabalho.

A todos os meus amigos que me incentivaram e torceram por mim.

Aos colegas da turma 32, pela troca de dúvidas, informações e experiências em nosso grupo.

A CAPES pelo apoio financeiro à pesquisa.

Obrigada a todos!

Quem não sabe o que procura, não identifica o que acha.

(Immanuel Kant)

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o ensino de gramática na obra *Lições da Língua Materna* (1906), de Francisco Xavier Junior, a qual foi adotada por meio de decreto n.315 de 17 de janeiro de 1907, como único livro a ser utilizado nas escolas primárias da Paraíba para o ensino de língua portuguesa. Para tanto, levamos em consideração que nesse período marcado por ideais nacionalistas houve uma proliferação de livros didáticos com saberes que atendessem ao progresso e nacionalismo. Dessa forma, produzir livros que valorizassem o ensino da língua materna era um meio de reforçar a ideia de que toda língua tem uma gramática, que serve para unificar por meio de um conjunto de valores, regras e ideais, os membros de uma sociedade. Tomamos como referencial teórico para o desenvolvimento da pesquisa Bittencourt (2004), Razzini (2000), Fávero (2009), Galvão e Batista (2003), Lajolo e Zilberman (1996) - livros didáticos. Sobre autoria, processo de produção da obra e os protocolos de leitura utilizamos Chartier (1999), bem como Foucault (2012) para analisar os discursos presentes na obra. Após realizarmos a análise dos discursos e dos conteúdos observamos que *Lições da Língua Materna* seguiu essa tendência de inovar os métodos de ensino da gramática da língua portuguesa baseado no método intuitivo, atendendo ao projeto modernizador republicano. O livro apresenta exercícios práticos, racionais e explica os conteúdos gramaticais de maneira objetiva, dando ênfase à prática ao invés de valorizar a memorização exaustiva das regras, conforme fazia o ensino tradicional. Além disso, constatou-se que no momento em que ensina saberes padronizados sobre a língua vigente a obra contribuiu também com a tarefa de homogeneizar/unificar por meio de um referencial comum, a língua materna.

Palavras-chaves: Gramática. Livro didático. República. Língua Materna.

ABSTRACT

This research aims to analyze the teaching of grammar in the book *Lições de Língua Materna* "Lessons from the Mother Tongue (1906)" by Francisco Xavier Junior, adopted by a decree law n. 315 - January 17, 1907 - of the State Government as the only book to be used in Paraíba primary schools for the Teaching of Portuguese Language. Therefore, we took in consideration that in this period marked by nationalist ideals there was a proliferation of educational books with knowledge that would satisfy the progress and nationalism. This way, to produce books that valued the teaching of the mother tongue was a mean to reinforce the idea that every language has a grammar, which serves to unify the member of a society through a set of values, rules and ideals. We got as theoretical reference for development of this research Bittencourt (2004), Razzini (2000), Fávero (2009), Galvão and Batista (2003), Lajolo and Zilberman (1996)- Educational books. About outhorship, production work process and the reading protocols we used Chartier (1999), as well Foucault (2012) to analyze the speeches present in the work. After we realized the speeches analysis and the contents we have seen that the book "*Lições da Língua Materna*" followed this tendency to innovate teaching methods of Portuguese grammar based on the intuitive method, answering the republican modernization project. The book contains practical, rational exercises and explains grammatical content in an objetive manner, emphasizing the practice instead of valorizing the exhaustive memorization of rules, as in traditional teaching. Furthermore, it was verified that when the book teaches standardized knowledge, it also contributes with the tasks of homogenize/unify through a common referential, the mother tongue.

Keywords: Grammar. Educational book. Republic. Mother tongue.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Anúncio do Collegio Parahybano, em 1892, Jornal o Estado da Paraíba.	
.....	27
Figura 2 - Capa do livro Lições da Língua Materna de Francisco Xavier Junior, publicado em 1906 na Paraíba.	31
Figura 3 - Decreto determinando a adoção do livro Lições da Língua Materna para o ensino primário na Paraíba em 1907.	35
Figura 4 - Lição 1 ^a , parte-I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 3	71
Figura 5 - Lição 1 ^a , parte-I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 4.	73
Figura 6 - Atividade das Lições preambulares para cultivar as faculdades de observação e o uso da palavra, <i>Lições de Coisas</i> , 1886, p. 35.....	75
Figura 7 - Lição 1 ^a , exercício 5, parte-I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 4. ..	76
Figura 8 - Lição 1 ^a , exercício VIII, parte- I de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 6..	
.....	77
Figura 9 - Lição 1 ^a , exercício VII, parte - I.de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 6.	
.....	78
Figura 10 - Preambulo do Traductor em <i>Lições de Coisas</i> , 1886, p. 12.	79
Figura 11 - Lição 4 ^a , exercício XVII, XVIII, parte- I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 6.....	80
Figura 12 - Lição 6 ^a , parte- I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 12.	81
Figura 13 - Lição 6 ^a , parte- I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 13.....	82
Figura 14 - Lição 7 ^a , parte – I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 16.	83
Figura 15 - Lição 10 ^a , parte – I de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 36.	83
Figura 16 - Lição 24 ^a , exercício CLXVI, parte- I de Lições da Língua Materna, 1906, p. 94.....	85
Figura 17 - Lição 34 ^a , exercício CCXX, parte- II de Lições da Língua Materna, 1906, p. 131.....	86
Figura 18 - Lição 32 ^a , exercício CCXXXII, parte- II de Lições da Língua Materna, 1906, p. 141.....	87
Figura 19 - Lição 32 ^a , exercício CCXXXVIII, parte- II de Lições da Língua Materna, 1906, p. 151.....	87
Figura 20 - Lição 32 ^a , exercício CCLVII, parte- II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 158.....	88

Figura 21 - Lição 32 ^a , exercício CCLXI, parte-II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 162.....	88
Figura 22 - Lição 35 ^a , exercício CCXXIII, parte- II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 135.	89
Figura 23 - Lição 32 ^a , exercício CCXVI, parte- II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 127.....	90
Figura 24 - Lição 37 ^a , exercício CCL, parte-II.de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 153.....	91
Figura 25 - Lição 33 ^a , exercício CCXVIII, parte- II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 130.	92
Figura 26 - Lição 31 ^a , exercício CCLXIV, parte- II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 164.	93
Figura 27 - Lição 30 ^a , exercício CCI, parte-II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 116.....	94
Figura 28 - Lição 30 ^a , exercício CCII, parte-II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 117.....	95
Figura 29 - Lição 31 ^a , exercício CCXXXIV, parte-II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 142-143.	97
Figura 30 - Lição 34 ^a , exercício CCLXVI, parte-II de <i>Lições da Língua Materna</i> , 1906, p. 174-175.	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 LIÇÕES DA LÍNGUA MATERNA E O ENSINO DE GRAMÁTICA NA PARAÍBA DA PRIMEIRA REPÚBLICA	19
2.1 Sobre o ensino de gramática	19
2.2 Francisco Xavier Junior e o porquê de <i>Lições da Língua Materna</i>	29
2.3 O método intuitivo como referência	39
3 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SOBRE OS PROTOCOLOS DE LEITURA	43
3.1 Sobre os discursos: intencionalidades e finalidades	43
3.2 As opiniões presentes na obra	48
3.3 O discurso do autor	65
4 UMA GRAMÁTICA PARA CRIANÇAS: <i>CONTEÚDOS, MÉTODOS E OBJETIVOS</i>	70
4.1 Primeira Parte: <i>morfologia</i>	70
4.2 Segunda Parte: <i>sintaxe</i>	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
6 REFERÊNCIAS	103
ANEXO A - Publicação da Comissão Nacional do Livro Didático no Diário Oficial da União (DOU) em 1947.	110

1 INTRODUÇÃO

O ensino de gramática esteve presente na história das línguas no Brasil desde a chegada dos jesuítas e da implantação das primeiras escolas de ler, escrever e contar. Enquanto suporte para o ensino-aprendizagem de língua, a gramática, de certa forma, viabilizou a comunicação entre a população local desde o período colonial. A partir do entendimento de que a língua é a marca de identidade de um povo, ou seja, a construção dessa identidade está vinculada a língua falada por este povo (CARVALHO, 2008), sendo assim, o seu estudo constitui uma importante fonte de pesquisa para a compreensão de um legado cultural e linguístico.

A aprendizagem de uma língua/gramática comum no Brasil, do final do século XIX e começo do século XX, influenciou o ensino, no sentido de fortalecer a ideia de nação na população, ou seja, de que um elemento comum, além do território, neste caso, a língua era essencial para o fortalecimento deste sentimento.

Tendo em vista que o saber sobre a língua foi um dos meios de representação de uma identidade nacional e linguística que se constituiu por meio do ensino de gramática, surgiu o interesse em dar visibilidade ao livro didático *Lições da Língua Materna*, publicado em 1906, de autoria do paraibano Francisco Xavier Junior, o qual estava listado nas obras didáticas do trabalho de Sena (2008).

Devido à minha formação, graduação em Letras Vernáculas, em 2009, na Universidade Federal da Paraíba, busquei por meio do Programa de Pós-graduação em Educação, nível de mestrado, compreender o processo histórico do ensino de gramática. A trajetória histórica sobre a formação da língua no país, quando e como se iniciou o ensino de gramática e qual a importância da aprendizagem desse saber, o que se buscava com o ensino de tal habilidade, além das mudanças sofridas no decorrer do tempo, foram as questões que instigaram o interesse para o desenvolvimento desta pesquisa. De acordo com Lajolo e Zilberman (1996, p.121), “o livro didático interessa igualmente a uma história da leitura porque ele, talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor”.

Para compreender essas questões, utilizamos o livro didático como objeto de pesquisa, a fim de analisar o ensino de gramática presente na obra. Assim, também o utilizamos como fonte, uma vez que recorreremos à própria obra para compreender os elementos do texto. O interesse em dar visibilidade a uma obra até então, esquecida nas bibliotecas e arquivos do Estado da Paraíba, nos possibilita conhecer

como eram encaminhadas as situações de ensino de gramática no cotidiano escolar da Paraíba. Portanto, este objeto cultural (CHARTIER, 1999) se constitui como objeto e fonte para estudar a História da Educação na Paraíba por meio do ensino e das disciplinas escolares.

O livro didático pode ser compreendido como um “lugar de memória” (LE GOFF, 1990, 429), pois “a escrita tem a função de armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, fornecendo ao homem um processo de marcação, memorização e registro”. Nessa perspectiva, Galvão e Batista (2003, p. 164, grifo dos autores) afirmam que “o ‘livro’ didático faz parte, assim, de um fenômeno mais geral, o dos textos e impressos utilizados na instrução, esse fenômeno tem um passado, um presente, um futuro: tem uma história”. Dessa forma, compreender o livro didático na História da Educação permite tomar conhecimento de como *Lições da Língua Materna* contribuiu para a organização da cultura escolar, bem como por se configurar como

[...] um tipo de material de significativa contribuição para a história do pensamento e das práticas educativas ao lado de outras fontes escritas, orais e iconográficas e, segundo, ser portador de conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade que, simultaneamente à historiografia da educação e da teoria da história, permitem rediscutir intenções e projetos de construção e de formação social. (CORRÊA, 2000, p. 11).

O livro didático sendo compreendido como um objeto cultural, portador de valores, acessível à criança; além de ferramenta de trabalho do professor, o livro também “é portador de uma memória nacional (...) formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como ‘versos autorizados’ da história da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum” (FONSECA, 1999, p. 204).

Lições da Língua Materna apresenta uma proposta metodológica para o ensino de gramática específica para uma determinada etapa do ensino – no caso, o primário –, diferente dos métodos que eram utilizados nesse período no Estado da Paraíba, baseados unicamente no exercício de memorização de regras e exceções. Francisco Xavier Junior elaborou este livro para servir de manual aos educadores paraibanos, pois não havia ainda “um trabalho que satisfizesse as necessidades do ensino elementar da língua pátria” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI). Configurando-se como o

primeiro livro de gramática produzido na Paraíba no início do século XX, pois, até então, eram utilizados gramáticas advindas da Europa, conforme afirma Sena (2008) ao dizer que estas eram Portuguesas.

Em relação à língua portuguesa, era um momento efervescente de ideias, muitas obras literárias de autores brasileiros estavam sendo produzidas. Pregava-se ruptura e inovação no ensino do português, pois havia nesse momento a “preocupação com a disseminação da alfabetização e com o saber a ser veiculado pela escola, a nova instituição que se impunha como necessidade da vida civilizada” (BITTENCOURT, 1993, p. 28).

A publicação do livro *Lições da Língua Materna* em 1906, se deu logo após os primeiros anos da instauração do regime republicano, que impulsionou e fez crescer a produção de obras didáticas de autores nacionais visou internalizar o nacionalismo nas crianças do ensino elementar. Podemos supor que este tenha sido um dos motivos que levou o autor a elaborar a obra citada. Naquele período, o livro foi adotado como único a ser utilizado nas escolas públicas do ensino primário na Paraíba e circulou até o ano de 1947, conforme constatado em publicação do Diário Oficial da União (DOU). Isto nos despertou curiosidade e nos fez supor que a obra circulou durante muito tempo no Estado da Paraíba.

Possuidor de valores que desejava transmitir em determinado período histórico, também podemos afirmar que o livro didático é permeado de objetivos e valores sociais que se pretendia construir na escola. Nos primeiros anos do século XX, os livros serviram de guia para entendermos práticas escolares que ocorreram dentro destas instituições, pois são “testemunhos de conteúdos de naturezas diversas no que tange a valores morais, éticos, sociais cívicos e patrióticos” (CORRÊA, 2000, p.11). Segundo Fonseca (1999),

[...] livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos. (...) Atuam, na verdade, como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo (FONSECA, 1999, p. 204).

Nesse sentido, à compreensão sobre o processo de ensino e de conteúdos didáticos, bem como da popularização das instituições escolares, fizeram crescer a produção de obras didáticas.

Para tanto, levantamos o seguinte problema de pesquisa: como eram as orientações didáticas de gramática no Livro *Lições da Língua Materna*? Outras questões emergiram a partir desta: Quais conteúdos de gramática eram abordados em *Lições da Língua Materna*? Quais os métodos utilizados para o ensino de gramática na obra? Quais os protocolos de leitura na obra? Desta forma, o objetivo geral dessa investigação é analisar as orientações didáticas de gramática no Livro *Lições da Língua Materna*. Os objetivos específicos são: identificar os métodos de ensino adotados na obra; bem como compreender os conteúdos de gramática na obra.

Tomamos como referencial teórico para o desenvolvimento dessa pesquisa Bittencourt (2004), Razzini (2000), Fávero (2009), Galvão e Batista (2003), Lajolo e Zilberman (1996) - livros didáticos. Sobre autoria, processo de produção da obra e os protocolos de leitura utilizaremos Chartier (1999), bem como Foucault (2012) para analisar os discursos presentes na obra.

Os discursos que antecedem o conteúdo didático em *Lições da Língua Materna* reforçam esse entendimento de que a produção do discurso é controlada por poderes e influências que selecionam os sujeitos que falam (FOUCAULT, 2012), quando levamos em consideração as pessoas que neles aparecem.

Para atender aos objetivos propostos, este trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo intitulado *Lições da Língua Materna e o ensino de gramática na Paraíba da Primeira República*, fizemos uma breve retrospectiva sobre o ensino de gramática e a importância da aprendizagem desse saber para a formação da ideia de uma identidade nacional, efetivada por meio da língua e das perspectivas de mudanças na educação e no ensino de língua portuguesa, trazidas pelos ideais republicanos que impulsionaram a produção de obras didáticas. Além disso, foram discutidos os porquês da criação da obra e da adoção do método intuitivo como referência.

Em seguida para tratar das questões em torno dos discursos antecedentes ao conteúdo de gramática na obra, constituindo-os como os protocolos de leitura, foi elaborado o capítulo *A construção do livro didático: um olhar sobre os protocolos de leitura*. Levando em consideração que dizem respeito aos discursos oficiais (jornal,

políticos da época, além daquele proferido pelo autor que também atuou como político), buscamos analisar as intenções de cada discurso sobre o livro didático de Xavier Junior e a importância da presença destes no trabalho.

Por fim, o capítulo *Uma gramática para a infância: conteúdos, métodos e objetivos*. Neste foi realizada uma análise do conteúdo do livro, identificando os saberes presentes e a maneira como foram abordados, considerando o contexto de sua publicação e os objetivos para o ensino de gramática dessa época.

Assim, os livros didáticos são objetos culturais datados e que constituem importante fonte histórica, possibilitando a compreensão daquilo que era ensinado, além das representações de professor e aluno. Eles são elaborados com o intuito de atender expectativas pedagógicas existentes na época de sua produção considerando o conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. O estudo do livro *Lições da Língua Materna* (1906), de Francisco Xavier Júnior, buscou compreender as propostas e os métodos para o ensino de gramática na escola elementar primária no início do século XX, atentando aos objetivos e interesses relacionados ao ensino da língua materna.

2 LIÇÕES DA LÍNGUA MATERNA E O ENSINO DE GRAMÁTICA NA PARAÍBA DA PRIMEIRA REPÚBLICA

2.1 Sobre o ensino de gramática

O ensino de gramática esteve presente na história das línguas no Brasil desde a chegada dos jesuítas e da implantação das primeiras escolas de ler, escrever e contar. Enquanto instrumento para o ensino-aprendizagem de língua, a gramática viabilizou a comunicação entre os povos brasileiros desde o período colonial. A partir do entendimento de que a língua é a marca de identidade de um povo, o seu estudo constitui uma fonte de pesquisa para a compreensão de um legado cultural e linguístico.

A aprendizagem da gramática se estabeleceu como o caminho para aprendizagem das linguagens, todas as línguas que se falavam aqui no Brasil incluindo as indígenas, serviram de base a todas as ciências (CARDOSO, 1873). Além de base da civilidade, os exercícios gramaticais, durante o século XVI e XVII, foram considerados fatores de elevação espiritual, juntamente com o estudo da retórica e da dialética (GADOTTI, 1993). Como afirma Fávero (2009), após aprender a ler e escrever passava-se ao ensino da gramática latina, da retórica e da poética. Seu estudo durante o período colonial tinha como objetivo manter o alto nível de formação daqueles que seriam os futuros dirigentes na sociedade.

No século XVIII, a partir da reforma imposta pelo Marquês de Pombal em 1759¹, a língua portuguesa se efetivou como única e oficial a ser ensinada e falada no Brasil. O estudo da gramática portuguesa foi incluído no currículo escolar, juntamente com a retórica e a gramática latina.

Até meados do século XIX, o conhecimento de gramática era considerado um prestígio, símbolo de erudição e cultura, uma tradição mantida ao longo de três séculos. Assim, o ensino gramatical tinha o domínio, conforme cita Pessanha (2006),

a) da língua como patrimônio cultural fixado pelos autores dos excertos selecionados, considerados modelos incontestáveis; b) da

¹A Reforma foi imposta pelo Marquês de Pombal a partir do Alvará Régio de 28 de junho de 1759 que tornou obrigatório o ensino de língua portuguesa no Brasil. De acordo com esta reforma os mestres de ler, escrever e contar seriam obrigados a ensinar não somente a boa forma dos caracteres; mas também as regras gerais da ortografia portuguesa, e o que necessário for da sintaxe dela.

modalidade escrita da língua pela leitura dos excertos, unida à observação e imitação do estilo dos autores; c) dos valores morais veiculados pelos textos, segundo os padrões da moral dominante oficial; e das d) regras gramaticais, pelas ocorrências exemplares identificadas nos excertos consideradas modelos de desempenho linguístico (PESSANHA, 2006, p. 03).

A permanência da gramática latina e dos textos da literatura clássica da antiguidade como modelo de padrão e cultura para o ensino de gramática continuavam a privilegiar o ensino da norma culta, conforme a Carta Primeira do Verdadeiro Método (1746) “a Gramática [...] é a arte de falar e escrever corretamente. Todos aprendem sua língua no berço; mas se acaso se contentam com essa notícia, nunca falarão os homens doutos” (VERNEY, 1949, p. 19), e por esta razão aprender gramática era crucial para o aprimoramento da língua.

Uma tradição constituída na história da educação escolar no Brasil, na qual, conforme afirma Bastos (2002, p. 54-55), “o ensino destinava-se, fundamentalmente, às camadas privilegiadas da população, as únicas que tinham acesso assegurado à escolarização”, uma realidade que prevaleceu até o século XX.

Esse padrão, baseado no estudo dos clássicos, do latim, retórica e poética, não trazia simplicidade nem clareza para o ensino de língua. A esse respeito Bittencourt (2004, p. 77), nos diz que “O currículo humanístico pressupunha uma formação desprovida de qualquer utilidade imediata, mas era por intermédio dele que se adquiriam marcas de pertença a uma elite”. Ainda segundo a autora, o estudo da gramática latina “não visava simplesmente formar um conhecedor de uma língua antiga, mas servia para que o jovem secundarista fizesse citações e usasse expressões, características de um grupo social diferenciado do ‘povo iletrado’” (BITTENCOURT, 2004, p. 78). Além disto, fatores externos contribuíram para manter o padrão no ensino de gramática, não havia motivos para a mudança, pois,

[...] fundamentalmente, continuaram a ser os mesmos aqueles que a escola servia: os grupos social e economicamente privilegiados, únicos a ter acesso à escola; pertencentes a contextos culturais letrados, chegavam às aulas de português já com um razoável domínio do dialeto de prestígio (a chamada norma culta padrão), que a escola usava e queria ver usado, e já com práticas sociais de leitura e escrita frequentes em seu meio social (SOARES, 1998, p. 01).

Na Paraíba, o ensino da gramática seguia essa tradição e permaneceu por um longo período baseado nos ideais de *falar bem e escrever bem*,² manteve seu *status* de destaque na sociedade; prevaleciam os antigos métodos voltados para formar uma elite culta e religiosa, que aprendia a arte de falar e escrever corretamente. Os métodos utilizados estavam preocupados em valorizar a experiência e o passado.

Dentre os livros utilizados para o ensino de gramática, latim e língua nacional, ao longo do século XIX no Lyceu, na Paraíba estavam: *Grammaticas da Lingua Franceza*, de Sevene, *Diccionario da língua Portuguesa* de Constancio, *Lusiadas* de Camoes, *Cartas Selectas* de Vieira, *Diccionario da Lingua Latina* de Ramalho, *Ditos de varias línguas* de Calepinos, *Novo Methodo da Grammatica Latina* de Antonio Pereira, *Fabulas* de Phedro, *Eneida* de Virgilo, entre outros clássicos da literatura.

No Lyceu Paraibano, o ensino de gramática para a educação secundária também mantinha como base o modelo de ensino de língua portuguesa utilizando obras clássicas conforme podemos observar em determinação do estatuto dessa instituição escolar na Resolução 26 – de fevereiro de 1846, capítulo 14, Art. 89³:

1ª Cadeira: **Gramatica Latina**: do Padre Antonio Pereira; Cornélio, Vida dos Imperadores, Fábulas de Fedro; Salustio, Vergílio; Arte Poética, de Horácio.

2ª Cadeira: **Gramatica Francesa**, por Emilio Saven; Aventuras, de Telêmaco; Teatro, de Voltaire.

3ª Cadeira: Rethorica; do Padre Marinho, Poética, de José Pedro da Fonseca, Geografia, de Urculo; Chorographia, do Padre Miguel; História, principalmente do Brasil, de Bellegarde (PINHEIRO; CURY, 2004, p. 30).

Conforme se observa a partir das obras adotadas no Lyceu, buscava-se uma escolarização baseada nos moldes de cultura dos países desenvolvidos para o ensino gramatical, por isso a indicação de uma gramática latina e de outra francesa, além é claro do estudo da retórica. Acreditava-se que a apropriação da cultura dessas nações consideradas “superiores e civilizadas”, era indispensável para a formação humana. O ensino de francês obrigatório era um exemplo desse ideal de cultura e civilidade. Nesse sentido “as humanidades clássicas definiram-se sobretudo por seu caráter

² *Falar bem e escrever bem* significava estar de acordo com a norma culta da língua.

³ PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira e CURY, Cláudia Engler. *Leis e regulamentos da instrução da Paraíba no período imperial*. Brasília, DF: MEC/ INEP, 2004.

formador, por uma educação estética, retórica, mas igualmente moral e cívica.” (CHERVEL; COMPÈRE, 2009, p. 40)

O objetivo com esse tipo de ensino era preparar os alunos, filhos das elites que cursavam o ensino secundário, para ingressarem na educação superior. Dessa forma, contribuiu para aumentar o poder das elites que com seus futuros profissionais formados assumiriam cargos públicos administrativos, esses profissionais bacharéis, jornalistas, médicos, seriam também futuros professores que iriam continuar formando a elite paraibana da época. Eram esses profissionais que na maior parte dos casos ministravam o ensino da língua portuguesa, pois não havia profissionais formados para ensinar, tendo em vista que o ensino superior de língua portuguesa só teve início no ano de 1939. A esse respeito Soares (1998) comenta que no país durante muito tempo:

Eram estudiosos autodidatas da língua e de sua literatura, com sólida formação humanística, que, a par de suas atividades profissionais (eram médicos, advogados, engenheiros e outros profissionais liberais) e do exercício de cargos públicos, que quase sempre detinham, dedicavam-se também ao ensino; exemplos São João Ribeiro, Júlio Ribeiro, Franklin Dória, Carlos de Laet, Fausto Barreto, Antenor Nascentes, Francisco da Silveira Bueno, Eduardo Carlos Pereira, nomes conhecidos por suas publicações: gramáticas, antologias, estudos filológicos, estudos literários (SOARES, 1998, p. 2).

Também eram utilizados na Paraíba até o final do século XIX, os compêndios que eram adotados pelo Colégio Imperial Pedro II para o ensino de língua, tendo em vista que este estabelecimento de ensino servia de referência para os demais colégios do Brasil. Lá utilizava-se o *Novo Método da Gramática Latina* e as *Cartas seletas do Padre Antonio Vieira*, de acordo com a determinação da Lei nº 11, de 24 de Março de 1836, artigo I, no capítulo 14, em seu Artigo 89⁴. Segundo Razzini (2000) a gramática ensinada nesse colégio e, conseqüentemente, nos demais, já que empregavam e seguiam seu modelo, era uma espécie de mistura dos elementos clássicos das disciplinas de Retórica e Poética, uma formação com base clássica. De acordo com a autora:

⁴ PINHEIRO; CURY. .op. cit. , p. 95.

Inicialmente, as aulas de Português no Colégio Pedro II, (...) dedicavam-se apenas ao estudo da gramática, aos poucos, elas foram absorvendo práticas pedagógicas e conteúdos de aula de retórica. Primeiro vieram a leitura literária e a recitação (1855), para auxiliar o ensino da língua que, no entanto, continuava a ultrapassar o primeiro ano. Depois da ascensão do Português nos Exames Preparatórios (responsáveis pela ampliação da carga-horária), entraram no currículo de Português a Redação e a Composição (1870) e, depois da queda da Retórica e da Poética, ainda veio a gramática histórica (1890) (RAZZINI, 2000, p. 238)

Outra gramática utilizada na Paraíba, no século XIX, fora a do Padre José Antonio Lopes da Silveira, um lente catedrático⁵ do Liceu que na sua condição de mestre elaborou a pedido do governo provincial, recebendo gratificação para a elaboração do trabalho, um *Compêndio de Gramática da Língua Nacional (sem data)*, que foi adotado por ordem das autoridades como o Compêndio didático para o ensino de língua materna a ser utilizado na província (CURY, 2008). Segundo afirma Fávero (2009), foi apenas no começo do século XIX que:

As primeiras gramáticas escritas por brasileiros são do início do século XIX e podem ser consideradas, como o fez Antenor Nascentes (1939, p. 23), livros portugueses, pois não tratam das diferenças que já apresenta a língua falada no Brasil e seguem todas a linha da gramática filosófica, continuando a tradição logicista (*une science est une langue bien faite*), com a influência de Sánchez, Port-Royal, Enciclopedistas, a teoria das elipses, o conceito de verbo-substantivo e o dogmatismo do certo e errado, que ainda hoje permeiam nossas gramáticas (FÁVERO, 2009, p. 20).

Basicamente até a segunda metade do século XIX, o ensino de gramática esteve amarrado ao conhecimento das línguas clássicas latim e grego; com o ensino gramatical, buscava-se desenvolver algumas habilidades de expressão, bem como maior rigor na colocação das ideias e proposições, adequando da melhor forma possível a língua às ideias. A partir de então, o entendimento da língua como um organismo vivo e que passa por mudanças, fez com que a gramática fosse estudada como as outras ciências. Sobre este entendimento Ruy Barbosa (1883), afirma que

[...] o ensino de língua não se confunde com o ensino da gramática não é lícito contestar... Nobre e profícua aplicação da inteligência é a gramática, mas não entendida como entre nós; não encarada como

⁵ Professor titular;

urdidura metafísica; não apresentada como jogo de fórmulas e categorias ideais, mas considerada como um produto histórico. (BARBOSA, 1947 [1883], p. 219)

Formava-se uma nova perspectiva de estudo da linguagem baseada no método científico. Um novo pensamento surgia, reconhecendo, por fim, a importância das ciências nos estudos da linguagem (ELIA, 1961). A partir deste período, iniciava-se um novo pensamento que buscava organizar o estudo/ensino de gramática, tomando como orientação a língua em constante processo de mudanças; o que ocasionou a implantação de novas doutrinas para o ensino da gramática (MACIEL, 1894).

O ensino de uma gramática comum no Brasil, no século XIX e começo do século XX, visava fortalecer a ideia de nação na população, ou seja, de que uma cultura comum por meio de uma língua é essencial para fortalecer o nacionalismo. Por meio da gramática buscava-se normatizar o campo educativo e definir políticas de atuação, a fim de uniformizar as práticas pedagógicas.

Nesse sentido, a escola viria a desempenhar um papel importante enquanto espaço de reprodução de ideologias e, também, em termos de homogeneização. Hobsbawm (2002) acreditava que a língua cultural oficial dos dominantes e da elite frequentemente transformaria na língua real dos Estados modernos via educação pública e outros mecanismos administrativos. Segundo Guibernau (1997, p. 80), isso reafirma a ideia de “um povo, uma nação, uma língua”.

Enquanto instituição social, a escola, formadora de valores, tem papel decisivo na constituição de valores, tradições e culturas compartilhadas, sendo difusora de conhecimentos específicos com objetivo de fortalecer a nação (GRAFF, 1987). Nessa direção, a

[...] maior função da escola foi ensinar um novo patriotismo além dos limites naturalmente conhecidos por seus pupilos. A escola foi, a princípio, um agente de socialização. A mensagem era comunicada com maior eficiência juntamente com a leitura e a escrita. A tarefa da escola incluía não só sentimentos nacionais e patrióticos, como firmava a unidade numa nação há muito dividida em regiões, culturas, línguas e duradouras divisões sociais de classe e de riqueza. Ensinar a ler e a escrever envolvia constante repetição do catecismo cívico-nacional, em que a criança era impregnada de todos os deveres que dela se esperavam: defender o Estado, pagar impostos, trabalhar e obedecer às leis (GRAFF, 1987, p. 265).

A expansão da educação, a partir da segunda metade do século XIX, foi crucial para a propagação das ideologias nacionalistas. Nesse contexto, o ensino de gramática ganhou novas proporções, passando a ser estudado sob a luz da ciência do ponto de vista científico, dando início a um processo de gramatização da língua.

Este movimento buscava demonstrar as especificidades do português brasileiro, diferenciando-o do português de Portugal, o que impulsionou a produção de instrumentos primordiais para o ensino de língua, os dicionários e as gramáticas. O saber sobre a língua foi um dos meios de representação de unidade Nação/Estado. Dessa forma, ao longo do século XIX, a identidade linguística, constituída por meio do ensino de gramática, funcionou como uma identidade nacional efetivada por meio da língua.

Esse gesto de apropriação da língua foi um passo muito importante dado pelos gramáticos, pois serviu de base teórica e científica para a produção de gramáticas da língua portuguesa no final do século XIX, dentre as quais: *Grammatica analytica e explicativa da Língua Portuguesa* (1871), de Candido Matheus de Faria Pardal, *Primeiras Noções de Grammatica Portuguesa* (1877), de Joaquim José de Menezes Vieira, *Grammatica Elementar Portuguesa* (1880), *Manual do Examinando Portuguez* (1883), de Antonio Estevam da Costa e Cunha, *Primeiro livro ou expositor da língua materna* (1883), *Postillas de Gramática Portuguesa* (1883), de Joaquim José de Amorim Carvalho, *Grammatica Portuguesa* (1884) de Cyrillo Dilermando da Silveira *Grammatica Portuguesa* (1887), de João Ribeiro, *Lições Praticas de Orthographia ou livro para o dictado nas escolas primarias* (1887), de João da Matta Araújo, *Gramática Analítica* (1887) e *Gramática Descritiva da Língua Portuguesa* (1894), de Maximino Maciel, *Nova Grammatica Portuguesa* de Bento José de Oliveira, *modificada e reduzida a compendio elementar* (sem data), de Augusto Candido Xavier Cony.

O *status* de ciência para a disciplina de gramática creditou a esta vários títulos: Gramática Nacional⁶, Gramática Filosófica⁷, Gramática Descritiva⁸. Todas essas nomenclaturas tinham como base uma concepção linguística que direcionava finalidades de ensino para a língua portuguesa. Com a publicação do programa de

⁶Essa definição é reflexo da luta pela nacionalidade da corrente romântica. A esse respeito ver *A língua nacional e outros estudos linguísticos*, de João Ribeiro.

⁷ Exerceu bastante influência no ensino de gramática portuguesa durante o século XIX, utilizava a comparação do vernáculo com o latim.

⁸ Não previa estabelecer normas de conduta, apenas baseando-se no método histórico-comparativo.

Fausto Barreto⁹, em 1887, que previa reformas para o ensino de português, novas doutrinas modernas influenciaram o ensino de gramática, e o ensino de língua materna agora deveria também se basear nos preceitos do método intuitivo.

O método intuitivo, ou *Lições de Coisas*, traduzido por Rui Barbosa em 1881 e publicado no Brasil em 1886, previa uma orientação segura para a condução dos alunos, por meio de um método de ensino concreto, racional e ativo em que se ensinava partindo do simples para o complexo. A utilização do método intuitivo no Brasil teve início nas últimas décadas do século XIX, um ensino com o espírito mais prático e menos teórico, mais adaptado ao público a quem se destinava, neste caso o público infantil.

As propostas de inovação nos métodos de ensino, juntamente com a propagação do ideário liberal republicano, segundo Hilsdorf (1986), viram no método intuitivo uma estratégia para adaptar à escola ao projeto político modernizador, fazendo intervenções e mudanças nas práticas pedagógicas.

O *Collegio Parahybano*, em 1892, já utilizava as orientações do método intuitivo como guia para o ensino primário, pois o uso deste método implicava estar em harmonia com os modernos processos de ensino, conforme mostra o anúncio do jornal *O Estado da Paraíba* (Figura 1):

⁹ Filólogo, jornalista, professor e político brasileiro Fausto Barreto tornou-se o centro de onde se irradiaram os delineamentos gerais, o trabalho de síntese das novas aquisições filológicas, adscritas ao ensino da língua materna. O que foi este programa, a influência que exerceu, o efeito que produziu pela orientação que paleava, desviando o alvo do curso das línguas, agitando questões a que se achavam alheios muitos docentes, é mister assegurá-lo, assinalou nova época na docência das línguas e, quanto à vernáculo, a emancipava das retrógradas doutrinas dos autores portugueses que responsávamos.

Figura 1 - Anúncio do Collegio Parahybano, em 1892.

113

... de qualquer natureza, mediante a com-
missão de 3%. Aquellas pessoas que quizerem
honrar-lhes com a sua confiança, queiram men-
cionar nas procurações que passarem os se-
guintes nomes:

Manoel Henriques de Sá, Arthur
Henriques de Sá e Idalino Montezu-
ma de Menezes Junior, cujas pessoas são
de sua inteira confiança.

COLLEGIO PARAHYBANO

RUA DE S. BENTO N.º 1 e 3

Curso de instrucção primaria e secundaria
para ambos os sexos.

Acceitam-se alumnos internos, externos e
meio-pensionistas.

Ha accommodações distinctas para os alum-
nos dos dous sexos.

A educação primaria, pela qual se empe-
nham cuidadosamente seus directores, é prati-
cada de harmonia com os modernos processos
de ensino, seguindo-se quanto possivel, o me-
thodo intuitivo indicado por Calkins em sua
excellente obra PRIMEIRAS LICÇÕES DE
COISAS.

N'este intuito já possui o Collegio alguns
apparelhos e pretende fazer aquisição de ou-
tros.

Os Directores,

FRANCISCO XAVIER JUNIOR,
ABEL H. DA SILVA,
MARIA DA SILVA XAVIER

ESCRITURAÇÃO MERCANTIL

No final do século XIX, com a mudança para o regime republicano, interessados em normatizar o campo educativo e definir políticas de atuação, os intelectuais republicanos¹⁰, buscaram adotar uma metodologia de ensino cientificamente fundada. Por isso, tanto interesse em adaptar o ensino aos preceitos do método intuitivo, que associado ao discurso de uma educação popular¹¹, acabaria com o analfabetismo e restauraria a nação, estimulando a produção de obras didáticas com saberes que atendessem esta finalidade.

Um discurso no qual a escola, em particular a escola primária, passou a ser vista como o lugar privilegiado para a formação do cidadão. Conforme Bonfim (1993):

É pela difusão da instrução, criando um meio intelectual mais largo e mais elevado, tornando novos campos de atividades, onde se desafoguem os espíritos de combatentes e ardorosos - é por esse meio que se obterá a transformação dessas lutas: elevando suficientemente o nível intelectual das populações, porque não se prestam a quanto levante a caudilhagem prepara, porque não vão bestialmente atrás de todo o ambicioso que as convida para assaltar o governo, pronto a espingardeá-la depois. Enquanto não derem à massa popular essa instrução, continuando a pesar sobre as sociedades esta influência nefasta do passado, as lutas materiais persistirão, concorrendo para fazer estas nacionalidades cada vez mais infelizes [...] (BOMFIM, 1993, p. 283).

A esse respeito também nos alerta Calkins (1950) que:

O mais importante período na educação é o que decorre na sala de aula de primeiras letras. Ou os que assumem, pois, o encargo de educar crianças nessa quadra da vida, deviam ser especialmente aparelhados para ele, adestrados na cultura dos sentidos, peritos em ensinar coisas reais, cada qual com a palavra que os represente, hábeis, afinal, em encaminhar o espírito, a retificar as suas concepções (CALKINS, 1950, p. 35).

Aqui esse período de efervescência de novas ideias em torno da educação primária nos primeiros anos de república, que tomando como referência às orientações do método intuitivo conforme visto no anúncio mostrado anteriormente do *Collegio Parahybano*, que o professor Francisco Xavier Junior publica na Paraíba, em

¹⁰ Dentre eles destacamos Manoel Bomfim, Benjamin Constant e Rui Barbosa.

¹¹ De acordo com Souza (1992) Ao se falar em educação popular, educação do povo, fazia-se referência ao ensino primário, [...] que deveria ser universalizado. Decorre, portanto, o entendimento da escola primária como sendo o tipo da escola destinada ao povo por excelência.

1906, *Lições da Língua Materna*, uma gramática da língua portuguesa para as crianças do ensino primário.

2.2 Francisco Xavier Junior e o porquê de *Lições da Língua Materna*

Os objetos e objetivos para o ensino de gramática, que haviam se constituído, ao longo da história no Brasil, tornaram seu ensino algo não funcional e desarticulado com a realidade de uso da língua. Um ensino baseado na orientação humanística na qual a função básica com o ensino de língua portuguesa era:

Levar [o aluno] ao conhecimento, talvez mesmo ao reconhecimento, das normas e regras de funcionamento [do] dialeto de prestígio: ensino de gramática, isto é, ensino a respeito da língua, e análise de textos literários, para estudos da Retórica e poética. (SOARES, 2006, p. 01)

As orientações tradicionais trazidas do século XIX na educação paraibana continuavam nas primeiras décadas do século XX: o estudo do latim, a leitura de textos de autores consagrados para que a escrita destes servisse de exemplo do bom uso do português escrito e reforçasse ao mesmo tempo em que auxiliaria o domínio da norma culta da língua pelos alunos.

Em meio a essa realidade de dificuldade de ensino e aprendizagem de gramática, consequência dos métodos de ensino utilizados, a ideia de elaborar um manual para o ensino de língua materna no ensino primário, que se adaptasse ao público infantil, acompanhando seu ritmo, passa a ser importante e iminente, levando em consideração o período histórico marcado pelo ideário de educação escolarizada das camadas populares como mote para construção da nacionalidade brasileira (BOMFIM, 1993). Como o ensino de língua portuguesa sempre serviu de base para o ensino das demais disciplinas, continuar com um ensino de gramática que tinha como orientação o método dedutivo¹² não contribuía com a aprendizagem, nem auxiliaria

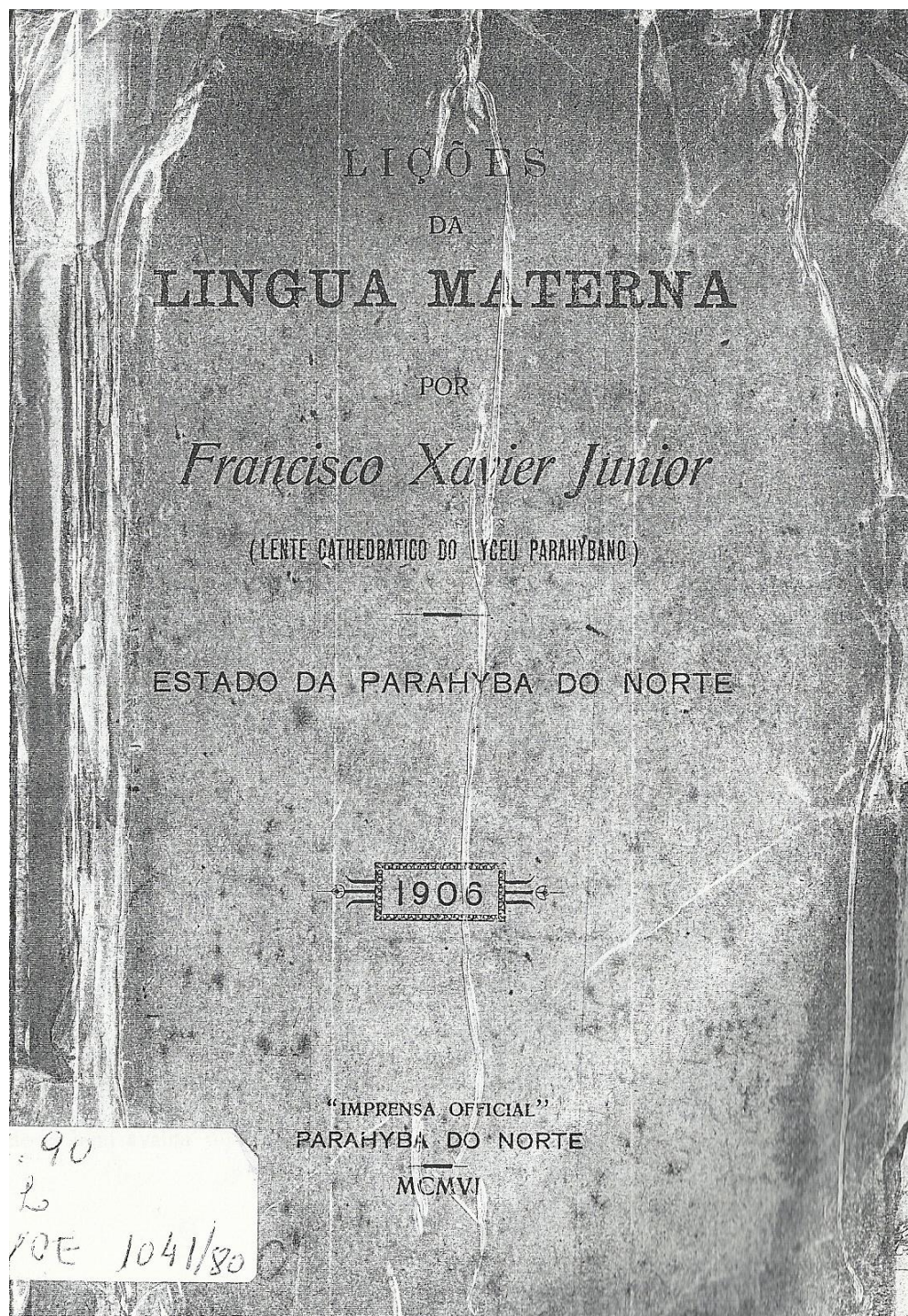
¹² Conforme a orientação do método dedutivo parte-se do geral para o particular. Partindo de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis, permite chegar a conclusões puramente formais, em benefício de apenas uma lógica. Esse método foi utilizado no ensino tradicional no qual o professor é a figura central e o aluno apenas um receptor passivo de conhecimentos tidos como verdades absolutas.

com os objetivos da época de acabar com o analfabetismo que impedia o progresso da nação (BARBOSA, 1947).

Os primeiros anos de República marcados pelos ideais positivistas, queriam dar ao ensino um novo valor; querendo algo diferente da educação tradicional, buscavam a popularização do ensino, uma escola ativa moldada numa pedagogia científica. Diminuir o analfabetismo era um dos objetivos principais da educação primária na república.

Nessa direção, Francisco Xavier Junior, professor paraibano que ensinava Latim, Português, Geografia e História do Brasil, no Liceu Paraibano e que exerceu também a Diretoria desta instituição e da Escola Normal Oficial no período de 1908 a 1912, além da Direção da Instrução Pública no período de 1912 a 1915, elaborou uma obra que tornasse o ensino de gramática funcional, tendo em vista que a língua portuguesa como língua pátria e oficial da educação precisava ser ensinada de uma maneira que fosse acessível à realidade dos alunos. Uma realidade em que “a economia do Estado estava fundada na escravidão e no latifúndio. [...] a educação do povo não interessava diretamente” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 20). Assim, a proposta de *Lições da Língua Materna* (Figura 2) era a de um “trabalho que satisfizesse as necessidades do ensino elementar da língua pátria” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI).

Figura 2 - Capa do livro *Lições da Língua Materna* de Francisco Xavier Junior, publicado em 1906 na Paraíba.



Fonte: Xavier Junior (1906).

O título *Língua Materna* aparece em letras maiúsculas. Podemos entender como uma intenção de reforçar a ideia de uma língua como marca de identidade de uma nação, conforme já foi dito, considerando que o período de publicação da obra fora marcado pelas ideologias nacionalistas dos primeiros anos de República.

Portanto pode-se supor que o termo *Materna* tenha sido empregado no intuito de valorizar a língua nacional dentro do entendimento de que “a língua formava um grande quadro de identidade nacional. Esta se expressava na literatura de um povo que devia ser imitada” (MARCUSHI, 1998, p. 3).

Novas orientações que tinham como referencial o método positivista¹³ começam a nortear o ensino de gramática a fim de valorizar o ensino da língua portuguesa falada no Brasil. Essas concepções previam um ensino que visasse a reflexão/compreensão da gramática e não apenas memorizar e repetir regras gramaticais como afirma Luzuriaga (1955, p. 247) “(...) dantes, enchia-se a cabeça do aluno com uma série interminável de definições, por meio duma instrução imbuída na memória à forma de repetições tantas vezes reproduzidas quantas eram necessárias para que o fato aí permanecesse (...)”. O ensino de língua previa reforçar a ideia de que toda língua tem uma gramática, que serve para colocar sob a forma de leis ou regras as tendências de linguagem de um grupo linguístico específico, que marcava sua identidade nacional.

Nessa direção, Francisco Xavier Júnior, ao propor uma gramática que estivesse em harmonia com os “modernos processos da psychologia pedagógica”, (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI), baseado no método intuitivo, reforçava os discursos nacionalistas que tinham a intenção de, com o ensino de língua materna, unificar, por meio de um conjunto de valores, regras e ideais, os membros de uma sociedade que encontrariam um referencial comum, uma identidade social, aprendendo os saberes padronizados sobre a língua vigente. Nesse ponto, os livros auxiliam nessa homogeneização de comportamentos que devem ser seguidos e conhecimentos que devem ser aprendidos.

Na capa do livro também aparece em destaque, logo após o nome do autor, a referência de que se trata de um *Lente Cathedratico do Lyceu Parahybano*, ou seja, um mestre de confiança a quem se solicita a produção de uma obra didática, pois “os homens de ‘confiança’, de poder seriam, evidentemente, o grupo ideal de autores de obras didáticas” (BITTENCOURT, 1993, p. 28). O próprio termo *cathedratico*, que

¹³De acordo com a orientação positivista a escola deve privilegiar a busca do que é prático, útil, objetivo, direto e claro. Assim, o pensamento positivista se empenhou em acabar com a escola humanista, religiosa, influenciando bastante a prática pedagógica que conforme o positivismo deveria ser sustentado pela aplicação do método científico: seleção, hierarquização, observação, controle, eficácia e previsão. No Brasil, o movimento republicano se alicerçou em ideias positivistas para formular sua ideologia da ordem e do progresso, em particular, graças à atuação de Benjamim Constant (1836-1891).

significa indivíduo que conhece a fundo determinado assunto, reafirma isso. Além de um homem de letras e um *cathedrático*, duas qualificações para o autor aparecem logo na capa para dizer que, de fato, se trata de uma obra de qualidade, feita por quem entende do assunto e aprovada pelo governo da época, numa tentativa, talvez, de validar o livro antes mesmo de apresentar seu conteúdo didático.

A elaboração de obras didáticas pelos homens de letras era uma prática comum, por exemplo, no caso do Lyceu Paraibano, desde o período do oitocentos quando de sua fundação, que seus mestres, na época, eram padres, em sua maioria. Estes eram os responsáveis pela elaboração dos compêndios didáticos a serem utilizados por seus alunos (CURY, 2008), os autores dos livros recebiam gratificação do governo para produzir a obra (BITTENCOURT, 1993).

Ainda a respeito da capa também há a indicação de que o trabalho fora publicado pela Imprensa Oficial, o que nos dá indícios de que a circulação do livro estava assegurada pelo governo, pois se tratava de um livro aprovado por este para ser adotado e utilizado nas escolas públicas. Uma relação de trocas na qual o autor tem o sucesso de seu livro/obra garantido ao fazer propaganda do governo, a publicidade do nome do governo, além de dinheiro e da valorização da obra frente ao público, tendo em vista que carrega o nome do governo na capa. Provavelmente, este fato tenha sido um dos motivos que ajudou a circulação da obra durante muito tempo, tornando-o um dos livros indicados para o ensino de língua materna até o ano de 1947, pela Comissão Nacional do Livro Didático, na relação de livros autorizados para o uso no ensino primário na Paraíba, conforme publicação do Diário Oficial da União do referido ano (Anexo A).

Essa prática reafirma o entendimento de que a escola é um espaço reprodutor não somente de conhecimentos escolares, mas também de interesses que envolvem produções político-sociais didáticas, que muitas vezes ultrapassam as dimensões didáticas, focando em outros assuntos, outras abordagens que a escola deseje transmitir e que estão de acordo com a orientação social vigente (CHERVEL, 1990).

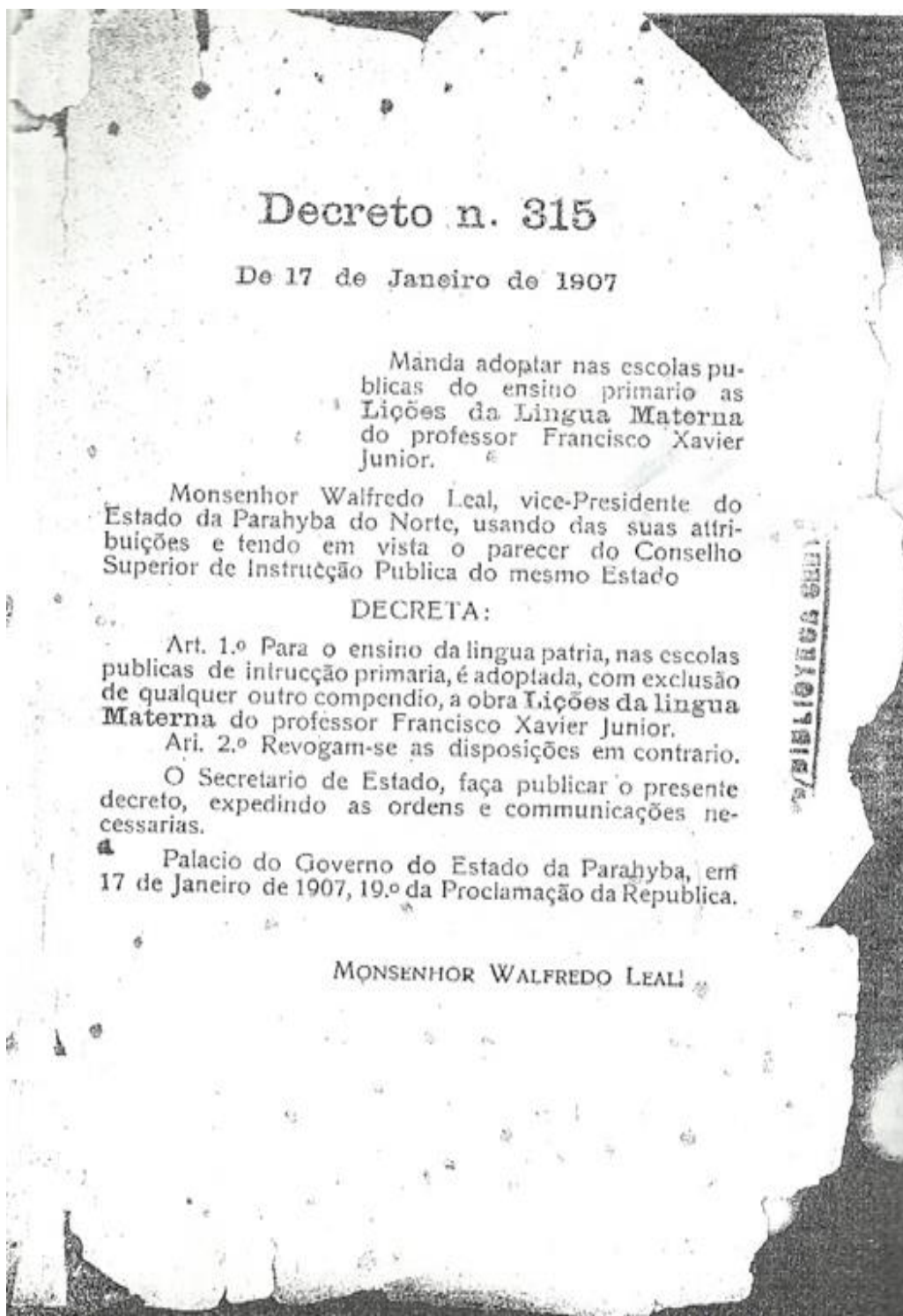
No início no século XX, devido às diversas manifestações e interesses a favor da nacionalização dos livros (produção) escolares e da ampliação das escolas primárias, a produção e venda das obras didáticas foi impulsionada. É nesse contexto que a obra *Lições da Língua Materna* é idealizada e produzida, por se tratar de um momento de fortes expectativas em relação a educação, pois além do dinheiro (que viria com a venda do material) trazia muito prestígio ao autor (e aos participantes).

O livro didático, sendo um objeto cultural, portador de valores acessíveis à criança e ferramenta de trabalho do professor, era elemento indispensável, pois nesse momento histórico era

[...] essencial garantir a difusão do veículo nação-território, necessitando-se dos estudos de geografia para o conhecimento do espaço físico do “país” e da História Nacional para legitimar as formas de conquista do “continente que é o Brasil”. Os livros didáticos deveriam sistematizar e divulgar tais conhecimentos e o Estado incentivou uma produção local capaz de auxiliar a formação do “sentimento nacionalista”, sem deixar, entretanto, que as futuras gerações de letrados perdessem o sentimento de pertencer ao mundo civilizado ocidental (BITTENCOURT, 1993, p. 30-31).

O fato de Francisco Xavier Junior ser um homem de letras, professor do Liceu Paraibano e da Escola Normal, além de seu papel na vida política do Estado, por estar atuando como prefeito da capital no ano de publicação do livro, foram fatores determinantes para a aceitação do governo e para circulação da obra na Paraíba, considerando, portanto, que o autor se encontrava numa posição favorável, a de professor e a de político. O que também motivou a adoção do livro, com exclusividade, para o ensino de gramática na instrução primária nas escolas públicas do Estado da Paraíba, conforme é possível observar (Figura 3), no Decreto n. 315 de 17 de janeiro de 1907:

Figura 3 - Decreto determinando a adoção do livro Lições da Língua Materna para o ensino primário na Paraíba em 1907.



Fonte: Xavier Junior (1906).

Outro fato importante e que chama atenção é a presença do Decreto determinando a adoção do livro como único a ser utilizado para o ensino da 'língua pátria' dentro da própria obra. Qual seria realmente o interesse do autor ao colocar

esse decreto no livro? Validar ainda mais a obra mediante o público, e inibir a circulação de outra obra com o mesmo conteúdo que viesse a aparecer na Paraíba durante a mesma época? Reforçar a importância e relevância da obra? Essas são questões que levantamos ao analisar o Decreto 315 de 17 de janeiro de 1907, que em seus artigos determina:

Art. 1: Para o ensino de língua pátria, nas escolas públicas de instrução primária, é adoptada, com exclusão de qualquer outro compendio, a obra *Lições da Língua Materna* do professor Francisco Xavier Junior.

Art. 2: Revogam-se as disposições em contrário (XAVIER JUNIOR, 1906, p. 177).

Não somente determina a exclusividade do uso de *Lições da Língua Materna*, como anula qualquer deliberação contrária, ou seja, impede a circulação de outra obra para o ensino da língua materna nas escolas primárias do Estado da Paraíba.

Considerando que os livros são pensados e elaborados para atender a determinadas demandas da época em que são produzidos, eles

[...] são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis (CHARTIER, 1999, p. 8).

Foi justamente pelas demandas educacionais daquele primeiro momento de República na Paraíba, principalmente em relação ao ensino de língua portuguesa, que o professor Francisco Xavier Junior, tomando os preceitos da psicologia da educação e sua experiência como educador, pensou numa gramática que atendesse ao público infantil.

O perfil das gramáticas utilizadas até então, segundo o autor, seguia um processo muito cansativo, no qual os manuais forneciam as exposições das regras gramaticais e sem propor exercícios que estimulassem o raciocínio, deixavam confusos os alunos, “com flagrante violação dos cânones da pedagogia moderna, sacrificam a atividade intelectual do menino, obrigando-o a representar o papel de recipiente passivo de fórmulas e definições grammaticaes” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI).

Conforme já explicitado anteriormente, a importância do ensino de português como língua materna e oficial se evidenciara-se a partir do século XVIII, quando o estudo da gramática portuguesa fora incluído no currículo escolar, juntamente com a retórica e a gramática latina. Os livros constituídos de trechos seletos de diversos autores levavam a compreensão de que a escolha de bons autores significava a aquisição de conhecimentos úteis, que tornariam as crianças capazes de utilizar bem a língua. Desde então, seguia-se a tradição do estudo de latim, que permaneceu orientando o ensino de gramática da língua oficial, o português, e também estimulando o culto aos clássicos latinos até o começo do período republicano.

Tomando como base algumas obras que já circulavam pelo país para o ensino infantil, *Grammática da Infancia* (1880) de Hilario Ribeiro e *Exercícios Preparatórios de Composição* (1881) de C. Claudino Dias, o método proposto para ser trabalhado pelo autor se aproxima, de certa forma, da proposta do livro *Lições de coisas* de Norman Calkins, em que o autor busca

[...] o processo natural de ensinar parte do simples para o complexo; do que se sabe, para o que se ignora; dos fatos, para as causas; das coisas, para os nomes; das ideias, para as palavras; dos princípios, para as regras (CALKINS, 1950, p. 31).

Partindo daquilo que o aluno já sabe, respeitando a ordem natural do seu desenvolvimento. Essa visão defendia o método intuitivo, de acordo com essa metodologia a criança aprende pela atividade e as ideias provêm da realidade, por isso, primeiro o contato com a realidade, depois, com as palavras e os livros (SOUZA, 1998).

Assim, no começo do século XX, período de publicação de *Lições da Língua Materna*, houve uma proliferação de livros didáticos com saberes que atendessem aos fins almejados, de progresso, nacionalismo, educação como base para sair do atraso econômico e social no qual se encontrava o país.

Na verdade, não somente por necessidades didáticas os livros são pensados e elaborados. No caso do livro em estudo, talvez pela necessidade de tornar mais acessível e prática a aprendizagem da língua, já que esta é um meio de unificação de um povo, é que esta proposta de ensino de gramática fora pensada, pois rompia, de certa forma, com as metodologias trabalhadas até então. Assim, era preciso popularizar o ensino e difundir por meio da escola os saberes considerados

‘indispensáveis’ para formar os cidadãos. Acreditava-se, portanto, que para isso era necessário o ensino da gramática, pois a aprendizagem da língua era o acesso para as outras aprendizagens. Dessa forma, Vincent; Lahire; Thin (2001), afirmam que o

[...] objetivo da escola é de aprender a falar e a escrever segundo regras gramaticais, ortográficas, estilísticas etc. Ora, é preciso retomar o que se tornou uma evidência cultural: a escola é o lugar de aprendizagem da língua. (...) A forma escolar de relações sociais é a forma social constitutiva do que se pode denominar uma relação escritural-escolar com a linguagem e com o mundo (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 36.)

A título de ensinar gramática com base no método intuitivo, Francisco Xavier Junior acreditava que só por meio de exercícios que trouxessem conhecimentos úteis, a partir da formação de frases, é que as crianças iriam aprender a língua, sem o entediante método de memorização de fórmulas e regras abstratas. Esse método visa “maior trabalho para o mestre e pequeno esforço intelectual por parte do alunozinho é o método que adopto e o único que deve ser observado pelo professor bem orientado” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XII).

Na época de produção do livro, na Paraíba, o discurso de modernização por meio da escolarização contribuía para a produção de materiais que auxiliassem na efetivação do processo de ensino, o livro era um desses materiais. Assim, mediante a necessidade de difundir o ensino de língua, um livro de gramática com métodos que facilitassem a mediação desse conhecimento às grandes massas, concretizaria os objetivos de remodelação da instrução primária no Estado.

Nessa perspectiva, o livro didático não é apenas uma ferramenta para auxiliar o trabalho do professor, o que deveria ser; porém ele funciona também como um material permeado de conflitos e tensões devido aos discursos que apresenta e que são autorizados por aqueles que detêm o poder em determinado período. Para Bittencourt (2004, p. 482), “a concepção de livro didático e a sua destinação eram determinações quase exclusivas do poder político educacional, que procurava, no grupo da elite intelectual, apoio para a produção desse tipo de literatura”.

Portanto, podemos concordar com Fonseca (1999, p. 204) quando afirma que o livro “é portador de uma memória nacional (...) formador de identidades, evidenciando saberes já consolidados, aceitos socialmente como ‘versos autorizados’ da história da nação e reconhecidos como representativos de uma origem comum”.

Nesse caso, talvez não só pela necessidade de um livro que respondesse as demandas didáticas para ensino de gramática dessa época, mas que efetivasse a aprendizagem da língua, de maneira objetiva, tornando-a acessível a todos, atendendo também, dessa forma, a demandas extraescolares, conforme já fora dito, de inovação na educação. Assim, o livro, além de seu papel didático, desempenha também um papel político na medida em que exerce controle não somente sobre os saberes a serem ensinados, ou seja, os conteúdos, mas também no que diz respeito a influência sobre as práticas escolares, moldando estas para alcançar os objetivos de uma formação em massa das camadas populares.

2.3 O método intuitivo como referência

O método intuitivo orientou as práticas dos professores da educação primária no Brasil nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O manual de *Lições de Coisas* de Calkins, traduzido por Rui Barbosa em 1881 e publicado no Brasil em 1886, consistia na valorização da intuição como base fundamental para todo conhecimento, ou seja, a aprendizagem aconteceria por meio dos sentidos e da observação.

Partindo do concreto para o abstrato, das ideias para as palavras, do simples para o complexo, esse método se opõe ao dedutivo, que tinha como base a memorização e a repetição de palavras, regras e textos, alguns deles muitas vezes sem sentido para a mente infantil e era utilizado até então no ensino. O método intuitivo, nesse momento, era algo inovador, capaz de mudar o atraso do ensino escolar, trabalhando com a compreensão ao invés da memorização dos conteúdos.

Rui Barbosa defendia a ideia de que a instrução deveria ser o meio pelo qual se alcançaria a modernização e transformaria o país numa nação desenvolvida. Para tanto, era necessária a utilização de modernos métodos educativos e *Lições de Coisas* seria o elemento chave para a renovação da escola primária no Brasil, o único capaz de acabar com os métodos dedutivos e verbalistas existentes nas escolas. Ainda de acordo com o pensamento de Barbosa, o

[...] que nas escolas populares entre nós se professa não é nem a gramática viva do uso constante e inteligente da boa linguagem... É o estudo absurdo, infecundo, nocivo da terminologia gramatical, estudo que todos os pedagogos modernos acusam de travar, na escola, o

adiantamento dos alunos e a que Spencer, com sobejos fundamentos imprimiu o estigma de MIL VEZES ESTÚPIDO (BARBOSA, 1947 [1883], p. 230).

De acordo com Souza (1996, p. 162) “as lições de coisas eram o método moderno por excelência, adotado por todos os países adiantados e coerentes com os cânones racionais científicos do ensino elementar”. O princípio básico agora seria, de acordo com o método intuitivo, a natureza do desenvolvimento da criança, respeitando a sua idade e o seu desenvolvimento intelectual. Como afirma Calkins (1950), dizer a uma

[...] criança aquilo que ela mesma deveria colher da sua própria observação, não é desenvolver lhe a mente. Fartar a memória de palavras, que o menino há de reproduzir em resposta a certas perguntas, não é educar. O que cumpre, é exercitar justamente os sentidos de ver, palpar, gostar, cheirar e ouvir, fazendo com que da sua atividade proceda o desenvolvimento da inteligência (CALKINS, 1950, p. 468).

Nesse período histórico havia a intensa necessidade de construção de saberes úteis que atendessem as exigências da sociedade capitalista e de produção. A educação tinha como principal tarefa moldar o cidadão republicano, tendo em vista que atendia a interesses de um projeto modernizador que pretendia homogeneizar, unificar, instaurar uma nova cultura escolar que teria como base a educação cívica, que seria o guia das condutas educativas fortalecendo a definição de nação brasileira, pois “mofadas e superadas estariam ideias e práticas pedagógicas, a memorização dos saberes, a tabuada cantada, à palmatória, os castigos físicos etc.” (SCHUELER; MAGALDI, 2009, p. 35). O interesse era de reinventar a nação por meio de uma nova educação.

Sendo o livro um objeto cultural (CHARTIER, 1992), ele funciona como um instrumento indispensável para controlar a escola e a influência que esta exerce sobre a sociedade, principalmente se tratando de um período histórico no qual a educação primária foi edificada com o propósito de acabar com o atraso e a precariedade em que se encontravam as escolas imperiais nos anos finais do século XIX.

Num contexto de urbanização desordenada e de industrialização, marcado pelo desejo de mudanças, o novo regime republicano entra em cena com uma nova concepção de escola voltada para a educação popular, assim novas propostas nessa

direção deveriam ser implantadas (SCHUELER; MAGALDI, 2009). Neste sentido, o livro didático, de um modo geral, desempenha uma função homogeneizadora, auxiliando na disseminação de discursos vigentes em cada período.

Francisco Xavier Junior afirma que para a elaboração de seu trabalho, “forneceram bastos recursos, além da longa prática de ensino, os conselhos, as lições e exercícios da obra *Lições de Coisas* de Calkins, tradução do Dr. Rui Barbosa” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI). Tal afirmação nos leva ao entendimento de que o autor de *Lições da Língua Materna* estava reproduzindo de certa forma o discurso modernizador de educação, pois assegurava que seu livro fora construído utilizando o que havia de mais avançado nos métodos de ensino da pedagogia moderna, no caso os preceitos do método intuitivo. Nada mais objetivo naquele momento do que preparar uma gramática baseada no método de *Lições de Coisas* que era a representação do que havia de mais inovador na educação do país.

Com relação ao ensino gramatical, ao que tudo indica, este sempre funcionou como instrumento de padronização ou unificação. Enquanto ferramenta de comunicação, a linguagem, mediadora das relações, auxiliou a política de unificação no país a partir de uma educação de cunho religioso, com aulas de ler e escrever mantidas em todos os colégios.

A escola pública precisava ser expandida e os conteúdos ensinados precisavam ser revistos. A formação deveria ter como base a educação cívica, que seria o guia das condutas educativas fortalecendo a definição de nação brasileira. Em meio às mudanças trazidas com a implantação desse novo regime, havia agora a “preocupação com a disseminação da alfabetização e com o saber a ser veiculado pela escola, a nova instituição que se impunha como necessidade da vida civilizada” (BITTENCOURT, 1993, p. 28).

Para tanto, o método intuitivo seria o caminho das condutas metodológicas em sala de aula e o guia para a produção de livros didáticos. Utilizá-lo seria concretizar os objetivos pretendidos com a educação nos primeiros anos de república. Dessa forma, *Lições da Língua Materna*, respondia, conforme já mencionado, aos discursos de modernização por meio da educação, em que o livro seria uma das ferramentas para efetivar essas mudanças.

Considerando que a construção do sujeito se dá por meio dos discursos que circulam em seu meio social, podemos pressupor que o livro em estudo tenha sido construído com base nos discursos existentes em torno de livro didático no final do

século XIX e início do século XX, os primeiros momentos de República, sobre o que de fato representava um livro em 1906, ano de sua publicação. O que representam os discursos que antecedem a obra? Levando em conta que eles, de certa forma, constroem a obra previamente, pois a partir deles a obra é vista com outros olhares. Quais os objetivos pretendidos e qual a importância do lugar que eles ocupam na obra? No decorrer do capítulo seguinte será feita uma análise sobre esses discursos, a fim de entender os seus papéis dentro da obra.

3 A CONSTRUÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SOBRE OS PROTOCOLOS DE LEITURA

3.1 Sobre os discursos: intencionalidades e finalidades

O sujeito se constitui pela disseminação e variedade de discursos, sendo uma consequência destes. Tanto os sujeitos quanto os sentidos produzidos pelos discursos, são entendidos a partir da relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam socialmente, controlando os discursos dentro da sociedade (FOUCAULT, 2012).

As reflexões sobre os discursos em torno da educação pública primária, no Brasil no início do século XX, servem de alicerce para entender o papel desempenhado pela escola, por meio da análise do livro didático, já que este é um objeto cultural datado e que permite entender a organização escolar e a sociedade da época em que foi produzido. Portanto, analisar o livro didático, neste caso *Lições da Língua Materna*, não somente do ponto de vista dos conteúdos, como também dos discursos acerca deste, nos permitirá um olhar mais amplo sobre os objetivos em torno de sua produção. Dentro da perspectiva discursiva, a historicidade

[...] não se define pela cronologia, nem por acidentes, nem é tampouco evolução, mas produção de sentidos (...). Não há história sem discurso. É, aliás, pelo discurso que a história não é só evolução, mas sentido (...) (ORLANDI, 1990, p.14).

Dessa forma, entender, por meio dos discursos, as concepções culturais e as formas de pensamento dos primeiros anos do regime republicano no Brasil, implica em entender as práticas educativas e as ideologias que nortearam essas práticas.

No caso do contexto de publicação de *Lições da Língua Materna*, não somente na Paraíba, mas em todo o país, os ideais defendidos na época pelos intelectuais republicanos associavam a escola a um Brasil moderno, sendo àquela um espaço social propício para a apreensão dessas ideias de modernização e progresso como libertadores do passado colonial.

Os discursos então giravam em torno das mudanças educacionais e da expansão da educação pública. Para progredir era necessário reestruturar o ensino, rever metodologias e conteúdos a fim de adaptá-los aos interesses propostos para a

educação, pois a escola atua como espaço de controle dentro da sociedade contemporânea "através da inscrição de sistemas simbólicos de acordo com os quais a pessoa deve interpretar o mundo e nele agir" (POPKEWITZ, 1995, p. 186). Ainda segundo o autor as relações de poder, presentes no espaço educacional, servem para 'fabricar' estudantes, nessa direção:

[...] espalhava-se a ideia de que neste país livre, na República recentemente instaurada, os indivíduos deveriam conhecer suas instituições, era sua obrigação tomar conhecimento a respeito da economia e da política brasileira. Proclamava-se também a necessidade de amor à pátria, ao próximo e de dever cívico e humanitário, esclarecendo que nenhum lugar seria mais para incutir esses ideais do que a Escola (FÁVERO; MOLINA, 2006, p. 40).

O livro didático aparece nesse período como uma ferramenta eficaz para concretização desses objetivos, pois conforme nos assegura Chartier (1999, p. 8) as "obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro".

A produção de um livro nesse momento histórico de constituição de sistema educativo público primário no Brasil, voltado para a educação das camadas populares, representava uma estratégia de intervenção na sala de aula, adequando a escola ao projeto modernizador republicano. Principalmente a produção de livros que tivessem como orientação o método intuitivo e que fossem direcionados para as crianças.

Nesse período considerando que a escolarização passa a gozar de um lugar diferenciado, começa a se formar um mercado consumidor de livros didáticos; de acordo com Lajolo e Zilberman (1996), esse crescimento se dá devido ao movimento pela nacionalização do livro didático que ocorre no fim do século XIX. Ainda segundo as autoras a justificativa para o lançamento de livros era suprir a falta de material didático de caráter nacional, conforme afirmam,

[...] integrando-se a esse coro de vozes (nacionalistas) e afinando sua melodia, os autores brasileiros da segunda metade do século XIX podiam respaldar na pedagogia e no nacionalismo, melhor ainda, numa pedagogia nacionalista, os argumentos que criavam e fortaleciam expectativas de um produto didático autenticamente brasileiro. Expectativas que eles próprios se incumbiam de satisfazer,

ao fabricar a mercadoria cuja necessidade proclamavam (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 194).

Uma associação de interesses baseada na ênfase em supostas rupturas (SCHUELER & MAGALDI, 2009, p. 36), um jogo de disputas e tensões, marcado por discussões sobre democracia, educação e federação, ao invés de haver uma problematização em torno das complexidades dos processos históricos de mudanças políticas, sociais e culturais. Nessa direção:

“(...) podemos afirmar que a escola primária brasileira não foi uma invenção republicana, tampouco uma novidade *fin-de-siècle*. (...) esquecer a experiência do Império: este era o sentido da invenção republicana. Para realçar o tempo presente e a modernidade de suas propostas, o novo regime apagava os significados políticos e sociais do estabelecimento do princípio da gratuidade da instrução primária, aos cidadãos, na Constituição de 1824, e as suas repercussões nas disputas pelos significados, extensão e limites dos direitos de cidadania” (SCHUELER & MAGALDI, 2009, p. 37)

Na Paraíba, onde a oferta de educação pelo Estado ainda era escassa, com uma estrutura muito frágil, os interesses não eram diferentes e também faziam parte as discussões sobre a reorientação dos métodos de ensino e dos conteúdos dos compêndios, da laicização do ensino e popularização da escola.

Tendo em vista que os discursos são influenciados por regras sociais, institucionais e detentoras do saber, estas garantem aos discursos o poder de serem aceitos como verdadeiros (FOUCAULT, 2012). Assim, podemos dizer que em relação aos discursos sobre educação na Paraíba, no começo do século XX, quem influenciava e garantia esse poder de verdade aos discursos eram os grupos de intelectuais, não somente no Estado, mas em todo Brasil, que difundiam que a consolidação da nação dependia da educação das classes populares. Conforme afirma Beisiegel (1998, p. 50) seria a implantação de:

[...] uma educação concebida pelas ‘elites intelectuais’ com vistas à preparação da coletividade para a realização de certos fins. É nestas modalidades da ‘educação povo’ que o progresso educativo se explicita com maior clareza suas dimensões ideológicas e suas funções de controle social. (BEISIEGEL, 1998, p. 50).

A verdade que se pretendia afirmar por meio dos discursos era que a alfabetização dos indivíduos, por estes grupos, possibilitaria por meio da aprendizagem de uma língua comum, que os indivíduos de uma mesma sociedade formassem uma consciência de “[...] valores, tradições, lembranças do passado e planos para um futuro compartilhados, contidos em cultura particular que é pensada e falada numa língua particular” (GUIBERNAU, 1997, p. 77). Esse pensamento reafirma a necessidade de escola para os cidadãos, uma reforma no ensino que atendesse as novas demandas de formação de consciência nacional, ordem e progresso, de consolidação da ideia de nação e amor à pátria.

Francisco Xavier Junior sendo político, professor do Liceu Paraibano e da Escola Normal, um homem de letras, fazia parte desse grupo de intelectuais, desta forma, podemos pressupor que compartilhava dos mesmos interesses em relação à educação. No seu caso especificamente, o interesse em relação às mudanças no ensino de língua portuguesa, para adaptá-lo à ‘nova realidade educacional’ que se pretendia instaurar, já que segundo ele não havia nenhum trabalho que atendesse a essas demandas, foram a razão para a composição de *Lições da Língua Materna*, conforme afirmam suas palavras, já mencionadas no capítulo anterior, mas que agora retomamos para reafirmar a

[...] falta de um trabalho que satisfizesse as necessidades do ensino elementar da língua pátria, de harmonia com os modernos processos da psychologia pedagógica, sugeriu-me a idéa de compôr estas LIÇÕES DA LÍNGUA MATERNA. (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI).

Foucault (2012) afirma que o autor é visto como a origem das significações que estão presentes no discurso, sendo o elemento que completa o comentário, trazendo para o discurso um tom de verdade. Ainda segundo Foucault (2012) essa função de autor não se constitui apenas pela atribuição de um texto a um indivíduo com poder de criação, mas também como uma "característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 1992, p. 46).

Dessa forma, o discurso deve ser recebido de determinada maneira e numa determinada cultura deve receber um regulamento específico, pois todo discurso está ligado ao desejo e ao poder, que formam uma verdade dentro de cada sociedade. São os diversos tipos de discurso que a sociedade transforma em verdade coletiva,

considerando que “(...) poder e verdade estão ligados numa relação circular” (GORE, 1994, p. 10).

Os objetivos em torno da produção de obras didáticas nessa época visavam internalizar nos cidadãos a estrutura social vigente, de modo que estes se conformassem com a realidade que vivenciavam. A política dos conteúdos dos manuais escolares “representou um dos traços característicos da produção cultural feita por uma elite que procurava se inserir no mundo ‘civilizado’, preservando de maneira intransigente, privilégios de uma sociedade hierarquizada e aristocrática” (BITTENCOURT, 2004, p. 61).

Com relação aos conteúdos de língua portuguesa, há uma tendência em produzir obras nacionais em substituição aos clássicos estrangeiros utilizados até então¹⁴. Essa nova visão, que propunha que o livro didático fosse brasileiro, daria uma nova roupagem para o ensino de gramática no momento em que trouxesse para o ensino obras nacionais.¹⁵

Esse interesse em produzir obras nacionais visava reforçar, nos cidadãos, o sentimento nacional que estava presente nos discursos da época. Assim os livros deveriam “não só ser feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime” (BITTENCOURT, 2004, p. 25-26). Essa época foi muito importante para o livro didático, pois conforme afirma Pfromm Neto (1974, p. 160):

[...] a despeito da precariedade do sistema de ensino que o Império legou à República, e a despeito dos numerosos fatores — econômicos, políticos, geográficos, sociais — que limitavam a qualidade, o alcance e as intenções da literatura didática brasileira no século passado, é inegável que, tanto no domínio das cartilhas como no dos textos mais adiantados de leitura, as últimas décadas do século 19 e o início do século atual correspondem a um período de transição importante: o da nacionalização da literatura didática e do

¹⁴ Dentre os livros publicados no período podemos destacar: CARVALHO, Felisberto Rodrigues Pereira de. *Exercícios de estilo*. Rio de Janeiro: Garnier Editores, 1885; RODRIGUES, G. *O estilo em ação ou A arte de escrever ensinada pela prática*. São Paulo: Tip. A vapor de Hennies Irmãos, 1895; BILAC, Olavo e BONFIM, Manoel. *Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias*. Rio de Janeiro: Laemmert e editores, 1899;

¹⁵ Essa prática de ensinar gramática utilizando clássicos estrangeiros já sofria críticas há alguns anos, dentre os críticos estava o escritor Gonçalves Dias que reclamava o fato dos Conselhos de Instrução do Norte e Nordeste darem prioridade ao uso da gramática de Monteverde, mesmo havendo, segundo o autor, outras melhores nacionais.

aperfeiçoamento sensível do conteúdo e dos métodos de ensino. (PFROMM NETO, 1974, p. 160).

Por meio da educação buscava-se centralizar o poder dos dirigentes. Isso seria feito por intermédio da escola, com os conteúdos postos nos livros didáticos, nas obras indicadas para o ensino, que sempre foram uma importante ferramenta de viabilização de projetos educacionais, pois “nessa escola o que se procura antes de tudo é a perfeição. Saiba o filho do povo bem ou mal ler, escrever e contar, e guarde-se a ortografia para os que têm tempo e meios de aprendê-la” (VERÍSSIMO, 1985, p. 41). Essa afirmação reforça o entendimento de que o ensino de gramática era um privilégio de poucos e deveria se restringir a um pequeno grupo diferenciado, a elite.

Sendo a linguagem um meio de comunicação, por meio dela é possível unificar e consolidar ideias por meio do discurso. Portanto, ela serve como instrumento de persuasão e dominação, por meio de textos com seus diversos sentidos em que se manipulam os leitores. Assim, o objetivo com o ensino de língua, era que “o leitor, professor, criança e jovem, [abordasse] a leitura de forma homogênea, tendo uma compreensão exata das palavras com um único sentido [o sentido que esta elite desejava transmitir]” (BITTENCOURT, 2004, p. 26-27).

Enfim, os discursos acabam criando uma verdade única, contestando qualquer outra posição que vá de encontro à verdade que se deseja transmitir e quando se trata de discursos em torno da educação concordamos com Foucault (2012, p. 41) quando afirma que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

3.2 As opiniões presentes na obra

Considerando que os discursos aceitos socialmente e tidos como verdadeiros mantêm o poder nas suas práticas discursivas, seus elementos constitutivos, os aspectos ideológicos, sociais e históricos, podem adquirir um sentido diferente, a depender das posições que ocupam os sujeitos que as enunciam (PÊCHEUX, 1988).

Os discursos postos no prefácio da obra são de pessoas que ocupavam lugares importantes dentro da sociedade da época. Suas opiniões aparecem antes da obra, do conteúdo didático propriamente dito, provavelmente no intuito de dar mais validade

ao livro, pois ao fazer a leitura dessas opiniões o trabalho passaria a ser visto como obra de significado e importância, já que pessoas renomadas o teriam lido também.

Neste caso, a opinião do leitor sobre o livro didático em análise seria construída previamente por meio da leitura dos discursos que traz em seu interior. A construção de uma obra depende das demandas sociais, culturais e políticas, porque os livros escolares, de maneira geral, são um objeto em circulação e, por isso mesmo, funcionam como meio de disseminação de ideologias, valores e até mesmo comportamentos que almejavam ser ensinados na escola (CHARTIER, 1990). Ainda segundo o autor, compreender

[...] os princípios que governam a 'ordem do discurso' pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). (CHARTIER, 1999, p. 8).

Nesse sentido, os livros respondem às demandas extraescolares¹⁶ e permitem compreender quais as concepções educativas e práticas escolares que foram utilizadas no ensino ao longo da história. Além disso, também servem de fonte para nos indicar quais ideias e projetos foram desencadeados pela escola para a formação dos sujeitos.

O primeiro discurso que aparece em *Lições da Língua Materna* é do jornal *D'O Comercio*¹⁷, e inicia-se tecendo elogios sobre o autor da obra, falando rapidamente sobre sua vida enquanto estudante, profissional e político, uma espécie de apresentação das credenciais de Francisco Xavier Junior. Logo de abertura, faz questão de evidenciar que se trata de uma pessoa conhecida e letrada, e

Xavier Junior é um nome já bastante conhecido nesta terra, onde quantos o conhecem rendem-lhe as homenagens merecidas por um espírito profundamente cultivado nas letras. Estudante que foi de uma aplicação excepcional, ninguém, nesta terra, é mais do que ele aparelhado em humanidades e, obedecendo a uma sede inexgotável de saber, esse nosso caro patrício, arredado do bulício monótono da

¹⁶ A expressão *extraescolar* foi empregada no texto no sentido de evidenciar que os livros didáticos não atendem apenas as demandas de cunho didático, mas também a interesses (políticos, econômicos) da ordem social vigente no período de sua publicação, disseminando os saberes que se desejam ser transmitidos em determinado momento histórico.

¹⁷ Fundado no ano de 1900, o jornal *Do Comercio* era um Órgão das Classes Conservadoras do Estado da Parahyba tinha circulação diária. Propriedade de uma sociedade Anonyma da Parahyba, seu editor responsável era Arthur Aquiles (1906). Disponível em: <<http://ihgp.net>>. Acesso em: 01 de maio de 2014.

política e do dessorante meio do funcionalismo publico, em que já figurou exercendo cargos de alta importância, não tem encontrado limites á sua vontade tenacíssima de illustrar-se.¹⁸

Um homem de ‘letras’, culto, aparelhado em humanidades, ou seja, num modelo de ensino que prevê a formação intelectual do estudante, além do mais professor e político. Tantas qualificações atribuídas ao autor por um jornal influenciam na formação de opiniões sobre a obra.

Sabendo que uma obra é produzida pensando num determinado público o autor precisa se preocupar com sua construção, pois sendo um objeto que irá circular socialmente, pode adquirir diversos sentidos a depender das pessoas que vão recebê-la. Assim,

[...] as obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas são revestidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição ou recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam (CHARTIER, 1999, p. 9).

Lajolo (1982) comenta que era uma prática comum à época, os autores de livros didáticos, utilizarem os prefácios de seus trabalhos para neles expor opiniões positivas ou reforçar o caráter de novidade da obra, uma estratégia para tornar o produto confiável. Ao que tudo indica a obra de Xavier Junior seguia esta tendência estando revestida de discursos de poder e verdade, que reafirmassem a necessidade e a qualidade do trabalho, a fim de que os diversos públicos que pudessem vir a se apropriar dela, recebessem de maneira positiva, atendendo assim todas as expectativas.

Orlandi (2003) nos diz que é no discurso que as relações entre linguagem e ideologia são apreendidas, sendo o sujeito mediador dessa relação, pois não há discursos sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2012, p. 10).

¹⁸ Esta citação encontra-se na obra de Xavier Junior (1906, p. I), assinada apenas pelo nome do Jornal D’O Commercio, sem referenciar do autor. Em busca nos arquivos, não foi encontrada nenhuma publicação referente a obra de Xavier Junior.

Os discursos, ideologias e lutas da época em que foi lançada a obra em análise, estavam repletos de propostas de inovação na educação. Dessa forma, os discursos postos no livro têm como objetivo reforçar a importância desse trabalho para o momento em que a educação primária se encontrava: no centro das discussões. A realidade educacional, no Brasil nas primeiras décadas do século XX, não se enquadrava no universo idealizado pelos republicanos, a democratização do ensino para as camadas populares ainda era limitada. Segundo Fernandes (2001, p. 98),

[...] combatendo o analfabetismo e defendendo a melhoria da qualidade de ensino, os idealistas do regime republicano sonhavam com uma escola que formasse cidadãos capazes de alavancar o país para junto dos países desenvolvidos (FERNANDES, 2001, p. 98).

Na Paraíba, a situação era a mesma. O estado da educação ainda era de abandono e descaso. A população estava carente por escolas primárias e muitas crianças estavam fora da sala de aula, no geral “[...] a organização escolar paraibana, em seu sentido mais amplo, era incipiente [...] a baixa remuneração do professorado era apenas um dentre outros tantos problemas da instrução pública brasileira” (PINHEIRO, 2002, p. 26). O modelo de organização educacional que predominou até a criação dos grupos escolares em 1916, tinha problemas que enfraqueciam o ensino primário comprometendo, desta forma, a aprendizagem.

Levando em conta essas dificuldades Francisco Xavier Junior contemplando “a situação precária da instrução publica da Parahyba, (...) deo-nos a grata nova de que tinha entre mãos um trabalho concernente ao assumpto” (D’O Commercio, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. II), portanto, segundo a opinião do jornal, a obra seria uma solução, pelo menos em relação ao ensino de língua portuguesa no primário. Seria o ingrediente que faltava ao ensino desta habilidade, para acompanhar o desenvolvimento almejado para a educação pública paraibana. Um livro necessário, tendo em vista que respondia às necessidades de mudanças no programa e no método de ensino de gramática na educação infantil, segundo o autor, uma

[...] grammatica! Um methodo de ensino para mocidade de nossa terra! Um escrínio de alimentos espirituaes, recalcados nos mais modernos processos do magistério, remodelado pela pratica, adaptado pela experiência á assimilação do espirito infantil! (D’O Commercio, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. II)

Uma gramática baseada nos mais ‘modernos processos do magistério’, era o que de fato se desejava de um livro didático naquele momento. Ao utilizar o termo ‘moderno’, o jornal *D’O Commercio* estava colocando o livro numa posição de destaque, pois indicava que o mesmo era inovador e seguia o que havia de melhor em termos de métodos de ensino. Não somente o método era moderno na opinião do jornal, mas também o autor, a quem faz questão de elogiar, pois como é observado acima, a sua experiência e conhecimento no magistério é que tornaram possível a construção de uma obra tão diferenciada. O jornal ainda completa dizendo que o autor conseguiu,

[...] agrupando todas as sutilezas da arte de ensinar e enfechando-as n’um livro adorável de clareza, ele escrevera uma grammatica da língua portuguesa para as primeiras classes escolares e nada do que pudesse aproveitar a instrução da mocidade, escapou a perspicácia de seu espírito de educador. (*D’O Commercio*, in XAVIER JUNIOR, 1906, p.III)

De acordo com o discurso do jornal, nada faltou à obra. Repleta de leveza, clareza e adaptada ao público a quem se destinava, as crianças. Tudo isso resumido dentro de uma gramática.

Até então, o ensino de gramática, não só na Paraíba como também no Brasil, tinha como base a metodologia tradicionalista, considerando que ainda prevalecia, nesse período, a preferência pelo ensino da gramática latina. Dessa forma, o aprendizado era mínimo, tendo em vista que as regras e princípios adotados pelos manuais e educadores se davam de forma abstrata, apenas com a utilização de regras, ocasionando o fracasso no aprendizado. Para Fávero (2009, p. 30), de

[...] acordo com o pensamento da época, reforça-se, busca-se treinar a capacidade de reprodução do aluno, fornecendo, inclusive, uma versão do texto a ser reproduzido. Critica-se a memorização, herança do período anterior, mas se propõe que o aluno siga um modelo, na esperança de que isto o levaria ao desenvolvimento de sua capacidade de redigir (FÁVERO, 2009, p. 30).

O material utilizado para o ensino de língua materna era constituído por uma gramática geral ou filosófica, que tomava como base a língua latina para explicar a

gramática nacional, e a *Antologia Nacional*¹⁹, que além de servir para o estudo da literatura com seus textos, ajudava também nas aulas prática gramaticais. A leitura da

[...] Antologia Nacional, porém não era complemento do manual de história literária, e sim ponto de partida para a leitura e recitação, o estudo do vocabulário, o estudo da gramática normativa, da gramática histórica, dos exercícios ortográficos, das análises “lexiológica” e “lógica”, e da redação e composição, enfim, para a aquisição da norma culta vigente (RAZZINI, 2000, p. 241).

O ensino de gramática era baseado na monotonia da memorização de regras, ou seja, direcionado à aprendizagem das normas ortográficas, apreendidas por meio da cópia e do ditado. Basicamente, as aulas de gramática se resumiam a exposição das orações, as quais o professor explicava e em seguida escrevia no quadro as definições para as crianças transcreverem em seus cadernos e memorizar. Com a aplicação de exercícios eram feitas as análises gramaticais.

Na verdade, saber regras gramaticais e escrever gramaticalmente correto foi a base do ensino de língua materna até as primeiras décadas do século XX. Associada à leitura de clássicos, o ensino das nomenclaturas por meio de uma metodologia tradicional e abstrata baseada em regras e exceções, representou de fato o ensino de gramática no Brasil.

Essa tradição no ensino de gramática foi construída no país desde as escolas jesuítas, em que o ensino gramatical, junto às disciplinas de latim e humanidades, sendo aquele visto como uma arte, visava apenas formar uma elite culta, preparando os alunos para o ensino superior. A proposta metodológica em *Lições da Língua Materna*, conforme acrescenta o jornal, divergia de certa maneira com essa proposta de ensino utilizada, considerando que possui

[...] exercicios proveitosíssimos, delineados methodicamente, desde os mais simples aos mais compostos; explicações theoricas e praticas de construção da frase e da proposição; e tudo mais que é indispensável aprender nas escolas inferiores, para se passar vantajosamente aos cursos secundários, nós encontramos, abundantemente selecionado no trabalho de Xavier Junior. (D'O Commercio, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p.III).

¹⁹ A Antologia Nacional era composta por excertos dos principais autores da língua portuguesa da época, buscava com isso “remontar as nascentes da língua, pois era necessário antes saber como se fala para depois aprender como se falava”. (BARRETO; LAETE, 1915, p. 2).

Diante da situação precária de “falta de capacidade tecnica em grande número de professores, e a carência de prédios escolares com mobília e material apropriados”²⁰ na qual encontrava a instrução pública da Paraíba, uma gramática da língua portuguesa adaptada ao ensino primário representava uma novidade no que diz respeito ao ensino de língua materna, se for levado em conta os métodos até então utilizados para o ensino dessa habilidade no Estado.

Ao dizer que o livro possui exercícios proveitosos, bem delineados em termos de estrutura metodológica, agrupando em seu conteúdo didático tudo aquilo que era necessário para uma criança aprender e para prosseguir nos estudos, o jornal *D’O Commercio* faz um discurso que reforça a qualidade da obra não somente pelos conteúdos, mas principalmente por se tratar de um trabalho diferenciado, em termos de livros didáticos naquele momento na Paraíba.

Foucault (2012) afirma que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder” (p. 9-10), talvez esta fala do jornal, tenha sido elaborada atendendo as interdições sociais que controlavam o que era dito sobre obras didáticas da época. Isso reforça o entendimento de que as práticas discursivas estão ligadas às armadilhas que delineiam e dominam socialmente os discursos. Dessa forma, uma gramática produzida por um autor paraibano, que também era político, necessitava estar revestida desse tom poder e verdade para ter melhor aceitação.

No período de publicação do livro, a valorização da cultura letrada foi estimulada devido às novas demandas socioculturais. A escola nesse momento era vista, pelo menos no imaginário dos discursos, como instituição capaz de promover a modernização e, principalmente, a unificação.

De acordo com as concepções defendidas pelas elites, a escola representava um meio para consolidação das bases sociais do novo regime. Pretendia-se, por meio do ensino da língua materna, manter influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem-nas, passariam a se identificar não apenas com a língua, como também com o ideário de nação tão almejado pelas classes dominantes. Fazia-se necessário

²⁰ Trecho de relatório ao presidente da província da Parahyba-1907, pp. 18-19. Disponível em: <www.crl.edu/content/provopen.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

[...] que tivéssemos uma elite dirigente formada no estado ideal — o positivismo — e não no estado metafísico que é o dos bacharéis; somente uma elite dirigente formada nas ciências iria tirar a nação do atraso em que se encontrava (FÁVERO, 2009, p. 27).

Assim, podemos dizer que a partir da obra uma nova concepção no método de ensino de gramática começa a se estabelecer, visto que o ensino nesse período era unicamente baseado em regras e exceções trabalhadas sem relação com a realidade e, muito menos, com a mentalidade infantil ainda em desenvolvimento, fazendo com que a criança simplesmente decorasse regras sem saber o quê e nem para quê aprender aquilo. Mantinha-se o ensino estagnado, seguindo o modelo de língua baseado nos grandes escritores, da mesma forma do período colonial.

Nesse aspecto *Lições da Língua Materna*, ao que indica a opinião do jornal *A União*²¹, é inovador, pois se trata de “uma primorosa e bem feita *grammatica* para uso das escolas primarias” (A UNIÃO²², *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. IV). Conforme afirma o jornal, a gramática atendeu a todas as exigências em termos de qualidade pelo fato de “todas as partes da sua *grammatica* que nos foi dado apreciar estão organizadas de uma maneira clara e *methodica*, atestando que presidio á sua confecção a alta competência de um mestre, um senhor da materia” (A UNIÃO, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. IV, p. IV).

Levando em consideração que os livros didáticos são objetos culturais datados e que constituem importante fonte histórica, também são considerados um lugar de memória (LE GOFF, 1990) que possibilita revelar aquilo que se ensinava, o que se aprendia, além das representações de professor e aluno de determinada época. Eles são elaborados com o intuito de atender expectativas pedagógicas existentes na época de sua produção, levando em consideração o conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade.

²¹ Fundado em 2 de fevereiro de 1893, no governo de Álvaro Lopes Machado, *A União* é o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil. É um jornal estatal paraibano, matutino, editado na cidade de João Pessoa, seu primeiro diretor foi o industrial e jornalista Tito Silva. O jornal surgiu como órgão do Partido Republicano do Estado da Paraíba, agremiação fundada pelo próprio Álvaro Machado.” No passado, escreveram em suas páginas nomes como Augusto dos Anjos, Orris Soares, Gama e Melo, José Lins do Rego e José Américo. Disponível em: <<http://ihgp.net>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2014.

²² Esta citação encontra-se na obra de Xavier Junior (1906, p. IV), assinada apenas pelo nome do Jornal União, sem referenciar autor. Em busca nos arquivos do jornal, não foi encontrada nenhuma publicação referente a obra de Xavier Junior nos poucos materiais que tive acesso. A maior parte do acervo dos anos de 1906 e 1907 não estavam disponíveis para pesquisa devido seu estado de conservação.

Nessa direção, observa-se a partir da opinião do jornal *A União* que o autor de *Lições da Língua Materna* buscou atender estas expectativas, pois possuía uma visão moderna por parte do autor sobre métodos de ensino, que foram pensados justamente para atender as demandas educacionais daquele primeiro momento de República no estado da Paraíba, pois:

[...] as grammaticas têm sido horrorosos tormentos para as creanças que se viciam a decorar aquilo que não entenderam. O livro do sr. Xavier Junior baseia-se nos processos suaves com que se poderão dar as noções grammaticaes aos jovens alunos (A UNIÃO, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. V).

Portanto, podemos entender que aspectos socioculturais mais amplos, envolvendo projetos educacionais, sempre contribuíram para a constituição das especificidades dos livros e manuais didáticos em sua época de produção, no caso do livro em estudo não fora diferente. Ele talvez respondesse a uma necessidade de reestruturação do ensino de gramática na educação para crianças, buscando adaptar à realidade da educação primária na Paraíba.

Os projetos em relação à educação desse período versavam em torno da popularização da educação, que seria a concretização dos ideais republicanos, a efetivação do Estado da República Brasileira, tendo em vista que não há sociedade sem educação (cultura, língua e história) nem educação sem sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que as transformações educacionais acontecem não apenas por uma questão de demanda social, mas também pela necessidade de qualificação (mão de obra) e de transformação (ideológica/social) sociedade.

Nos primeiros anos do século XX, as escolas sempre aliadas ao Estado para formar cidadãos, usando como lema a democratização do ensino. Almejava-se uma educação, que acabasse com o analfabetismo e restaurasse a nação, porém na verdade o sistema de educação continuava a servir as elites, atendendo a seus interesses.

Esse novo regime que pregava a necessidade de indivíduos culturalmente desenvolvidos e civilizados para o desenvolvimento da nação, na verdade, buscava doutrinar a partir dos princípios de *ordem e progresso*²³. A conduta agora estava

²³Baseado na fórmula do positivismo, o termo *Ordem e Progresso*, busca transmitir a imagem de que cada coisa em seu lugar levaria a uma orientação ética da vida social: O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim.

alicerçada na ideia de nação, amor à pátria, organização. E isto preservaria a ordem e a disciplina da população.

Nesse pensamento a língua, assim como a educação, pode ser utilizada como mecanismo padronizador de uma sociedade, pois ao mesmo tempo em que ela ensina disciplinas curriculares, ela transmite e transfere os ideais e crenças desta. Dentro desse contexto de massificação da educação, o ensino de gramática encontrava-se alienado à realidade, pois a forma como era ministrado distanciava o aluno da aprendizagem. Era preciso retirar a gramática do ensino baseado exclusivamente no método *mnemônico*. Pensando nisso, a metodologia de *Lições da Língua Materna* “procura desenvolver a atividade do discípulo conduzindo dos exemplos às regras. Nenhuma definição anterior a uma exemplificação. Eis o melhor processo” (A União, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. V).

Chartier (1999, p. 9) assegura que “certamente os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar)”. Corroborando com esse pensamento do autor, podemos afirmar que Francisco Xavier Junior, ao elaborar a obra buscou fixar a ideia, por meio dos discursos que aparecem no livro antes do conteúdo, de que até então todas as gramáticas produzidas e utilizadas para o ensino primário, no Estado da Paraíba, não estavam em harmonia com o espírito²⁴ das crianças e que o ensino da gramática da língua materna havia se tornado um tormento. Assim, o jornal *A união* diz se tratar:

[...] de um livro, organizado com methodo, em que se procure ensinar o alumno de uma maneira quase recreativa, agradando-o, pondo diante de seus olhos o que se necessita que conheça, que ao mesmo tempo satisfaça o seu espirito irrequieto, eis o que se torna necessário para o ensino da grammatica nas escolas primarias. (...) Foi assim calcado o livro do talentoso professor Xavier Junior. (*A União*, *apud* XAVIER JUNIOR, p. V).

A metodologia do livro, segue os ideais metodológicos intuitivo, pois, conforme afirma o jornal, procura desenvolver da prática à teoria, partindo do mais simples para o mais complexo, daquilo que já é conhecido pelo aluno, respeitando suas limitações,

²⁴ Ao utilizar o termo “espírito” o autor provavelmente estava se referindo a mentalidade infantil em desenvolvimento das crianças.

seus conhecimentos e necessidades para o planejamento do método de ensino. Essa também é a opinião de Castro Pinto sobre a obra, para ele

[...] tornar o mais possível attrahente e suave o trabalho escolar, fazendo-o intuitivo, gradual e concreto, de acordo com as faculdades em formação no cérebro do aluno, converter o velho habito de memorisar abstracções no processo evolutivo de assimilar as noções quase espontaneamente, cabendo ao mestre o papel de dirigir, de modo adequado, a curiosidade tão natural aos meninos, eis o que a pedagogia moderna aconselha, e o que V. procurou, com muita felicidade, aproveitar no ensino da grammatica (PINTO, *apud*, XAVIER JUNIOR, 1906, p. VI).

Os manuais de gramáticas²⁵ que vinham sendo utilizados para o ensino elementar na Paraíba, ainda encontravam-se impregnados de uma cultura tradicionalista, clássica, em que o mestre tratava a língua, viva, dinâmica e em constante processo de mudança, como algo estático que se dominaria apenas com a simples memorização de várias regras, e também das exceções, que por sinal não eram poucas. Um equívoco que permaneceu por muito tempo.

Isso não quer dizer que com a chegada da República e com os novos olhares que se formavam sobre a educação, esta tenha sofrido efetivamente grandes mudanças, pelo contrário. A invenção republicana, com suas propostas ‘modernas’, queria deixar no esquecimento as experiências educacionais do Império, porém em seu primeiro período as “antigas formas e práticas de escolarização, herdadas dos oitocentos, (...) mantiveram-se como presença incômoda, mas funcional e majoritária, em várias localidades do país” (SCHULER; MAGALDI, 2009, pp. 45-46). O que estava ocorrendo era um pequeno avanço, pelo menos em relação ao pensamento sobre métodos e conteúdos no ensino e aqui, em específico, o de gramática.

Praticidade, talvez seja o termo adequado para dizer o que realmente estava faltando no ensino da Paraíba. A rotina dos exercícios, como fora dito, torna inútil o planejamento, pois o método era tradicional e abstrato, não estimulava o raciocínio e dificultava a assimilação do conteúdo. Assim, “apesar de várias grammaticas destinadas ao ensino elementar, todas ellas eivadas do espirito de rotina, inábeis para o mister a que se destinam (CASTRO PINTO, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. VI).

²⁵Novo Methodo da Grammatica Latina, de Antonio Pereira; Grammatica da Lingua Franceza, de Sevene. Fonte: (PARAHYBA DO NORTE, Exposição, 1853, p. 43).

Dessa forma, uma orientação nova no processo de ensino de língua aparece a partir das lentes de um educador paraibano, que compreende que os processos formativos das crianças não se concretizavam por meio do exercício exclusivo da memória.

Em *Lições da Língua Materna*, por meio da sua nova metodologia, aproxima, ao mesmo tempo em que combina, os exercícios de memorização das regras da gramática com a linguagem e o processo de aprendizagem infantil, tornando a instrução pública familiar à criança. Ou seja, mesmo antes da criança ter contato oficial com a língua ela já possui uma linguagem constituída que se formou a partir de sua vivência social/familiar.

Sendo a língua nacional, um dos principais elementos para a construção e formação de uma identidade e sociocultural, ela se estabelece e se padroniza por meio da escrita ortográfica, a qual “configura o imaginário de uma unidade e de uma homogeneidade” (MARIANI, 2004, p. 27).

Nesse caso, a gramática, com sua normatividade descontextualizada, afastava-se da oralidade, sendo por muito tempo a representação de normas impostas pelas culturas mais conservadoras. Era um momento de conflito, tendo em vista que a língua está em constante processo de mudança e o ensino de gramática não acompanhava essa dinâmica e precisava alcançar uma dimensão mais ampla, considerando que “a gramática prescritiva exerce sobre os indivíduos uma espécie de poder centralizador que os inclui ou retira de uma determinada forma de inserção social” (LIMA, 2009, p. 484). A forma como ela era ensinada ao aluno por meio dos livros é um fator determinante não só para o aprendizado de ortografia, mas também para sua inserção na sociedade letrada.

Por meio dos discursos encontrados na obra, é possível perceber que o livro ganhara destaque perante as opiniões justamente por ser a primeira gramática que utiliza o método intuitivo e por ser produzida na Paraíba. Era o ingrediente que faltava para o ensino de língua materna na educação primária, como nos assegura Castro Pinto (1906),

[...] o methodo que V. empregou na confecção das “Lições da Língua Materna” é fundado na experiência inteligente e meditada, e calca-se nos princípios da psychologia do ensino, consulta as verdadeiras necessidades da educação infantil, e vem preencher uma lacuna das

mais sensíveis na organização racional das primeiras letras. (CASTRO PINTO, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. VI).

Todas as opiniões sobre o livro ressaltam seu caráter inovador em relação às demais produções de gramática, não são citados outros nomes de gramáticas utilizadas na época por nenhuma das pessoas que aparecem discursando, somente se diz que *Lições da Língua Materna* é inovadora, apresenta métodos baseados na pedagogia moderna e que sua adoção nas escolas públicas representaria um salto para a educação paraibana. Esse tipo de comportamento, na opinião de Foucault (2012), de determinar as condições de funcionamento do discurso objetivava,

[...] impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação desta vez dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo (FOUCAULT, 2012, p. 35).

Todos os indivíduos escolhidos para entrar na ordem do discurso sobre a obra de Francisco Xavier Junior, além de serem pessoas públicas e de influência, são pessoas próximas do autor, ou pelo menos nos dão evidências disso, pela maneira como se dirigem a ele durante suas falas. Dessa maneira, entendemos que todos que entraram nos discursos atenderam às exigências e estavam qualificados para fazê-lo.

Considerando que “[...] a leitura não está, ainda, inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo uso, pela crítica, etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores;” (CHARTIER, 1999, p. 11), o autor se preocupou em tentar, ao máximo, por meio dos discursos, construir significações nas leituras de sua obra, ao invés de deixar que o próprio leitor atribuisse seus sentidos a ela.

Isso não quer dizer que o leitor não irá atribuir seus próprios significados ao realizar a leitura do livro. Porém, após a leitura das opiniões já formadas sobre a obra antes mesmo de ver seu conteúdo propriamente dito, pode, de certa forma influenciar o leitor a fazer uma determinada leitura do texto, neste caso, a leitura que o autor deseja que seja feita.

O leitor da época de publicação do livro estava vivenciando os conflitos gerados pela implantação do regime republicano que colocou a educação no centro das discussões como a solução dos problemas. Diante dessa situação, tudo aquilo que se

referisse à modernização em educação seria visto positivamente aos olhos do público. Os discursos em *Lições da Língua Materna* seguem justamente essa direção, observa-se isso na fala de Castro Pinto:

Confesso-lhe, com toda a franqueza e sinceridade, que, não obstante a sua notória aptidão profissional, surpreendeu-me a leitura de suas “*Lições da Língua Materna*”, um livro que vae imprimir á educação intelectual da puerícia uma orientação nova e fecunda. (PINTO, *apud* XAVIER JUNIOR, 1906, p. VI).

Apesar do novo regime não ter alterado a realidade existente, continuando a classe das oligarquias a ter o poder, e prevalecendo seus interesses, sendo agora a república “apenas um negócio montado em benefício exclusivo de alguns milhares de fazendeiros” (BASBAUM, 1975, p. 173), não havendo mais a ideologia inicial proposta pelos intelectuais, produzir um livro didático baseado em propostas modernizadoras, alimentava nos cidadãos a ilusão de progresso.

A Primeira República foi tomada como ponto inicial no que diz respeito à escolarização primária, a origem da democratização do ensino, pelo menos nos discursos, mas que de fato não efetivou as promessas *de progresso e de cidadania para todos* (SCHUELER; MAGALDI, 2009). Dentro desse processo de implantação da república, a educação fortaleceria a ideia de nação, modernidade e progresso, a partir da construção física e simbólica da escola e de sua cultura. Assim:

Campanhas a favor da difusão da escola primária foram organizadas. Eram lideradas por políticos que, enquanto tais, reconheciam a necessidade da difusão especialmente da escola primária como base da nacionalidade, o que fez com que alguns defendessem não só o combate ao analfabetismo, como também a introdução da formação patriótica, através do ensino cívico (RIBEIRO, 2007, p. 75).

Nesse momento de mudanças na educação, a qual seria a saída para o atraso socioeconômico do Brasil, consequência da falta de instrução, *Lições da Língua Materna* era essencial, pois acompanhava esse ritmo de pensamentos de modernização e progresso pedagógicos. O analfabetismo era um grande desafio a ser vencido e essa situação só se resolveria com ações educativas para as classes populares, pois esse problema estava impedindo o avanço, o progresso do país.

O livro de Francisco Xavier Junior representava “mais do que um trabalho útil, é um livro necessário no atual momento de avanço intelectual e pedagógica” (PARAHYBA²⁶, *apud* XAVIER JUNIOR 1906, p. VIII), pois, já que se era urgente alfabetizar as classes populares, nada mais interessante e prático que uma gramática voltada para as crianças que estavam no primário aprenderem a língua portuguesa.

Num contexto em que a escola era vista como o lugar para a resolução de todos os problemas de atraso social, por meio de uma educação em massa, num ritmo acelerado para atender a toda demanda por alfabetização, ela também funcionaria como local de concretização dos objetivos dominantes de determinados grupos socioeconômicos, tendo em vista que “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis”. (GRAMSCI, 1982, p. 09). O livro didático então seria uma ferramenta primordial para se alcançar os objetivos almejados. De acordo com Parahyba (1906),

[...] não há mais quem desconheça a renovação dos *metodos* e *systemas* do ensino nas escolas primarias, de evolução segura e harmônica das faculdades *psychicas* da infância, e ao mesmo tempo ao pensamento de enriquecer a inteligência do *alumno* com as noções e os conhecimentos que se tornem os alicerces de sua cultura posterior (XAVIER JUNIOR, 1906, p. VIII).

A realidade educacional demandava renovação de sistemas e métodos conforme exposto acima, porém a realidade da educação elementar continuava sem grandes mudanças. A esse respeito Nagle (1974) argumenta que a Primeira República de forma alguma significou mudanças profundas no sistema escolar brasileiro, para ele esse período de *fervor ideológico*, de representações do *novo* e do *velho*, do *moderno* e do *antigo*, da *inovação* e da *tradição* era uma estratégia de apagamento e simplificação de reformas educacionais ocorridas em vários momentos do Império.

Na Paraíba, na opinião do Conselho Superior de Instrução Publica, a educação também não acompanhou esse ritmo de ‘mudanças’ do início da República, o ensino da língua materna, baseado no método dedutivo, não desenvolvia a inteligência dos alunos, que se tornavam mero reprodutores de regras, sem compreender o conteúdo,

²⁶ Conselho Superior de Instrução Publica.

[...] assim vemos com pesar nossas escolas primarias collocarem-se nas mãos das crianças compêndios para o estudo da língua materna calcados nos moldes do methodo deductivo, recheados de regras e de excepções cuja compreensão supõe um desenvolvimento intellectual que o alumno não pode ter ainda. E, na impossibilidade de fazer compreender, o professor faz decorar (XAVIER JUNIOR, 1906, p. VIII).

Ainda segundo o Conselho Superior de Instrução Publica, essa situação era consequência da falta de livros didáticos que contribuíssem com o desenvolvimento das energias intellectuais das crianças, caminhando junto com a renovação dos métodos e sistemas de ensino nas escolas primárias. Um material que estivesse em harmonia com a mentalidade da criança, um que fosse um instrumento positivo nas mãos dos professores que fizesse o aluno compreender ao invés de decorar, pois

Infelizmente, a despeito do triumpho conseguido por este modo de pensar e da necessidade geralmente reconhecida e proclamada de generalizar-se o novo methodo de ensinar as primeiras letras, a nossa literatura resente-se, de modo doloroso, da falta de livros didactos que o consubstanciem, pondo na mão dos professores um poderoso instrumento para desenvolver as enorgias intellectuaes dos seus discipulos (XAVIER JUNIOR, 1906, p. VIII).

O Conselho Superior de Instrução Publica da Parahyba (XAVIER JUNIOR, 1906), acreditava que *Lições da Língua Materna* solucionaria esse problema, por se tratar de um material que além de trazer uma mudança metodológica, traria também mudanças didático-pedagógicas, tendo em vista que a ordem dos conteúdos dentro do material é organizada de modo gradual, carregando dentro de si textos condizentes com o espaço familiar da criança.

A cultura da memorização tradicional, em que se trabalhava com métodos que previa que a aprendizagem se dava por meio de exercícios repetitivos, recitar e declamar as regras ocasionava à aprendizagem dos conteúdos, estava sendo agora alvo de críticas por parte do autor do livro, porque este considerava que o momento era de inovação do ensino. A esse respeito o Conselho Superior de Instrução Publica da Parahyba afirma que o livro apresenta o método indutivo em substituição ao dedutivo, levando em conta que parte da prática para a teoria e não da teoria para

prática como o anterior, agilizando assim o processo de assimilação do aprendiz, tendo em vista que

Outro é methodo a que obedece o livro que examinamos. Seguindo os salutareos distames do methodo inductivo, ele não apresenta regra ou a definição, que são sempre generalizações, sinão após ter feito no espírito do escolar a compreensão da matéria por uma serie de exercícos práticos, tendo assim habilitado a conceber o alcance e a extensão da generalização (XAVIER JUNIOR 1906, p. IX).

Num momento em que os discursos giravam em torno da massificação do ensino, que por sua vez estava desarticulado com a realidade pela falta de especialização, a publicação da gramática de Francisco Xavier Junior preencheria essa lacuna, pois “excelente a disposição das matérias, e a divisão do livro em partes nada deixa a desejar” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. IX).

Mudanças profundas de fato não haviam acontecido no ensino, os tons modernos na educação da Paraíba ficaram apenas no campo dos discursos. No ensino de gramática prevalecia o método humanístico tradicional, que na visão do autor de *Lições da Língua Materna* precisava ser mudado, por isso este fala em um livro de gramática que “principia por exercícos de fraseologia, passando em seguida ao estudo das palavras e finalmente aos conhecimentos geraes da syntaxe” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. IX). Essa metodologia, segundo o autor, proporciona ao aluno primeiramente familiarizar-se com a linguagem para depois aprender a partir dos exemplos, as regras.

Ainda em opinião sobre o livro, o Conselho Superior de Instrução Publica comenta o fato de o autor ter se preocupado em compor exercícos que tragam em si elementos de outras disciplinas, proporcionando aos alunos um aprendizado não somente de gramática, como também de outros conteúdos do curso primário:

Causou-nos também a melhor impressão ver o autor servir-se, para a composição das phrases e para os exercícos necessários á aquisição de conhecimentos da língua, de elementos tomados a outras disciplinas do curso primário, de modo a permitir ao professor alargar o âmbito do seu ensino, não se tornando jamais exclusivo no de uma matéria, o que é com tão boas razões condenado. (PARAHYBA, in XAVIER JUNIOR, 1906, p. IX)

Portanto, os discursos sobre *Lições da Língua Materna*, que estão contidos na obra, avaliaram esse novo material de forma positiva, pelo fato de trazer mudanças metodológicas tanto para o aluno como para o professor, a fim de inovar o ensino por meio da utilização dos preceitos da pedagogia moderna. Por meio da valorização do autor e de seu trabalho, os discursos revestiram a obra de valor, para que esta entrasse em cena na educação paraibana sem correr perigo de ser rejeitada, ou mesmo, de não ser adotada como material de referência (exclusivo) para o ensino da língua materna nas escolas públicas no estado.

3.3 O discurso do autor

Finalizando os discursos presentes no prefácio do livro está o do autor, Francisco Xavier Junior, que também fala da importância e necessidade da obra para a educação paraibana, comentando sobre a razão que o levou a elaborar o trabalho. As suas palavras legitimam os discursos anteriores, ampliando o tom de verdade, pois como afirma Foucault (2012) o discurso do autor é indispensável por constituir um indicador de verdade “é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (p. 26).

As relações de poder e verdade que se estabelecem nos discursos acontecem pelo fato de existir, na sociedade, instituições que aceitam essas relações e, dessa forma, contribuem na formação desses discursos de autoridade. O sistema de educação é uma dessas instituições, conforme questiona Foucault (2012) ao colocar que o

[...] que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 2012, p. 41).

Diante desses questionamentos, podemos entender, de acordo com o pensamento foucaultiano, que a educação é um sistema político que mantém ou modifica a apropriação dos discursos. No caso do discurso do autor de *Lições da Língua Materna*, a linguagem exerce um poder, uma autoridade resultante das posições por ele ocupadas, a de autor, professor e político.

Sabendo que os discursos não são homogêneos, mas resultantes de uma heterogeneidade, ou seja, tudo que é dito traz em si a presença do outro, os discursos estão permeados por outras vozes. Nesse caso, ao falar que “constrange-me ver ainda adotada em nossas escolas primarias a velha prática de ensinar a crianças a língua materna pelo processo de fazel-as decorar regras e definições de grâmmatica” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI), o autor Francisco Xavier Junior está trazendo outras vozes que também compartilhavam das mesmas críticas e ideais de mudanças no ensino de língua portuguesa na época.

A transição do império para a república abriu espaço para novas discussões educacionais e, apoiados em ideias positivistas, os discursos sobre educação, colocaram-na como prioridade para que se pudesse estabelecer a unidade educacional e fortalecer a ideia de nação. A educação era o instrumento para resolver todos os problemas existentes e seria também o espaço que instruiria o indivíduo para a sociedade que se encontrava em mudança, assim,

[...] é nesse contexto que a educação do povo é apontada como elemento fundamental na formação e cidadania, cabendo ao Estado a sua propagação com o objetivo de tornar a sociedade mais participativa e democrática; bem como criar a unidade nacional, a qual se acreditava inexistente, podendo ainda ser agravada pela presença dos inúmeros imigrantes, principalmente alemães, num momento onde as disputas imperialistas se acirravam mundialmente (SCHELBAUER, 1998, p.59).

Costumes e valores morais importantes para o período precisavam ser internalizados nos cidadãos para que estes se tornassem ‘indivíduos civilizados’, com base nos modelos dominantes que predominavam na sociedade. A escola, portanto, era o local para concretização desses objetivos.

O ensino de língua materna na visão do autor precisava acompanhar esse novo contexto educacional que estava pretendendo se formar e, segundo ele, faltava um trabalho que preenchesse essa lacuna, por isso,

[...] com a intenção de extirpar esse vicio inveterado em nossas escolas, o qual tem desvirtuado a cultura intelectual da infância, sobretudo na aprendizagem de sua língua, resolvi organizar este trabalho, em cujo amanho procurei aproveitar os mais adeantados preceitos de pedagogia (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XII)

A cultura da memorização, segundo Francisco Xavier Junior, feria as propostas de ensino do que era considerado a ‘pedagogia moderna’ na época, e o ensino da língua materna apenas “sacrificavam a atividade intelectual do menino, obrigando-o a representar o papel de recipiente passivo de fórmulas e definições grammaticaes”. (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI).

Além do mais, ele afirma ser o método de memorização de regras e definições gramaticais, utilizado no ensino da linguagem, ineficaz e muito cansativo para o aluno, já que este, ao memorizar inúmeras regras, sobrecarrega sua memória, na maioria das vezes sem compreender o que está memorizando e, conseqüentemente, não consegue aprender. É o que nos sugere ao dizer que o

[...] mestre e o compendio afirmam; o alumno repete com a fidelidade do autômato. E o que hoje aprendeu, sem lhe deixar móssa mais que na memoria, amanhã dessabará, sem vestígios na intelligência ou no carácter, da mínima impressão educativa. (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XI).

Estando inserido em meio aos mecanismos que põem ordem no universo discursivo (FOUCAULT, 2012), o autor caracteriza um modo singular de ser do discurso, sendo, portanto, enxergado como resultado de uma construção histórica, que traz em si uma funcionalidade discursiva. O autor de *Lições da Língua Materna* era produto de um momento histórico, que por meio da negação do ensino de língua materna até então existente, buscava impor uma nova metodologia que atendesse as exigências decorrentes da nova situação em que país se encontrava, uma república, e por isso precisava formar mão-de-obra produtiva.

Neste caso, o discurso do autor da obra, caminhava nesta mesma perspectiva, já que, conforme explicitado anteriormente, o indivíduo é produto dos discursos que permeiam a sociedade na qual está inserido. Ao falar que o seu trabalho estava em harmonia com os mais modernos e adiantados preceitos da pedagogia moderna Francisco Xavier Junior reflete, em seu discurso, os ideais positivistas da época.

A utilização do método intuitivo garantiria à gramática uma orientação nova que estimularia o aprendizado na criança, pois respeitaria seu desenvolvimento, começando as lições pela ordem natural das coisas,

[...] respeitando o método intuitivo, que constitúe o mais fecundo processo de educação pueril, começo as minhas lições por onde naturalmente começam as crianças no exercício da linguagem: pela formação de frases. Por meio de abundantes exercícios, em que são postos em ação conhecimentos uteis de outra ordem, vão as crianças aprendendo a língua sem o tédio de onerar a memória de fórmulas e regras abstractas. (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XII).

Francisco Xavier Junior propunha iniciar a prática por meio dos exercícios para que houvesse familiarização com o conteúdo e após essa primeira etapa é que as regras e definições seriam apresentadas. Um método de ensino que prevê menos trabalho para a criança, que por ainda estar em desenvolvimento, não possui condições de compreender a língua somente pelo uso exclusivo da memória, sem associar a regra à prática. Uma metodologia racional que prevê que um

[...] maior trabalho para o mestre e pequeno esforço intellectual por parte do alunozinho é o método que adopto e o único que deve ser observado pelo professor bem orientado. (...) Convençam-se os srs. professores de que não é por meio de grammaticas que compedeiam regras e definições para serem decoradas, que se conseguirá ensinar a crianças a língua pátria. Devemos combater esse inconveniente, esse vicio da rotina que entráva o desenvolvimento harmônico das energias mentaes da infância, com o exercício exclusivo da memória (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XII).

Outro ponto enfatizado pelo autor diz respeito à estruturação das lições que foram pensadas de forma a acompanhar o ritmo de desenvolvimento da inteligência da criança, dando prioridade ao seu aprendizado ao invés de se preocupar apenas em passar o conteúdo. Os seus

[...] exercicios e as lições em que se divide, obedecem á ordem natural do desenvolvimento que vae adquirindo a intelligência do menino. Convem, portanto, que essa ordem não seja alterada, e que o alumno só passe para outra lição quando se achar bem familiarizado com os exercicios da precedente (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XIII).

O autor também sugere que a gramática fosse pensada principalmente para servir de manual para aos mestres no ensino da língua materna, onde o

[...] objetivo precípua do autor de Lições da Língua Materna é ministrar ao mestre um método racional a seguir no ensino elementar da

linguagem. Este livro representa a consubstanciação do que seu autor colheu em obras preciosas sobre o assumpto e do que lhe forneceu experiência de uma longa pratica no magistério, tendo procurado inspirar-se no método da psychologia do ensino (XAVIER JUNIOR, 1906, pp. XII - XIII).

Parece tratar-se de um material completo tanto para o aluno quanto para o mestre, que agora dispunha de um guia para orientá-lo no ensino gramatical.

Enfim, estimulado pelo “nobre empenho em que se acha a administração publica do Estado, de remodelar a instrucção primaria” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. XII), o autor publica o trabalho, e por meio dos discursos que se encontram nele presentes, tenta abafar qualquer outra voz discursiva que se oponha ao que é dito sobre a obra.

Nesse caso, os sujeitos presentes no espaço discursivo em *Lições da Língua Materna*, por ocupar posições sociais de destaque, concretizaram os objetivos do autor, de tornar aos olhos do público a gramática um material inovador, único e indispensável à educação primária paraibana.

A confirmação ou não do que foi anunciado nos discursos se dará por meio da análise do conteúdo didático do livro, que será feita no próximo capítulo, e que nos permitirá avaliar se realmente se tratar de um trabalho inovador que segue os preceitos da pedagogia moderna da época, que tinha como referencial o método intuitivo, preocupado primeiramente com o aprendiz respeitando seu desenvolvimento, conforme as palavras do autor.

4 UMA GRAMÁTICA PARA CRIANÇAS: CONTEÚDOS, MÉTODOS E OBJETIVOS.

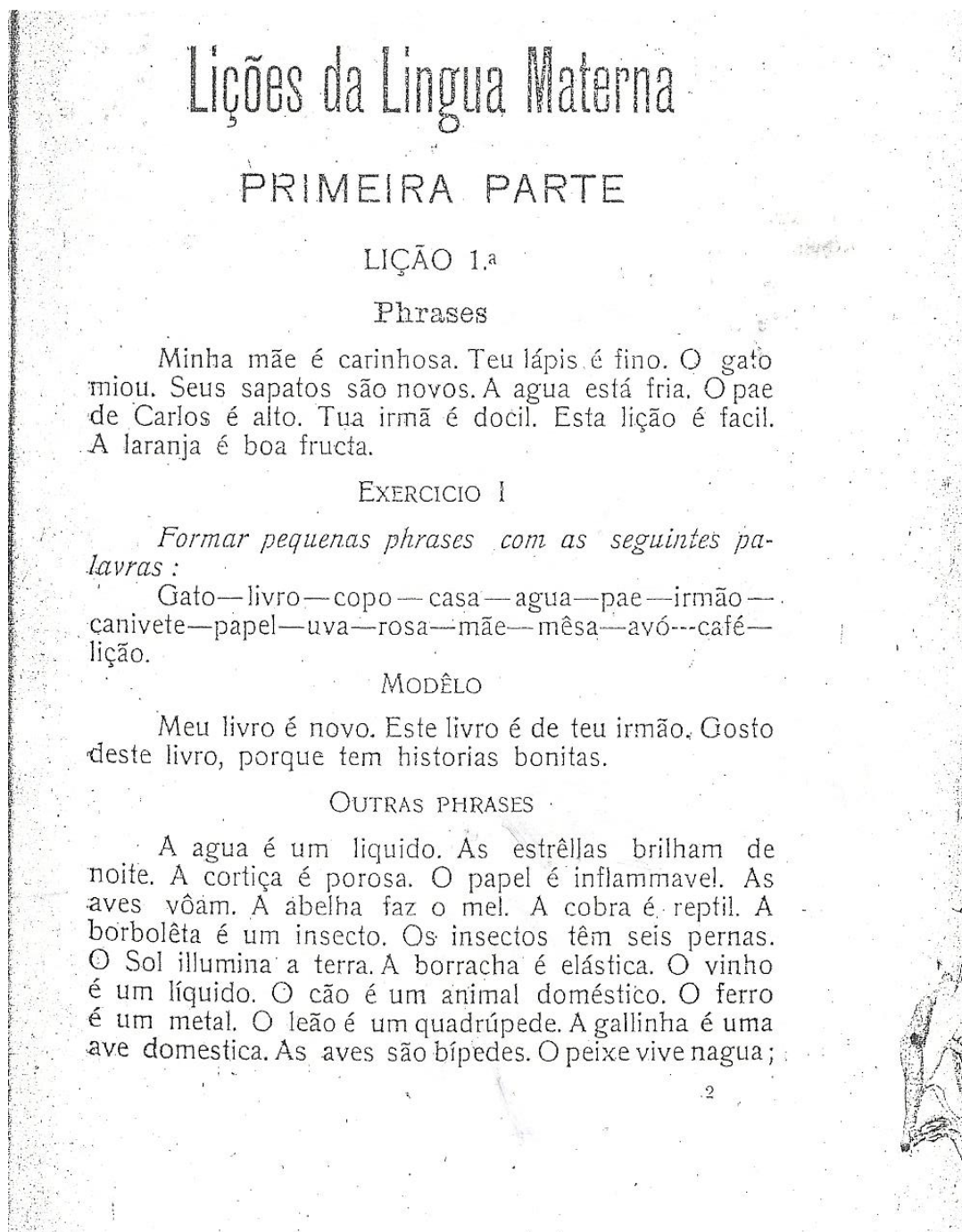
Composto por 35 lições e dividido em duas partes, *Lições da Língua Materna* de Francisco Xavier Junior foi estruturado de forma que viesse a contemplar todos os conteúdos necessários para a aprendizagem da gramática no ensino primário. O autor, em consonância com o pretendido processo de renovação da educação, buscou subsídios no que havia de mais dinâmico e moderno em termos metodológicos para o ensino da época: o método intuitivo.

O livro se configura em duas partes, sendo a primeira com 29 lições e a segunda apenas com cinco. Na primeira parte os conteúdos versam sobre a ortografia e morfologia, já a segunda sobre os conteúdos referentes aos exercícios de sintaxe.

4.1 Primeira Parte: *morfologia*

Na lição inicial (Figura 4), o autor escolhe algumas frases formadas, prontas, pois segundo ele por meio do exercício da formação de frases é que se deve começar os exercícios da linguagem, inclusive afirma isso em sua fala no prefácio da obra já mencionada anteriormente na p. 67 do capítulo intitulado “*A CONSTRUÇÃO DA OBRA: um olhar discursivo sobre o prefácio*”. Respeitando o método intuitivo, levando em conta que é desta maneira que as crianças aprendiam a falar, é o que nos mostra a atividade a seguir:

Figura 4 - Lição 1^a, parte-I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 3



Fonte: Xavier Junior (1906).

Xavier Junior utilizou nesta lição frases com palavras simples (gato-livro-copo-papel), familiares ao cotidiano das crianças; estruturadas em pequenas passagens para serem assimiladas rapidamente, quebrando com o caráter monológico²⁷ do

²⁷ A visão monológica no ensino enxerga o professor como único detentor de todo o saber a ser transmitido em sala de aula para o aluno, que passivo apenas absorve as informações sem praticamente interagir. O conhecimento é apresentado como algo acabado e inalterável.

professor ao ensinar gramática utilizando textos que se limitavam à apresentação de trechos de autores consagrados da literatura universal.

A atividade busca seguir a ordem natural das coisas, primeiro mostrando as frases prontas assim como elas são faladas no dia-a-dia pelas crianças. Esse método era semelhante ao que Abílio Cesar Borges utilizava para o ensino da leitura, segundo ele “lê-se como se fala. A palavra falada precedeu à palavra escripta; o que parece ter sido universalmente desconhecido no ensino da leitura” (BORGES, 1888, p. 9). Nessa concepção, a escrita deve assemelhar-se à fala, o ensino de língua deve aproximar-se mais do real.

Depois de mostrar na prática como são as frases é proposto um exercício para o aluno formar pequenos períodos. Até então nenhuma teoria para ser memorizada, apenas atividades para praticar o exercício de formar orações. Em seguida (Figura 5), mais exemplos e observações para o mestre, contendo orientações de como aplicar corretamente as atividades:

Figura 5 - Lição 1ª, parte-I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 4.

— 4 —

é um animal aquático. O sapo vive nagua e em terra; é um animal amphibio. A cadeira é um movel. O cavallo tem quatro pés.

OBSERVAÇÃO

O mestre deve ter o cuidado de explicar ao alumno a significação dos vocabulos que lhe pareçam pouco vulgares.

EXERCICIO II

O alumno formará novas phrases com as palavras seguintes:

Uva—gato—vinho—lua—gallo—sofá—tartaruga—cobra—tigre—prata—taíinha—boi—canario—pólvora—abelha—javalí—mesa—rouxinol—maçã—formiga—sol—vinagre—goiába—esponja—perú—carneiro—faca—pulga—cerveja—banana—rosa—dhalia—mosca.

MODÊLO

A uva é uma fructa. Eu gosto de uvas.

A lua é um astro. A lua está bella.

O vinagre é um líquido. O vinagre é azêdo.

OBSERVAÇÕES

- 1) O professor deverá exercitar bem o alumno na formação de phrases, de modo que organize com cada palavra mais de uma phrase.
- 2) Esses exercicios devem ser primeiramente oraes, depois escriptos na ardosa ou no quadro negro.

EXERCICIO III

Carlos, responde, por phrase completa, cada uma das seguintes perguntas:

Que é a cadeira? De que póde ser feita a cadeira? Quantos pés tem a cadeira? De que póde ser feito o assento da cadeira? Quem faz a cadeira?

MODÊLO

A cadeira póde ser feita de madeira ou de ferro.

EXERCICIO IV

Estella, dize o que pensas sobre teu pae. Teu pae é velho ou moço? E' alto ou baixo? E' gôrdo ou magro?

As observações indicadas pelo autor da obra são uma estratégia de como o mestre deveria conduzir ou fazer a condução do seu trabalho, a fim de auxiliá-lo e evitar que caia na memorização das regras da gramática, que era a única forma conhecida dos professores, para o ensino deste saber. Sobre isso Souza (1998) nos diz que

[...] ao contrário do que Rui Barbosa pensava, a memorização mecânica não era entendida pelos professores como método de ensino; além de atender a demanda pelos exames das escolas superiores, vinha substituir muitas vezes, ou mesmo suprir, não a ausência de conhecimento de métodos de ensino, mas a raridade de livros, outras vezes, a ausência do conteúdo das próprias disciplinas. A memorização mecânica era pensada como uma forma um tanto espúria de democratização. Estar no lugar do conhecimento, tanto dos professores, como dos alunos, quanto dos próprios examinadores. Memorizar era uma forma de o professor ensinar aquilo que não sabia, de o aluno aprender o que não entendia, de os examinadores avaliarem o que não compreendiam, na esperança de que um dia encontrariam o sentido do que aprenderam de cor (SOUZA, 1998, p. 88).

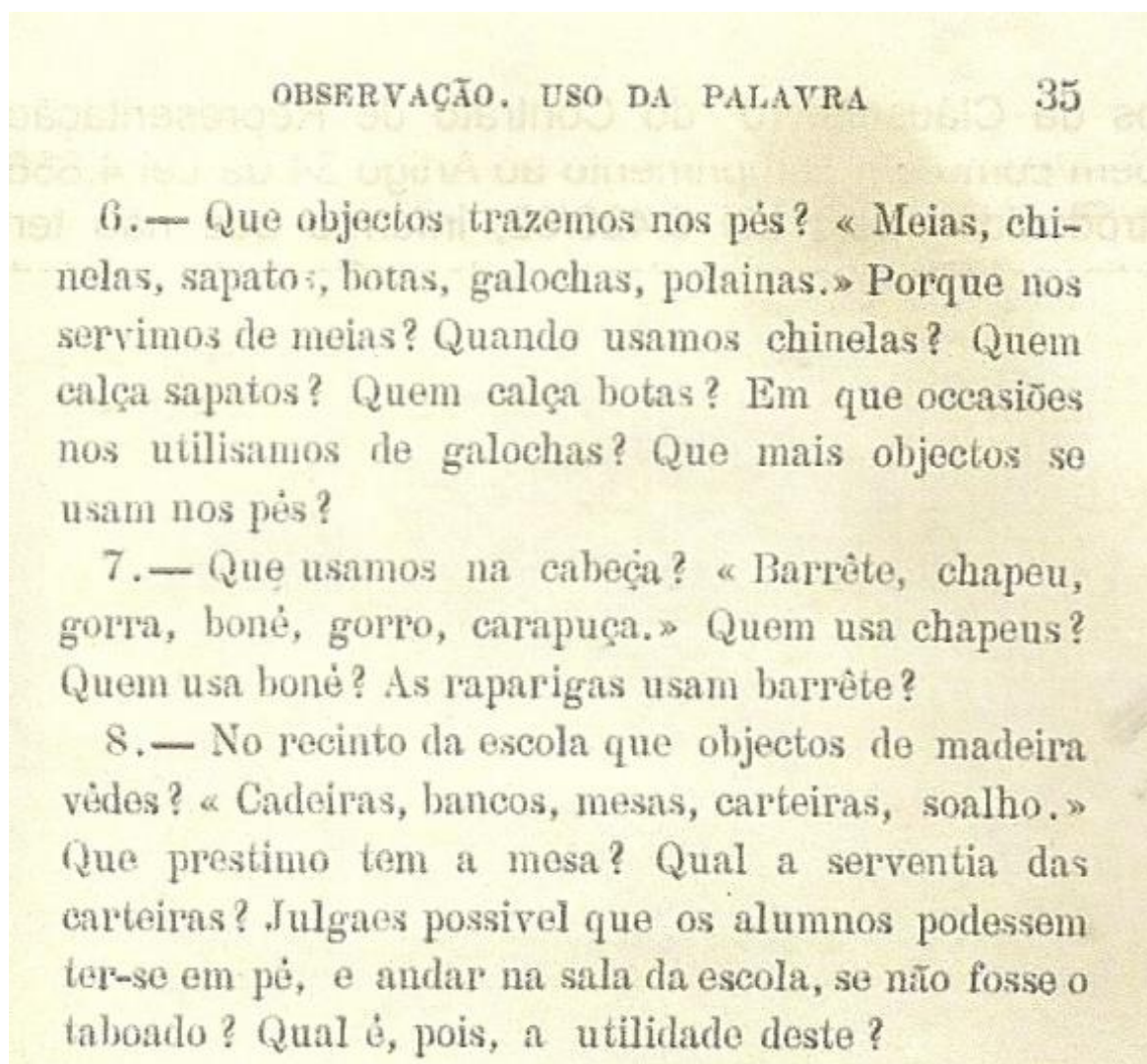
Contrário ao estudo apenas das definições e classificações dos conteúdos, o caminho que o autor segue para que o aluno aprenda é a prática, seguindo o método intuitivo, o qual definimos no capítulo inicial deste trabalho (p. 38-39). Poucas teorias e muito treino é o que nos sugere a lição-1 de *Lições da Língua Materna*.

Ao privilegiar a prática, o autor comunga de um pensamento pedagógico também adotado por outros intelectuais da época como Manuel Bonfim e Olavo Bilac, que fazem esta abordagem em sua obra “*Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias*” de 1904. Este pensamento, que visava estudar a língua com base na abordagem científica, influenciou a publicação de muitas gramáticas no final do século XIX e início do século XX. Nesse período houve uma maior valorização do ensino vernáculo, uma maior importância foi dada ao ensino de língua portuguesa nas escolas primárias. O papel da escola era de instrumentalizar o aluno para que este pudesse utilizar de forma correta, ou seja, de acordo as normas gramaticais, o padrão culto da língua escrita.

Os exercícios seguintes (figura 7) de *Lições da Língua Materna* são compostos por perguntas para que o aluno exercite seus conhecimentos, formando várias frases com a mesma palavra. Essa atividade é semelhante a uma outra presente na obra

Lições de Coisas (Figura 6), intitulada *Lições preambulares para cultivar as faculdades de observação e o uso da palavra*. Observando abaixo é possível identificar a semelhança entre ambas:

Figura 6 - Atividade das Lições preambulares para cultivar as faculdades de observação e o uso da palavra, *Lições de Coisas*, 1886, p. 35



Fonte: Calkins (1886).

Figura 7 - Lição 1ª, exercício 5, parte-I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 4.

EXERCICIO V

Aluisio, responde as seguintes perguntas por frases completas:

Que é a colher? De quantas partes se compõe a colher (concha e cabo) Para que serve a colher? Que fôrma tem a concha da colher? (concavo-convexa) Que fôrma tem o cabo? (longo, alargando-se na extremidade) De que póde ser feita a colher?

MODÊLO

A colher é um objecto de que se faz uso na mesa das refeições.

EXERCICIO VI

Olivia, responde as seguintes perguntas:

De quantas partes se compõe o corpo humano? Como se dividem os membros? Quaes são os membros superiores? (os braços) Quaes os inferiores? (as pernas) Em que parte do corpo estão as costellas, os peitos, o ventre? Em que parte estão as orêlhas, o rosto? Em que parte estão os joelhos, os pés? Por que meio está a cabeça ligada ao tronco?

MODÊLO

O corpo humano compõe-se da cabeça, tronco e membros.

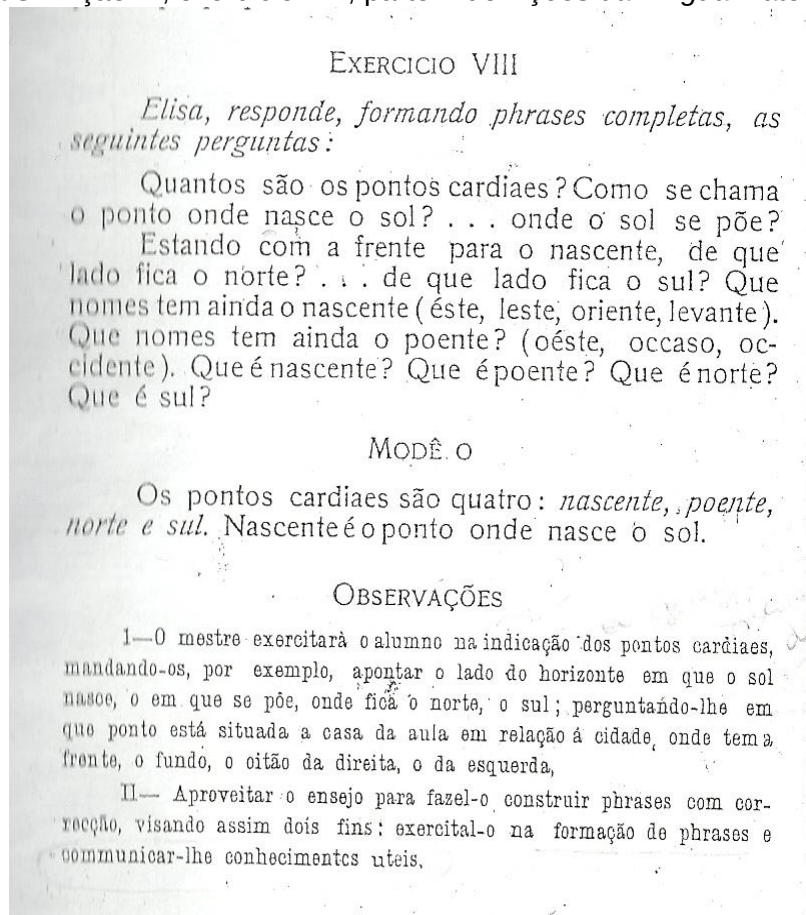
Os membros dividem-se em superiores e inferiores..

Fonte: Xavier Junior (1906).

A partir das perguntas, o exercício busca estimular o raciocínio do aluno para que este, ao mesmo tempo em que exercite seus conhecimentos respondendo às perguntas, aprenda a construir frases exercitando também sua habilidade de escrever. No exercício IV mostrado acima, as perguntas abordam o tema sobre o corpo humano, interrelacionando conhecimentos de gramática com os de outra matéria, a ciência: *o corpo humano compõe-se de cabeça, tronco e membros./os membros dividem-se em superiores e inferiores* (p. 5). Este exercício permite que o aluno aprenda, além da

gramática, outros conhecimentos úteis para sua formação. Inclusive o autor reforça essa orientação ao mestre nas observações ao final de cada lição (Figura 8), mediante a isso podemos supor que o livro, primeiramente, não era destinado à criança, mas sim ao professor. Possivelmente havia outro livro para a criança ou o professor trabalha com ele para os alunos, conforme é possível observar a seguir:

Figura 8 - Lição 1ª, exercício VIII, parte- I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 6..

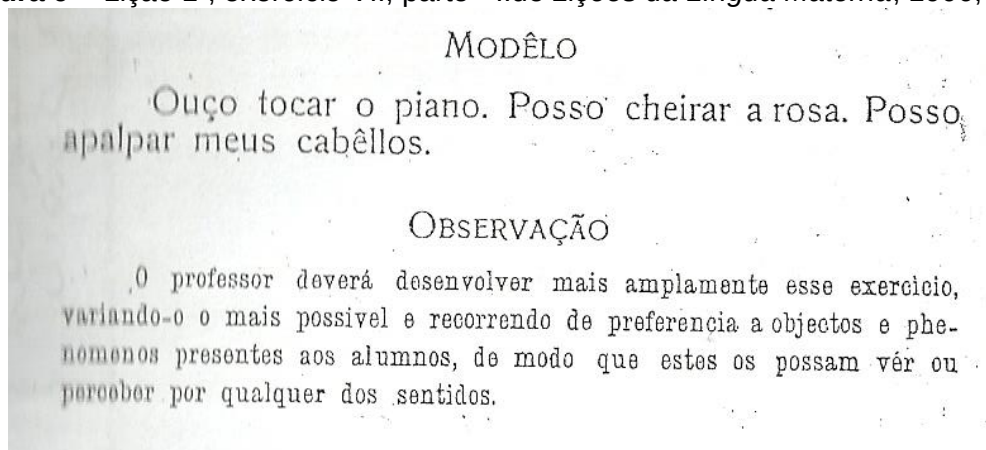


Fonte: Xavier Junior (1906).

Como prevê o método intuitivo, por meio de um ensino concreto, racional e ativo é que o aluno desenvolverá a inteligência. Foi nessa linha de pensamento que Francisco Xavier Junior buscou estruturar as lições dentro do seu trabalho. Na verdade o autor estava seguindo uma tendência, considerando que o método intuitivo não era algo novo e já se falava na sua utilização no ensino infantil. O que se pretendia era aprender praticando e não somente memorizar. Por isso, se preocupou em dar preferência na escolha de objetos e fenômenos que estavam presentes na vida do

aluno, por exemplo as palavras - *rosa, cabêllos, tocar, cheirar* - utilizadas na atividade que segue (Figura 9):

Figura 9 - Lição 1ª, exercício VII, parte - I. de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 6.



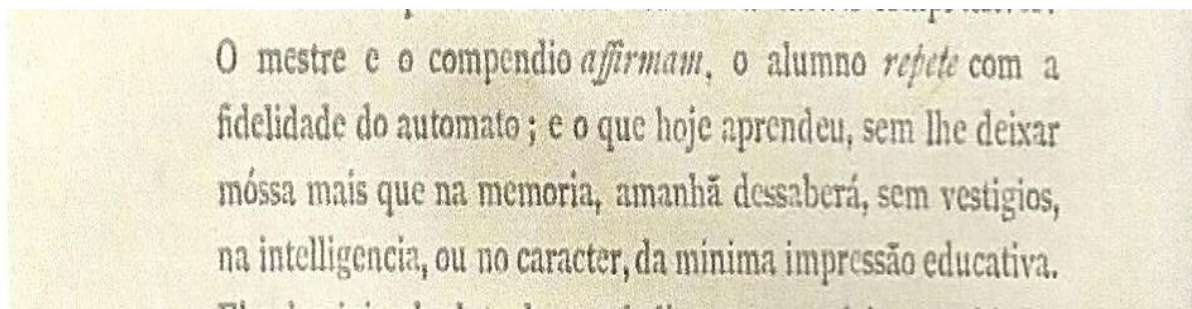
Fonte: Xavier Junior (1906).

O autor buscou deixar a obra compatível com os pressupostos pedagógicos instituídos pelo método intuitivo, em um período marcado pela crença excessiva nas possibilidades da educação, característico de uma sociedade que vivia um momento de transição. A adaptação e obtenção do método histórico-comparativo²⁸ no ensino gramatical, para a utilização nas escolas primárias fazia parte do processo de constituição do tão almejado progresso da educação escolar no Brasil.

As mudanças nesse período dizem respeito a adoção de *Lições de Coisas*, com o método intuitivo, utilizado nos Estados Unidos e em países europeus e que serviria de referência para o ensino no Brasil, que necessitava de mudanças. Inclusive, em seu discurso inicial (Figura 10), Francisco Xavier Junior utiliza as palavras de Rui Barbosa citadas na tradução que fez da obra de Norman Calkins, em que critica a memorização como método de ensino de gramática:

²⁸ Esse método prevê estudar a língua como um organismo vivo, assim como as ciências, acompanhando o avanço da linguagem. (ELIA, Silvio. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro: INL: MEC, 1961).

Figura 10 - Preambulo do Traductor em *Lições de Coisas*, 1886, p. 12.

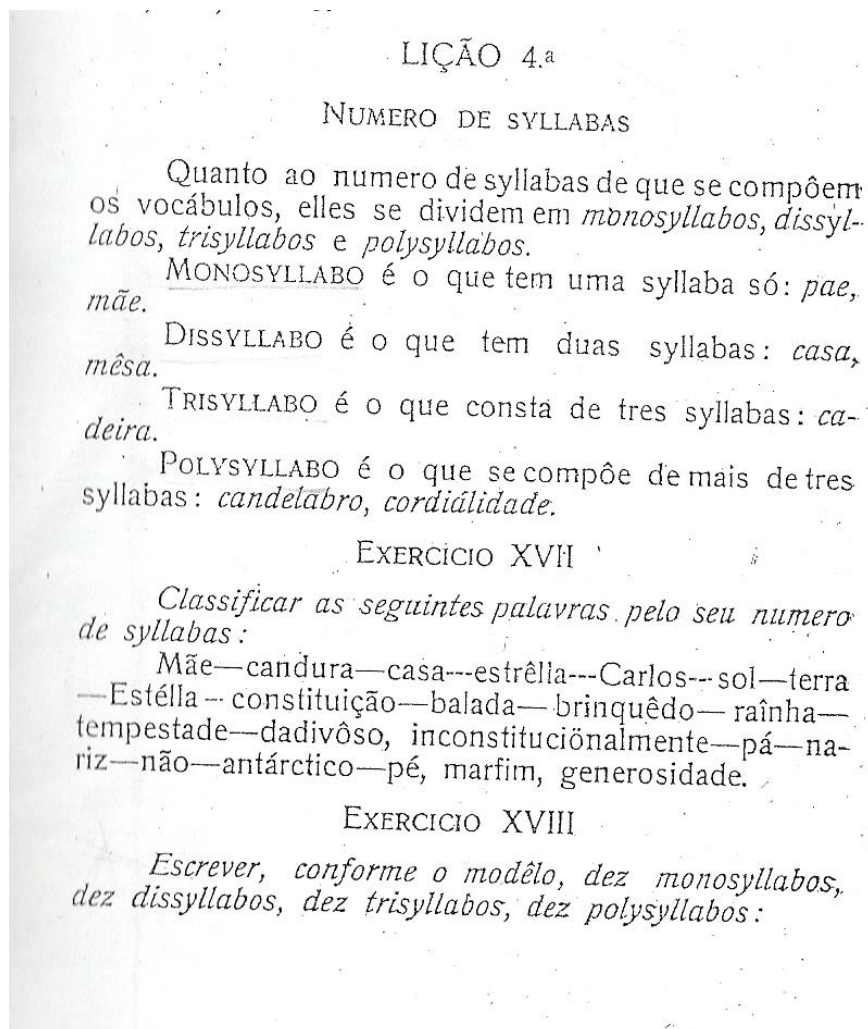


Fonte: Calkins (1886).

Assim como em *Lições de Coisas*, o autor de *Lições da Língua Materna* traz em seu trabalho prescrições metodológicas a serem adotadas pelo professor. Essa relação com a obra de Calkins tem a intenção de reforçar o teor inovador e moderno do trabalho.

Após os exercícios de formação de frases, foram trabalhados da 2ª a 5ª lição os conteúdos referentes as sílabas, número de sílabas, acento tônico e ditongo, basicamente seguindo a mesma estrutura: modelo exercício, observações. Porém agora começam a aparecer as definições antes dos exercícios. Conceitos pequenos e objetivos com explicações curtas (Figura 11), precedem o enunciado das atividades também diretos e fáceis de serem interpretados:

Figura 11 - Lição 4^a, exercício XVII, XVIII, parte- I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 6.



Fonte: Xavier Junior (1906).

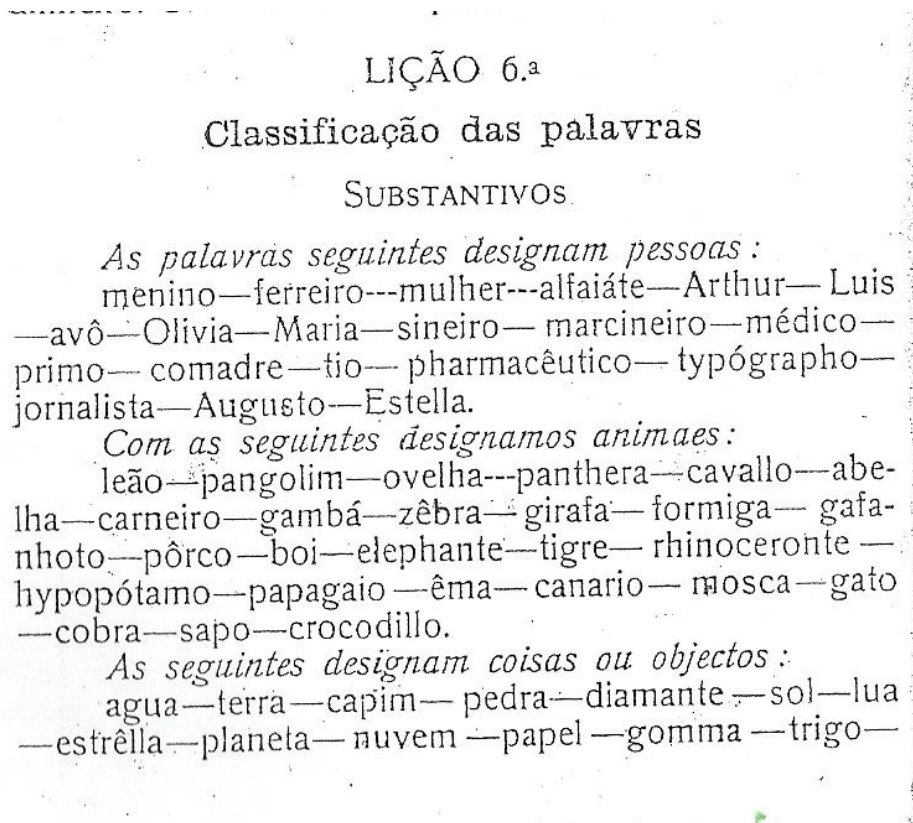
A relação de palavras escolhidas na atividade, os conceitos elaborados de forma elementar considerando a idade do público ao qual se destina, seguido de intensa prática, aproxima o aprendiz do conteúdo ministrado e ajuda a construir os conhecimentos. A escolha do vocabulário além de aproximar-se do universo do aluno, valoriza o ensino da língua portuguesa falada no Brasil, com suas especificidades, “emancipado das retrógradas doutrinas dos autores portugueses” (MACIEL, 1894, p. 501).

Essa orientação de estudar a gramática desvinculada dos métodos dos autores portugueses, tradicionais e limitados, fazia parte do processo de nacionalização do ensino. A valorização do ensino vernáculo e a ênfase nos assuntos brasileiros nas disciplinas, incluía preferência pelos compêndios nacionais (RAZZINI, 2000). Assim estava organizada *Lições da Língua Materna*, dentro do entendimento de que

[...] todo o estudo da grammatica a que não acompanham as observações sobre a historia da lingua em sua evolução progressiva, como um organismo vivo, e que não se pode subtrahir às leis a que está sujeito tudo o que vive, é incompleto e repellido para o puro domínio dos estudos abstractos e methapysicos, em nada consoantes à esfera em que deve girar e se deve manter toda a sciencia que aspira a uma utilidade pratica e real (RIBEIRO, 1890, p. I).

Como exemplo desse pensamento podemos citar a Lição 6ª, referente a “classificação das palavras” (p. 12) com conteúdos relativos as classes gramaticais, onde o autor trabalha com muitos exemplos reais e depois apresenta a definição (Figura 12), desta forma o aluno tem a oportunidade de entender por meio das palavras a função de um substantivo para só após ler o conceito:

Figura 12 - Lição 6ª, parte- I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 12.



Fonte: Xavier Junior (1906).

Muito diferente do estudo incompleto e abstrato (RIBEIRO, 1890), a exposição de palavras feita no exercício acima tem como objetivo fazer o aluno assimilar a palavra àquilo que ela designa no caso *peessoas, animais, coisas ou objetos*, e depois dessa etapa finaliza explicando o conceito de substantivo e aplicando exercício. O mesmo ocorre na lição seguinte (Figura 13):

Figura 13 - Lição 6ª parte- I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 13.

As palavras que designam pessoas, animaes ou coisas chamam-se *substantivos*.

Vaídade—amôr—mentira—bellêza—candura—virtudê—amizade—desgraça—felicidade—sabedoria—intelligencia—odio—pureza—grandêza—alegria—tristeza—innocencia, que significam coisas que só existem na imaginação, chamam-se *substantivos abstractos* ou *ideaes*.

Mesa—homem—casa—cavallo, vaca—limão—lua—ar—luz—Raphael—pedra—mar—vento—nuvem—relâmpago—pulga—mosquito, que designam sêres que podemos ver ou perceber pelos sentidos, chamam-se **SUBSTANTIVOS CONCRETOS OU REAES**.

EXERCICIO XXI

Escrever, conforme o modêlo, dez nomes que designem pessoas, dez que designem animaes, dez que designem coisas :

MODÊLO		
PESSOAS	ANIMAES	COISAS
primo	pavão	mesa
José	formiga	pedra
pai	camarão	armario

Fonte: Xavier Junior (1906)

A escolha dos Estados do país (Figura 14 e 15) para trabalhar substantivos próprios é também uma estratégia para reforçar os objetivos da época ensinar um português menos ligado ao estudo do grego e do latim, e mais próximo dos conteúdos brasileiros:

Figura 14 - Lição 7ª parte – I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 16.

Brasil é	nome	proprio	de	um	paiz.
Amazonas	»	»	»	»	Estado
Pará	»	»	»	»	»
Maranhão	»	»	»	»	»
Piauí	»	»	»	»	»
Ceará	»	»	»	»	»
Rio G. do Norte	»	»	»	»	»
Parahiba	»	»	»	»	»
Pernambuco	»	»	»	»	»
Alagoas	»	»	»	»	»
Sergipe	»	»	»	»	»
Bahia	»	»	»	»	»
Espirito Santo	»	»	»	»	»
Rio de Janeiro	»	»	»	»	»
São Paulo	»	»	»	»	»
Paraná	»	»	»	»	»
Santa Catharina	»	»	»	»	»
Rio G. do Sul	»	»	»	»	»
Minas Geraes	»	»	»	»	»
Goiáz	»	»	»	»	»
Mato Grosso	»	»	»	»	»
Recife	»	»	»	de	cidade
Mantiqueira	»	»	»	»	monte
Sanhauá	»	»	»	»	rio
Atlântico	»	»	»	»	mar
Bóreas	»	»	»	»	vento

Quando o nome convem a todas as pessoas, animaes ou coisas da mesma especie ou semelhantes, diz-se *substantivo commum* ou APPELLATIVO.

Assim *menino* é nome que serve para todos os meninos; *mêsa* convem a todos os moveis semelhantes; *cão* designa qualquer animal dessa especie.

Fonte: Xavier Junior (1906).

Figura 15 - Lição 10ª parte – I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 36.

EXERCICIO LXX

Escrever conforme o modelo :

Brasil, Parahiba, Perú, Chile, Uruguai, Bolívia, Equador, Paraguai, Portugal, Hespanha, França, Italia, Austria, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Bélgica, Hollanda, Dinamarca, Turquia, Grecia, Japão, China, Arabia, Persia, Mexico.

MODELO

NAÇÃO		NACIONALIDADE
Brasil	~	brasileiro
Austria	~	austriaco
China	~	chinês
Bélgica	~	belga

EXERCICIO LXXI

Dizer de que nação ou estado são as seguintes pessoas:

parahibano, pernambucano, alagoano, sergipano, bahiano, espirito-santense, paulista, fluminense, paráense, catharinense, rio-grandense do sul, cearense, piauiense, maranhense, paranáense, amazonense, matogrossense, goiano, mineiro, francês, português, árabe, inglês, sueco, suíço, russo, belga, mexicano, chileno, uruguaio, acreano, boliviano, peruano, europeu, africano, napolitano.

Fonte: Xavier Junior (1906).

Segundo Azevedo (1963), a unidade política da nação depende da comunhão de ideias e sentimentos trazidos pela educação primária. Diante de tal afirmação pode-se compreender o papel relevante do ensino de língua portuguesa nesta etapa de escolarização no começo do século XX, considerando que a educação nesse período caracterizou-se pelas ideias liberais, que confirmavam ser a escolarização o principal elemento de participação política. Portanto, por meio da leitura e da escrita é que se repassavam estes valores e sentimentos nacionalistas aos futuros cidadãos.

Além da preocupação da escolha de um vocabulário simples, conceitos e atividades práticas, o autor também optou por textos infantis para trabalhar a gramática. Mesmo aparecendo em pequenas quantidades, os textos escolhidos são muito significativos, pelo fato de se referirem a infância, o que faz com que o aluno se identifique com aquilo que está escrito durante a leitura.

O primeiro texto intitulado “*Os Travessos amiguinhos*” (p. 47-48), referente ao exercício CIX, que pede o seguinte: *copiar os seguintes versos, sublinhando os verbos*, faz uma brincadeira com os dedos das mãos atribuindo características para cada um:

Os Travessos amiguinhos / Onde estão os travessos amiguinhos / Que vêm conosco brincar? / Onde estão os activos homenzinhos / Que nos fazem trabalhar? / Em cada mão / Promptos estão / Para o trabalho ou brinquêdo: / Dom pollegar / Vem vindo a par / Do indicador vivo e lêdo / Depois também / O medio vem / E o annular triste e fraquinho, / Porfim, gentil / Segue o perfil / Do nosso dêdo mindinho. (XAVIER JUNIOR, 1906, p. 47-48).

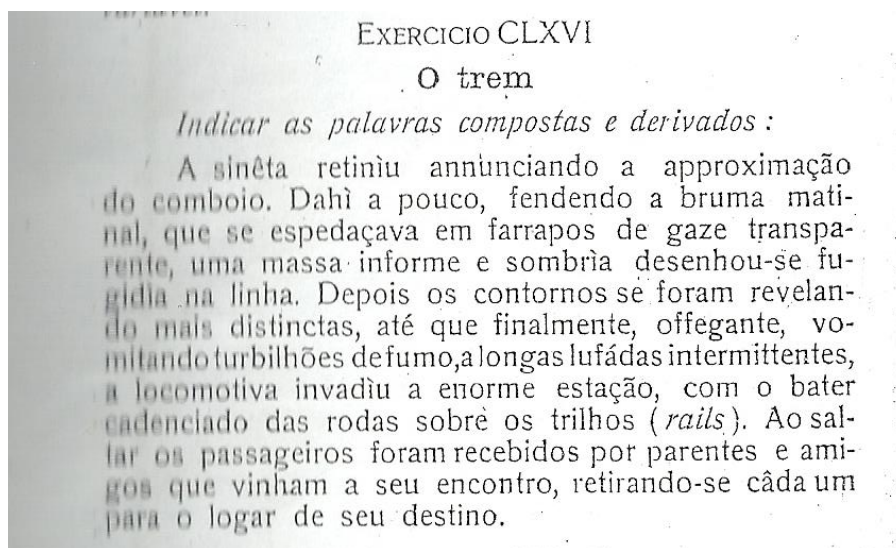
O segundo texto intitulado “*Hymno á Infância*” (p. 53-54), pertence a 14ª lição que trabalha com pronomes, porém o exercício CXV do qual faz parte o texto, apenas pede para o aluno *copiar e decorar o texto*, não estando relacionado ao conteúdo trabalhado ao longo da lição. O exercício de redação que neste caso consiste na reescrita do texto, também era uma forma utilizada para aprender a gramática.

Hymno á Infância / 1º / Bello raio de sol da existencia, / Meninice fagueira e gentil, / Doce riso de pura innocencia / Sempre adorne teu rosto infantil. / Côro / A menina é uma flôr de poesia, / Um composto de rosa e jasmim, / Um sorriso que Deus allumia, / Um amor de gentil seraphim. / 2º Bello raio do sol da existencia, / Flôr da vida, mimosa e gentil, / Fonte pura de meiga innocencia, / Leve gòso da quadra infantil. / Côro / A menina é(XAVIER JUNIOR, 1906, p. 53-54).

O autor escolheu um texto de Gonçalves Dias, que fala da beleza e da inocência infantil. Um hino homenageando as crianças, elaborado por um poeta brasileiro e para ser decorado pelo público infantil conforme pede a atividade. Ao optar por esse texto, Francisco Xavier Junior talvez quisesse reforçar o ideário nacionalista da época que tinha como foco obras didáticas para o público infantil e a escolha de textos de autores brasileiros.

O terceiro e último texto “O trem” (p. 94) encontra-se na lição 24^a, não se refere a infância, mas se trata de um texto simples e fácil de ser compreendido (Figura 16). A referida lição tem como conteúdo a formação das palavras e nesta atividade o autor utilizou o texto para trabalhar palavras compostas e derivadas:

Figura 16 - Lição 24^a, exercício CLXVI, parte- I de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 94.



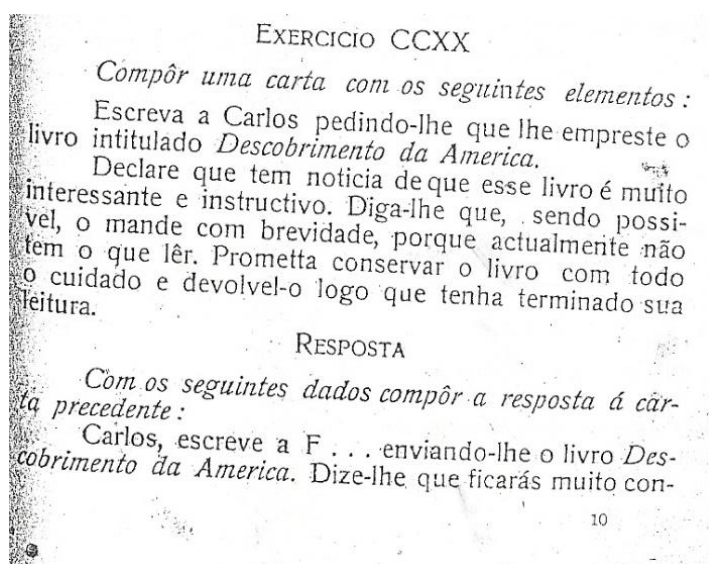
Fonte: Xavier Junior (1906).

Ao longo da Primeira Parte de *Lições da Língua Materna*, o que se percebe é que ao privilegiar a prática ao invés da teoria, o autor optou por um método de exposição do conteúdo que favorece a aprendizagem do aluno. Este tipo de abordagem auxilia na organização das ideias e das informações que estão sendo repassadas, na medida em que aproxima mais o conteúdo trabalhado da realidade do aluno.

4.2 Segunda Parte: *sintaxe*

Dedicada aos exercícios da sintaxe, esta última parte da obra assim como a primeira, apresenta uma estrutura voltada para a prática dos conteúdos com muitos exercícios e vocabulário adequado ao ensino primário. Nota-se nesta parte da obra a presença de vários exercícios para os alunos produzirem pequenos textos a partir dos modelos, a fim de exercitar a escrita (Figura 17):

Figura 17 - Lição 34^a, exercício CCXX, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 131.

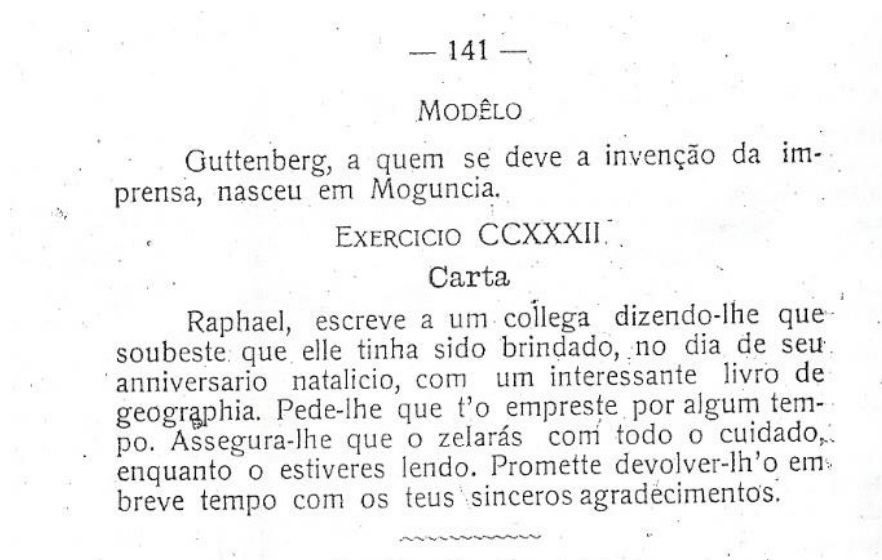


Fonte: Xavier Junior (1906).

Na atividade acima o aluno é orientado a produzir uma carta contendo as informações indicadas na explicação. O uso de verbos no imperativo *escreva*, *declare*, *diga-lhe*, *prometa*, não permite ao aluno usar sua criatividade na hora de produzir seu texto, mas apenas escrever respondendo às orientações impostas no exercício.

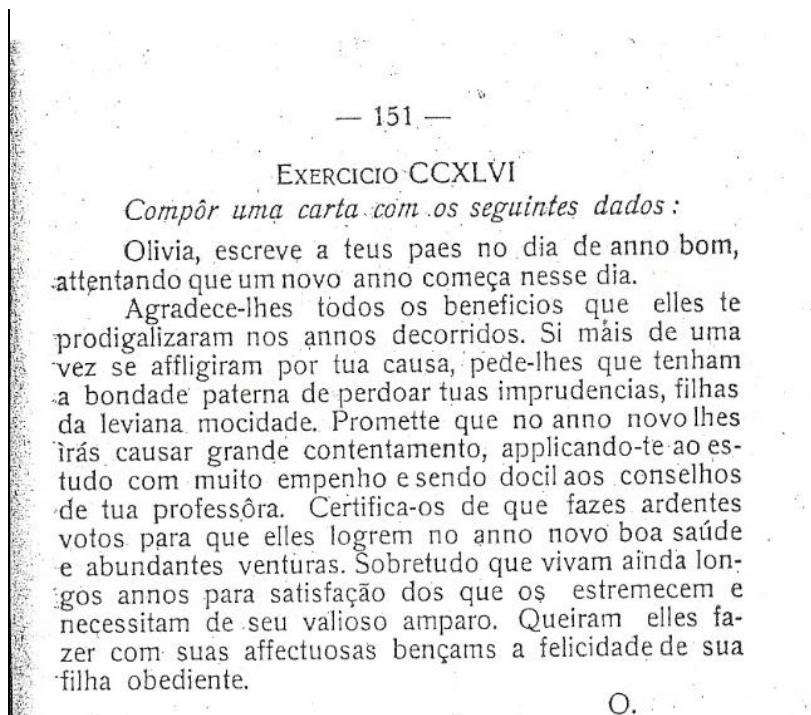
A carta nessa época era um meio de comunicação bastante utilizado, por meio dela a população estabelecia os mais diversos tipos de relações sociais. A utilização de modelos já prontos de carta no livro didático em análise tinha como função também padronizar a escrita deste tipo de texto. Considerando a sua importância para a vida em sociedade no começo do século XX, Francisco Xavier Junior colocou alguns exercícios de composição de carta em sua gramática, um total de 5 cartas (Figura 18, Figura 19, Figura 20, Figura 21) nesta segunda parte:

Figura 18 - Lição 32ª, exercício CCXXXII, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 141.



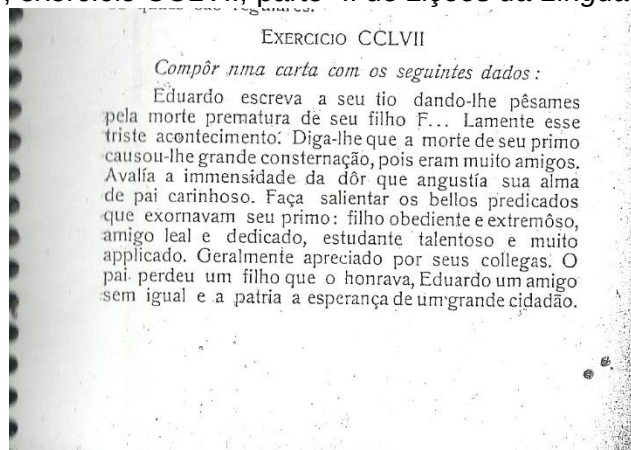
Fonte: Xavier Junior (1906).

Figura 19 - Lição 32ª, exercício CCXXXVIII, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 151.



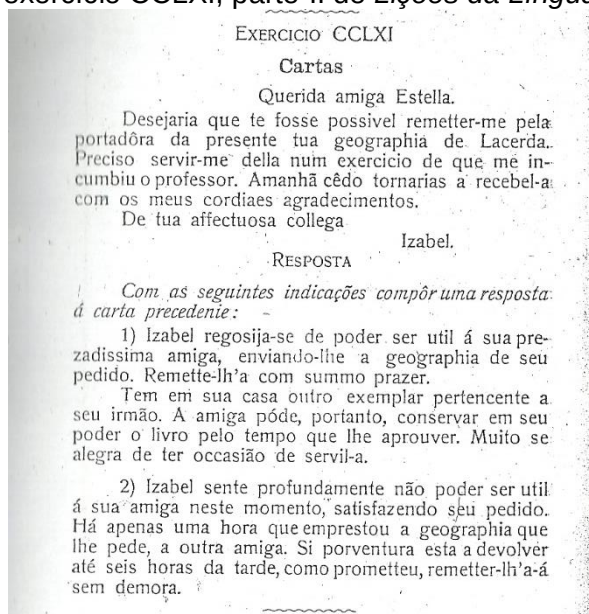
Fonte: Xavier Junior (1906)

Figura 20 - Lição 32^a, exercício CCLVII, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 158



Fonte: Xavier Junior (1906)

Figura 21 - Lição 32^a, exercício CCLXI, parte-II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 162.



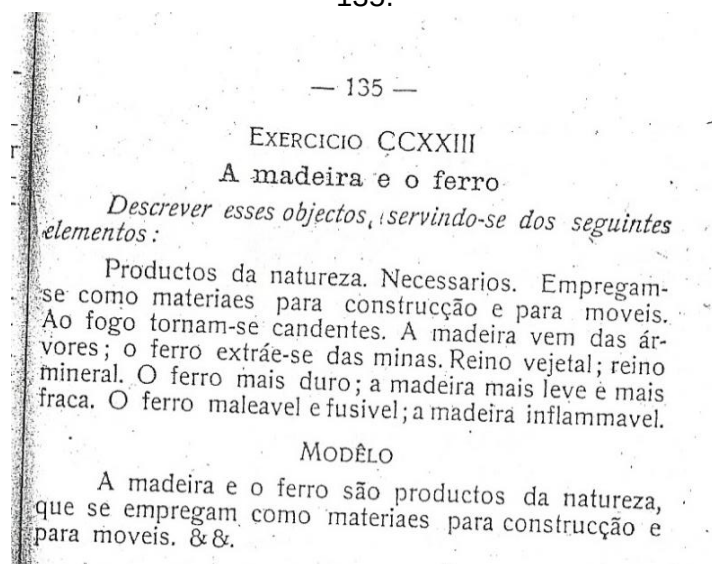
Fonte: Xavier Junior (1906)

Todas as cartas tratam de temas relacionados a comunicações entre parentes e amigos de caráter pouco formal. Sendo o exercício de compor cartas muito comum à época, e estando presente na vida em sociedade, era necessário que a escola ensinasse este saber, preparando as crianças para se comunicar socialmente. Aprender a redigi-las também ajuda a exercitar os conhecimentos da norma padrão da escrita. Mais uma vez o autor optou pela praticidade, ensinando a gramática ao mesmo tempo em que ensina um saber utilitário para a vida. A esse respeito Bilac;Bonfim (1904) afirmam que não basta ensinar regras porque:

O aluno pode perfeitamente ficar senhor de todas as regras da gramática, e não saber dizer o que pensa e o que sente. A gramática seca, abstrata e árida, com que se cansa o cérebro das crianças, não ensina a escrever. Ninguém cuida de lhe negar utilidade e valor: mas querer habituar o aluno ao manejo da língua só com o estudo da gramática e começar esse ensino pelas regras abstratas da lexicologia e da sintaxe é o mesmo que querer ensinar matemática só com o estudo da geometria analítica (BONFIM; BILAC, 1904, p. 11-12).

Ministrar ao estudante saberes de uso imediato em seu cotidiano reforça o caráter formativo que o autor de *Lições da Língua Materna* pretendia dar a sua obra. Além de cartas, a gramática conta com alguns exercícios descritivos e narrativos que trazem informações utilitárias que vão além do conteúdo gramatical. Como exemplo a atividade que segue fala sobre a madeira e do ferro (Figura 22), onde se encontram esses recursos e no modelo de resposta ainda informa sobre as utilidades que possuem:

Figura 22 - Lição 35^a, exercício CCXXIII, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 135.

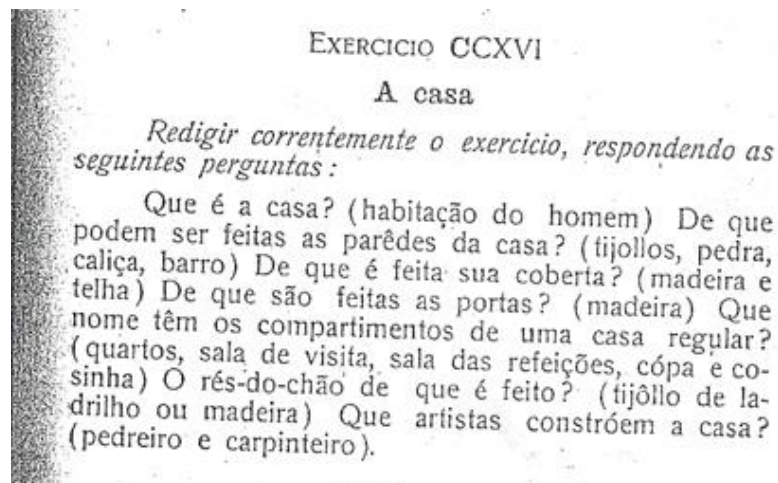


Fonte: Xavier Junior (1906)

De acordo com exercício CCXXIII deverá ser redigida uma descrição que responda às dicas dadas no texto, em seguida o autor coloca um modelo para auxiliar na construção. Portanto, a escrita é conduzida de modo que o aluno escreva seguindo a sequência indicada. O que chama atenção é o fato de o professor construir

praticamente todo o texto e o alunos apenas completarem o que já está quase pronto, não permitindo ao aprendiz exercitar sua criatividade. É o que ocorre também no exercício CCXVI (Figura 23):

Figura 23 - Lição 32^a, exercício CCXVI, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 127.



Fonte: Xavier Junior (1906)

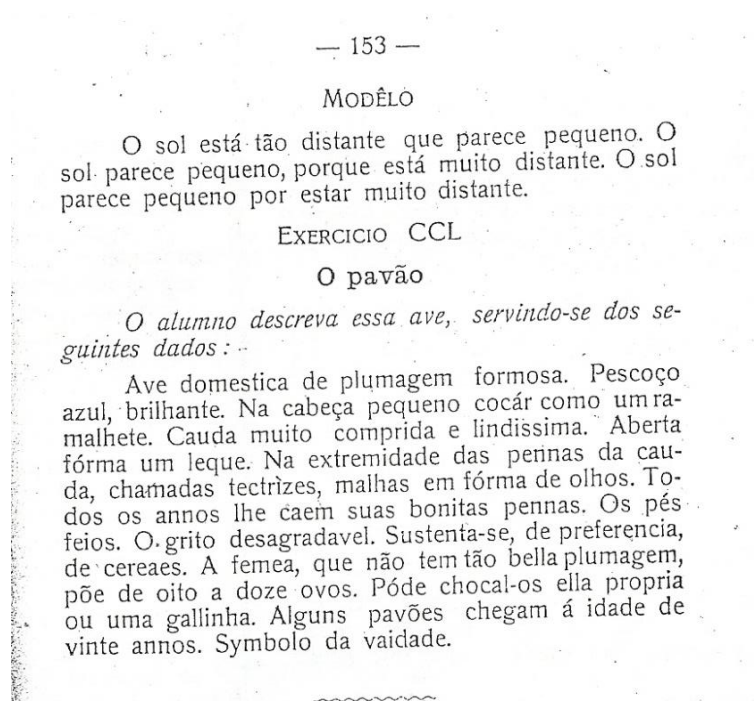
Do mesmo modo perguntas para construir o texto, só que agora já com sugestões de respostas. Este tipo de atividade vai de encontro com a noção de aprendizagem prática, ativa e racional que o autor propôs em seu prefácio na obra, pois não estimula o aluno a pensar, nem a participar ativamente na construção da resposta, sendo uma tarefa característica do ensino tradicional. Por exemplo, quando pergunta: *De que são feitas as portas?* E responde (*madeira*), de alguma forma já inibe o aluno de sugerir outra resposta.

Essa preocupação em dar a obra um teor prático e utilitário era uma tendência do cientificismo e do positivismo que ganhou força no final do século XIX e influenciou os autores de livros didáticos. Essa corrente de pensamento atuou intensamente, sendo segundo Paim (1979):

A ascensão do positivismo corresponde ao fenômeno mais significativo durante a República. Nos primeiros tempos da República do novo sistema... era quase uma religião de Estado. (...) Reformou-se o ensino para adequá-lo à hipótese comteana de que o real se esgotaria na série hierárquica das Ciências. (PAIM, 1979, p. 17).

Continuando com os exercícios da escrita, o autor também trabalha com os tipos de texto (descrição e narração), seguindo o mesmo método utilizado nas atividades anteriores (Figura 24), apresentando ao aluno todas as repostas para que ele apenas descreva o que já está praticamente pronto. Uma forma de tentar modelar/padronizar a escrita, assim pede o exercício CCL:

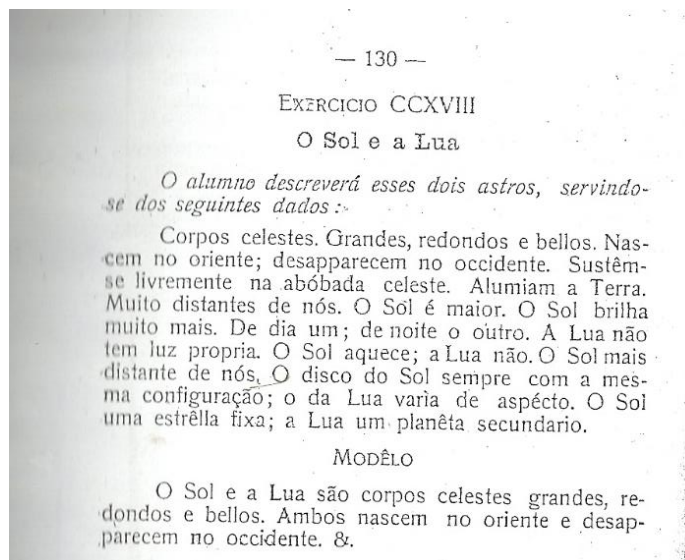
Figura 24 - Lição 37^a, exercício CCL, parte-II.de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 153



Fonte: Xavier Junior (1906)

Primeiramente ele já diz qual o animal a ser descrito “o pavão” e depois fornece todas as características desta ave, restando ao aluno apenas colocá-las de forma descritiva, repetindo aquilo que já está pronto. O mesmo ocorre na atividade seguinte (Figura 25) com um enunciado que diz: “*O alumno descreverá esses dois astros, servindo-se dos seguintes dados*” (XAVIER JUNIOR, 1906, p. 130). Aqui também será trabalhada a descrição e ensinado aos alunos saberes que envolvem outra disciplina:

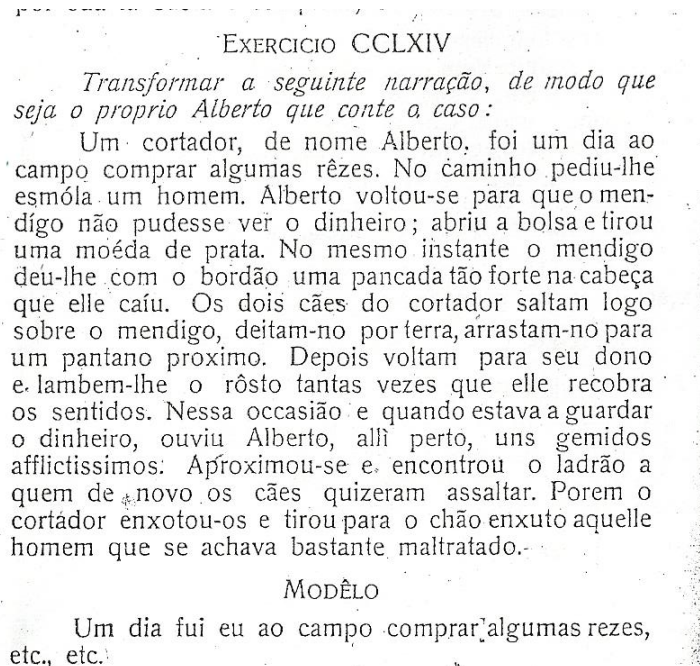
Figura 25 - Lição 33ª, exercício CCXVIII, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 130.



Fonte: Xavier Junior (1906)

No exercício CCLXIV (Figura 26), o trabalho com a narração é feito por meio da mudança do tipo de discurso, neste caso o aluno exercitará a escrita por meio da transformação do discurso indireto para o direto, treinando suas habilidades de estabelecer as concordâncias necessárias na construção do texto. Além disso, aprenderá também a diferenciar os discursos (direto/indireto).

Figura 26 - Lição 31^a, exercício CCLXIV, parte- II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 164.

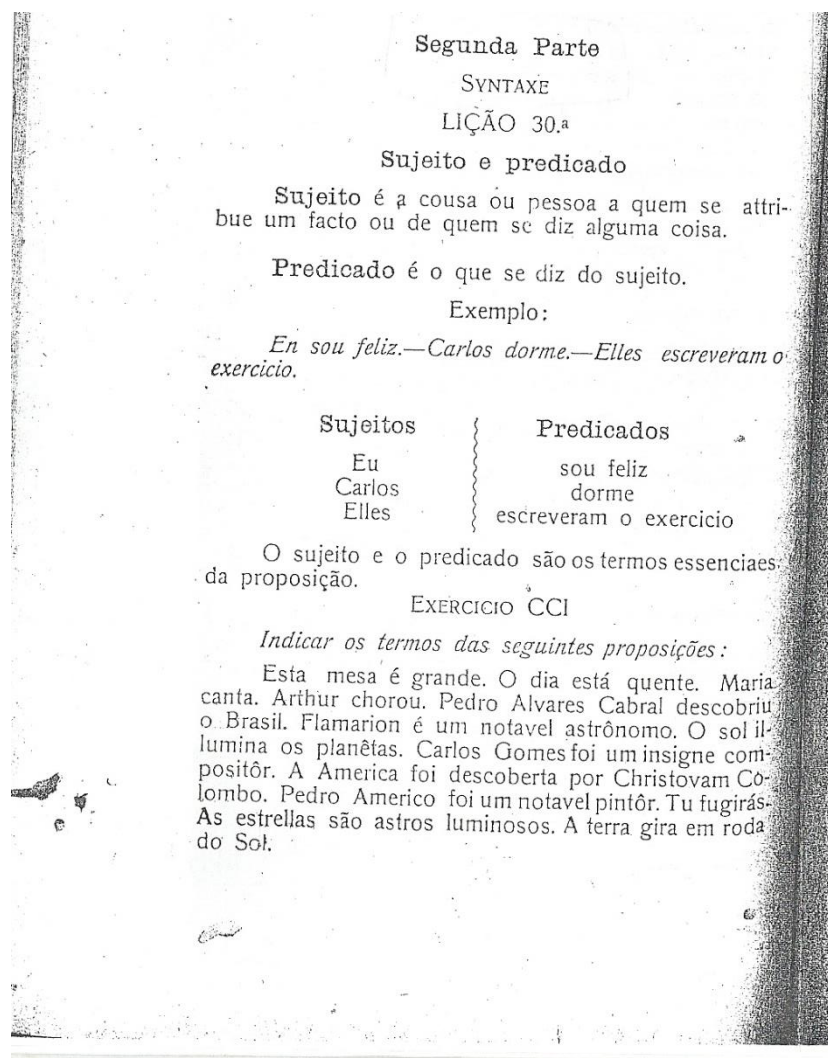


Fonte: Xavier Junior (1906).

O que se percebe é que se trata de uma gramática cujo foco é a prática, por isso muitos exercícios para o aluno aprender a escrever corretamente. Pouco espaço é dedicado as teorias, pois “uma língua não tem apenas regras: tem pequenos e complicados segredos de construção, recursos e artifícios, cuja chave apenas a prática pode dar” (BONFIM; BILAC, 1904, p. 11-12).

Nesta segunda parte afora os exercícios de escrita também foi dado ênfase ao trabalho com os termos da oração e as conjugações verbais, tudo seguindo a mesma metodologia de maior atividade do educando praticando por meio dos exercícios como se vê no exemplo a seguir (Figura 27) que mostra o conteúdo inicial da parte referente a sintaxe dentro de *Lições da Língua Materna*:

Figura 27 - Lição 30^a, exercício CCI, parte-II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 116



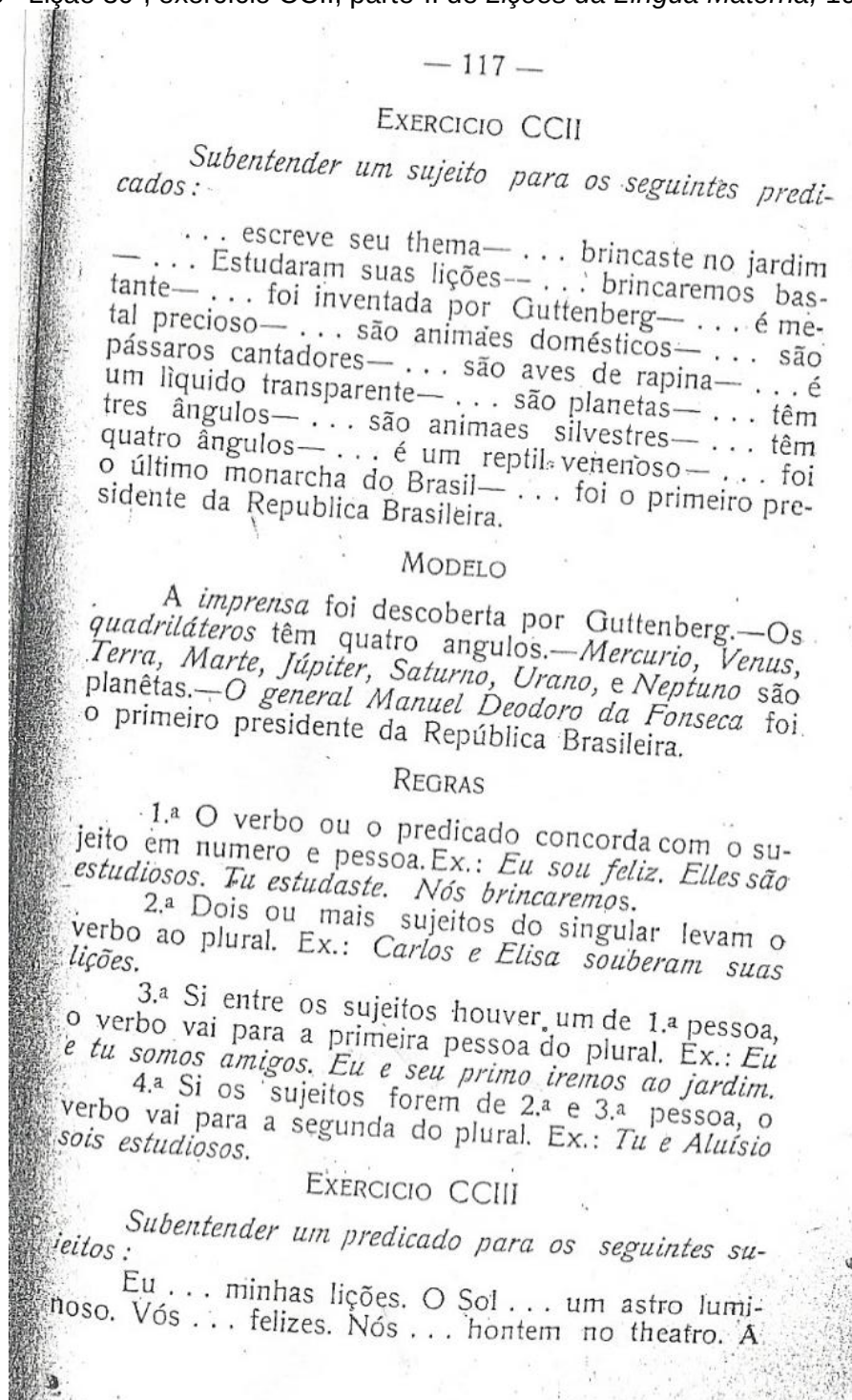
Fonte: Xavier Junior (1906)..

Após uma rápida definição e a apresentação dos exemplos já se inicia a primeira atividade, explorando o conteúdo abordado, *sujeito e predicado*. Nota-se que há uma sequência de exercícios a serem praticados, sem muitos comentários detendo-se apenas a prática para a aprendizagem da escrita de acordo com os padrões da norma culta.

Ao fazer a leitura de *Lições da Língua Materna*, o leitor se depara com essa objetividade na hora de estruturar as lições e na escolha dos exercícios, uma organização pensada no sentido de realçar o caráter prático da gramática característico de uma escola que fazia parte de um período histórico que pretendia popularizar a instrução, tornar a aprendizagem utilitária para a vida do aluno atendendo, conforme já dito, os ideais do sistema republicano. Mesmo discretamente percebe-se uma valorização do raciocínio do aluno na construção dos exercícios

propostos no intuito de assegurar a praticidade, conforme se vê na atividade a seguir (Figura 28) que ainda aborda o conteúdo de *sujeito e predicado*:

Figura 28 - Lição 30ª, exercício CCII, parte-II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 117.



Fonte: Xavier Junior (1906).

Após indicar uma atividade na qual o aluno deve identificar os termos das proposições o autor já propõe em seguida uma segunda atividade para que o aluno subentenda, ou seja, use seus conhecimentos para criar um sujeito adequado para as orações. Em seguida algumas regras de concordância e mais exercícios, agora para o aluno subentender um predicado.

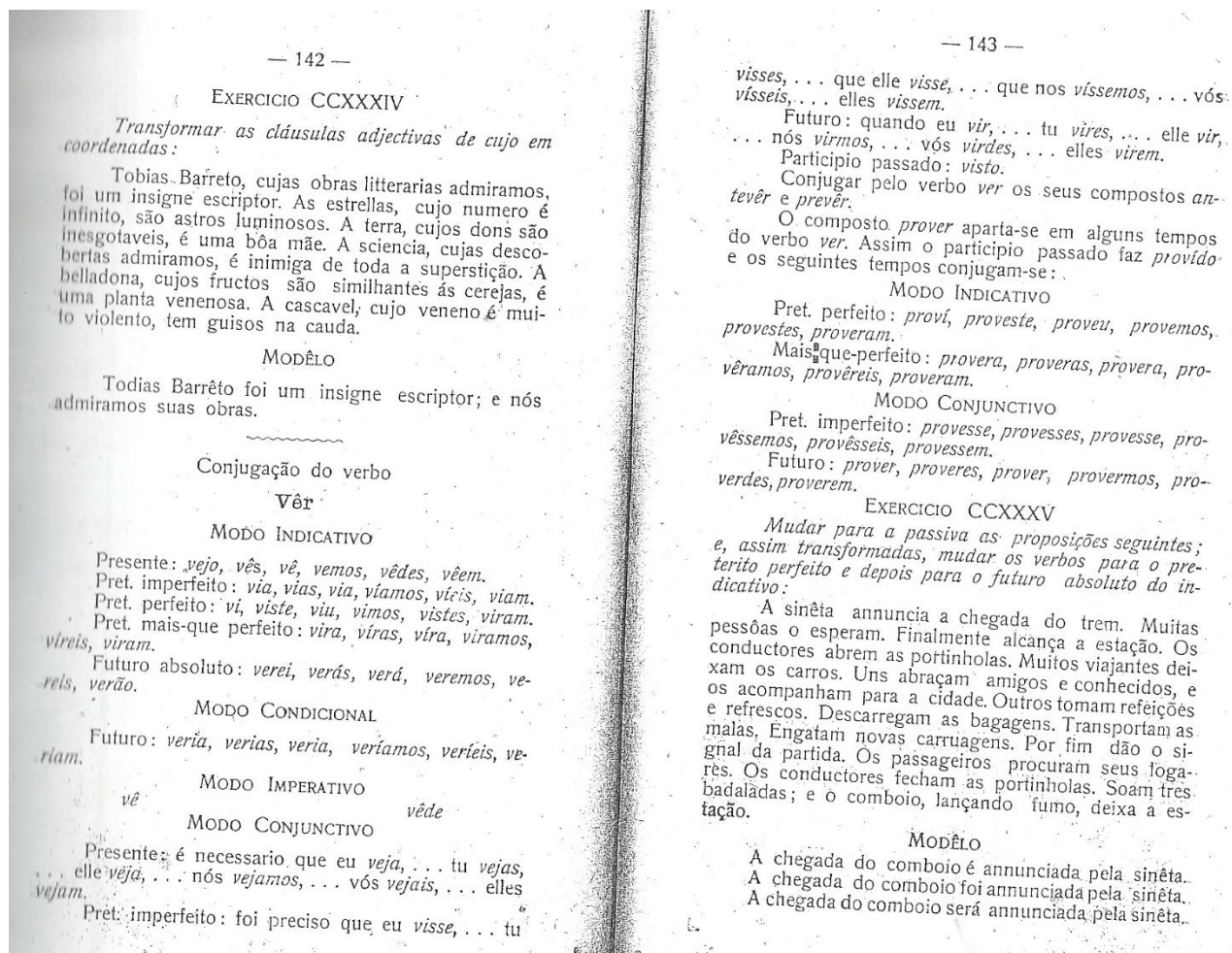
No decorrer de toda a segunda parte da obra, Xavier Junior busca fugir do estilo das gramáticas baseadas apenas em prescrições, distanciadas da prática, esse pensamento crítico que estava proclamado entre autores do final do século XIX e começo do século XX, que se diziam ter ideias modernas para o período.

Na verdade o “moderno” que o autor apresenta não é uma mudança total daquilo que já existia no ensino de gramática, aliás o seu trabalho ao mesmo tempo em que busca a modernidade no ensino propondo menos teoria e mais prática, volta um pouco ao tradicional no momento em que compõe a maior parte dos exercícios com frases isoladas no lugar de textos, conforme observado nos exemplos já citados. Nessa perspectiva segundo Cardoso (1902) não se aprende a língua, pois “é pela língua que chegaremos ao conhecimento da gramática e todo aquele que tenta proceder de modo contrário não conseguirá senão esterilizar a inteligência infantil, com conhecimentos inúteis” (p. 60)²⁹. Esse tipo de construção de texto com frases soltas não permite ao aluno estruturar o pensamento antes de escrever.

Voltando a análise do conteúdo da obra outro ponto interessante que vale ressaltar é a exposição das conjugações verbais durante toda esta segunda parte da obra, mesmo quando o conteúdo tratado não diz respeito à conjugação. Ele indica o verbo e em seguida conjuga no modo *indicativo*, *imperativo*, *condicional* e *conjuntivo*, uma expressão do português europeu para indicar o modo subjuntivo que exprime uma ação ainda não realizada, hipotética. Interessante que mesmo se tratando de uma gramática da “língua materna”, Francisco Xavier Junior optou por utilizar um termo não característico do português brasileiro, como se pode observar no exemplo a seguir (Figura 29) de conjugação do verbo *ver* e seus compostos:

²⁹ CARDOSO, Luiz. “Arte de Leitura e a crítica”. Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Typographia do “Diário Oficial”, ano I, nº 6, fevereiro de 1902.

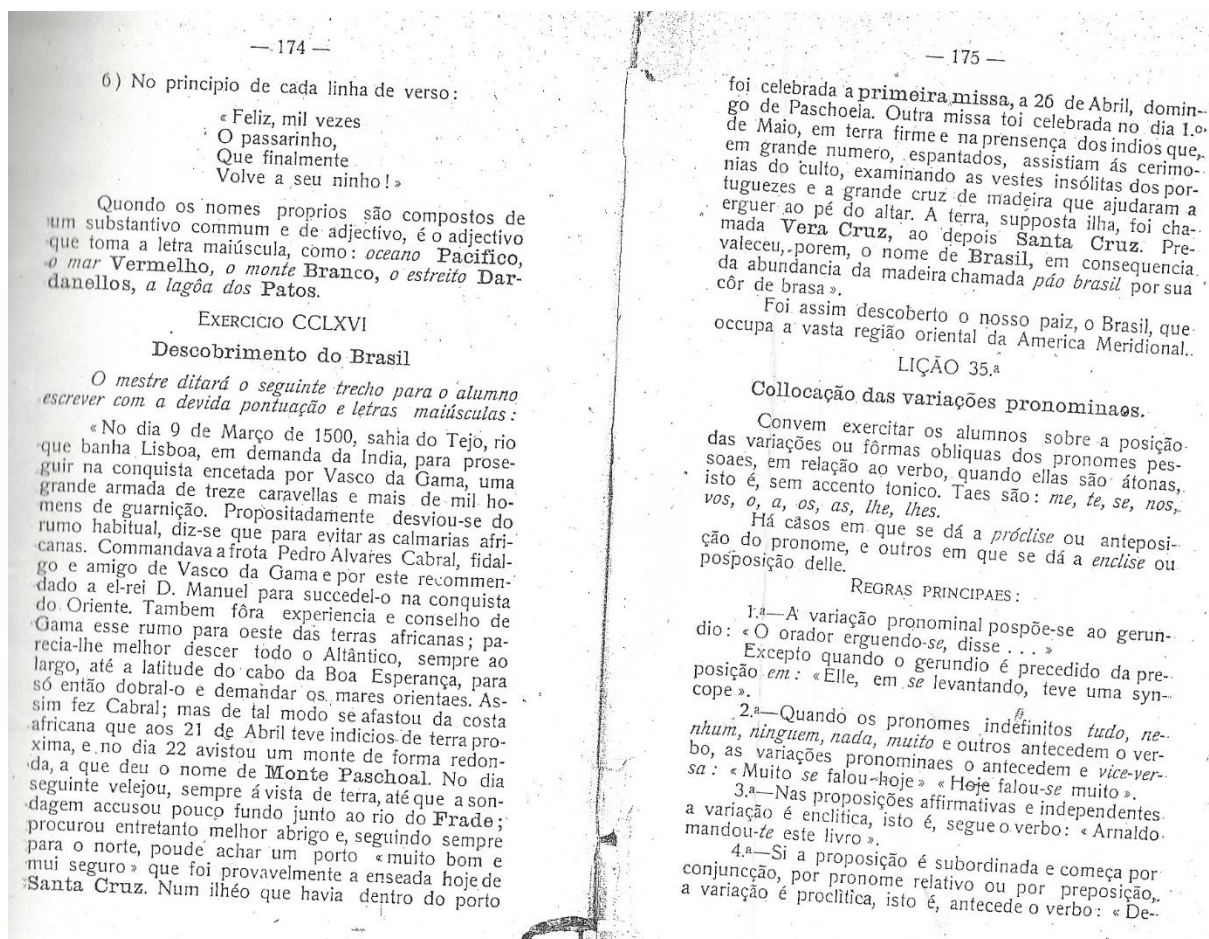
Figura 29 - Lição 31^a, exercício CCXXXIV, parte-II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 142-143.



Fonte: Xavier Junior (1906).

As três últimas lições foram dedicadas ao trabalho com a pontuação, o emprego correto da letra maiúscula e a colocação dos pronomes, onde o autor finaliza o trabalho com um texto sobre o “*Descobrimento do Brasil*”, o qual o aluno deverá pontuar corretamente. Uma atividade que além de treinar a ortografia, traz conhecimentos de história para os alunos (Figura 30):

Figura 30 - Lição 34^a, exercício CCLXVI, parte-II de *Lições da Língua Materna*, 1906, p. 174-175.



Fonte: Xavier Junior (1906).

Assim, conforme vimos ao longo da exposição dos conteúdos e das atividades de *Lições da Língua Materna*, o autor procurou valorizar o ensino de gramática por meio da prática. A escolha dos conteúdos e a maneira como as atividades foram trabalhadas constituem um cenário das tendências do período.

No intuito de tornar a aprendizagem mais concreta e objetiva, sua preocupação maior dentro da obra foi com a elaboração de muitos exercícios para que o aluno pudesse compreender mais rápido a utilização das regras gramaticais na escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal tornar visível, por meio da análise de *Lições da Língua Materna*, 1906 de Francisco Xavier Junior, o ensino de gramática na escola elementar paraibana no início do século XX. O livro didático foi componente fundamental, que permitiu reconstruir saberes sobre o ensino de língua portuguesa, tendo em vista que por meio de seu estudo pudemos entender como se organizava o ensino e as disciplinas escolares na Paraíba.

A transição para o regime republicano trouxe novas perspectivas em torno da educação que orientaram o ensino e estimularam a publicação de novos livros didáticos que estivessem de acordo com os ideais e projetos civilizatórios da República. A gramática em estudo foi uma das obras publicadas nesse contexto, e podemos dizer que assim como os demais livros publicados na época, tinha como objetivos apresentar novas propostas e métodos de ensino baseados no método intuitivo.

Nesse sentido, como forma de compreender mais precisamente a gramática de Francisco Xavier Junior, nos debruçamos, primeiramente, no delineamento histórico do ensino de gramática no Brasil. Foi necessário voltar ao passado para entender um pouco a tradição constituída na história escolar sobre o ensino gramatical antes de iniciar a análise da gramática em estudo. Tal procedimento possibilitou perceber a importância da língua como meio de representação de identidade nacional, cultural e linguística, especialmente, no tocante a ideia de ensino no qual a língua deveria ser a marca de identidade de seu povo, um instrumento de unificação e representatividade.

Estudar *Lições da Língua Materna* permitiu conhecer e recuperar a história do ensino de gramática na Paraíba, principalmente no que diz respeito à preocupação em apresentar novos métodos para o ensino de gramática da língua materna. Logo em seu prefácio, o livro nos deu pistas de que seria inovador, seguindo os preceitos do método intuitivo e atendendo ao projeto modernizador republicano que almejava fortalecer a ideia de nação, dentro do entendimento de que uma cultura comum por meio de uma língua era essencial para fortalecer o nacionalismo, tão estimado naquele momento.

Com a análise dos discursos, percebemos que os protocolos de leitura tecendo elogios sobre a obra intencionavam formar opiniões e construir uma imagem positiva

do trabalho de Francisco Xavier Junior. Para chegar a tal compreensão, tomamos como referência Chartier e Foucault que nos auxiliaram no entendimento dos princípios que governam a ordem dos discursos na sociedade, neste caso os discursos que ordenam o livro em questão. Concordando com Foucault (2012), estes discursos revestidos de poder e verdade lançaram no leitor um olhar diferenciado em torno do trabalho, pois eram a representação daquilo que se esperava de um livro didático naquele momento.

A presença das opiniões de figuras influentes como o Governo do Estado, o Conselho de Instrução pública e os jornais da época (*A União e Jornal D'O Comercio*), além de contribuir para que livro fosse adotado como material oficial a ser utilizado nas escolas públicas, foi uma estratégia de condução dos modos de leitura do público. Essa estrutura do livro confirma, segundo Chartier (1999, p. 20), o entendimento de que “as próprias estruturas do livro são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada”.

Na verdade, não se tratava de apresentar opiniões sobre a gramática, mas de mostrar ao público/clientela que mais que um trabalho necessário, inovador e moderno, era um material do Governo, escrito, aprovado e publicado por este, inclusive carregando seu nome na capa, o que já era suficiente para que o livro fosse aprovado e considerado inovador.

Constatamos, também, que a obra seguiu uma tendência dos livros de autores brasileiros daquele período, ao adotar as orientações do método intuitivo, *Lições da Língua Materna* trouxe consigo novas propostas e métodos para o ensino de língua portuguesa. Com a análise do conteúdo didático, à medida que o trabalho se desenvolvia, percebemos que a proposta inicial do autor, de acabar com a prática de ensinar às crianças a língua materna pelo processo de decorar regras e definições gramaticais, foi aplicada, em parte, dentro da obra. A primeira parte que trata dos conteúdos de morfologia está repleta de exercícios, muitos exemplos e pouquíssimas teorias.

A escolha do vocabulário simples, adequado ao cotidiano das crianças, e a utilização de pequenas frases ao invés de trechos de autores consagrados da literatura universal para ensinar os conteúdos gramaticais, além, é claro, da metodologia utilizada para aplicação do conteúdo aprendido, também demonstraram o empenho do autor em valorizar aquilo que o aluno já sabe no momento em que

aproxima o material didático da realidade do aprendiz. Praticar por meio de intensos exercícios foi o lema que o autor aplicou em seu trabalho.

Um aspecto observado na gramática foi a presença de exercícios de escrita, algo diferenciado para este tipo de livro. Mesmo em pequenas quantidades a descrição e a narração foram conteúdos presentes e trabalhados em *Lições da Língua Materna*. Os exercícios de descrição, por exemplo, foram elaborados em torno de perguntas cujas respostas formariam o texto descritivo. As perguntas versavam em torno de conhecimentos úteis do dia a dia e também em outras disciplinas como ciências, geografia e história. Exercitar os conhecimentos aprendidos sobre os conteúdos gramaticais, por meio da produção de pequenos textos, foi outra novidade que encontramos nos métodos aplicados por Francisco Xavier Junior, o que deixa evidências que seu trabalho foi inovador e relevante para a educação paraibana em 1906.

O gênero textual carta apareceu diversas vezes ao longo da segunda parte do livro, onde o autor trouxe modelos e orientações para o aluno produzi-las, reforçando o conteúdo e a forma como deveria ser redigida, a fim de padronizar e de, certa maneira, controlar a escrita do aluno. Esse tipo de procedimento na atividade reafirma a intenção de utilizar a escrita não somente como ferramenta de comunicação, como também um meio de unificar e doutrinar por meio da escrita.

Um manual de gramática que trabalha com produção de textos e saberes de outras disciplinas, um guia de ensino com um método diferente para os educadores ensinarem gramática, um pequeno avanço foi o que representou *Lições da Língua Materna* na Paraíba. Fugir do uso exclusivo da memorização e trazer algo mais concreto/prático, que melhorasse o ensino-aprendizagem da língua materna na educação elementar paraibana foi o que nos apresentou Francisco Xavier Junior, porém mantendo ainda em partes, algumas práticas do ensino tradicional de gramática.

Nessa direção, *Lições da Língua Materna* revelou-se, nesta pesquisa, em termos didáticos, uma obra voltada à aproximação das regras gramaticais com a prática escrita, ou seja, sua aplicação em situações comunicativas, na medida em que propõe um método racional e ativo que está adaptado a idade do aprendiz, para que este, ao estudar a gramática, se sinta familiarizado com aquilo que está estudando e consiga assimilar com menos dificuldade o conteúdo.

Finalizando, a análise demonstrou que *Lições da Língua Materna* seguiu a tendência de inovar os métodos de ensino da gramática de língua portuguesa baseado no método intuitivo, atendendo ao projeto modernizador republicano. Também mostrou que ao ensinar saberes padronizados sobre a língua vigente a obra contribuiu também com a tarefa de homogeneizar/unificar por meio de um referencial comum, a língua materna.

Concluímos destacando, ainda, o quanto se faz necessário outros trabalhos, na perspectiva da história da educação que privilegiem a temática da história do ensino de língua portuguesa, pois entendemos que em relação às questões que envolvem a língua materna e seus diversos usos ainda há muito o que se investigar. Assim, esperamos com este trabalho, que ora concluímos, que possa servir de fonte para outras pesquisas nessa área de conhecimento.

6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. **As origens das instituições escolares**. In: AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963

BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública**. Obras completas. Vol. X, tomo I ao IV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

BARRETO, Fausto; LAET, Carlos de. **Anthologia Nacional ou Coleção de Excerptos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1915.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República** (1889-1930). São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa. *et al.* **Língua Portuguesa através dos séculos (XVI ao XX): em busca do método historiográfico**. Araraquara: Anais II EDIP, 2002.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Cultura do Povo e Cultura Popular. In: **A Cultura do Povo**. Educ. São Paulo, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado, 1993.

_____. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.3, set./dez. 2004.

BOMFIM, Manoel. **América latina: Males de origem. O parasitismo social e evolução**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

_____; BILAC, Olavo. **Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias**. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1904.

BORGES, Abílio Cesar. **Primeiro livro de leitura segundo o método do Barão de Macaúbas**. Bruxelas: Typographia E. Guyot, 1888.

CALKINS, Norman Alison. **Primeiras lições de coisas**: Manual de ensino elementar para uso dos paes e professores. Tradução de Rui Barbosa. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Saúde. Vol. XIII, Tomo I. Obras Completas, 1950.

CARDOSO, Brício. Apostila de gramática. **Jornal de Aracaju**. Aracaju, 01 de novembro de 1873.

CARDOSO, Luiz. **Arte de Leitura e a crítica**. Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Typographia do “Diário Oficial”, ano I, nº 6, fevereiro de 1902.

CARVALHO, José Ricardo. **A construção da identidade de uma nação por meio da língua escrita e falada**. Revista Fórum Identidades, Sergipe, 2, 83-90, 2008

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. 2. ed. Brasília/DF: UnB, 1999.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Revista Teoria & Educação, Porto Alegre, 2, 177-229, 1990.

_____. ; COMPÈRE, Marie-Madeleine. **As humanidades no ensino. Educação e Pesquisa**. São Paulo: FENSP, v. 25, n. 2, p. 149-170, jul. /Dez. 2009).

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. XXIIº Congresso do ISHEE em Alcalá, Espanha. **Revista Paedagogica Histórica**, v. 38, n. 1, 2002, p.21-49. Tradução de Maria Adriana C. Cappello.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Cadernos Cedes**, São Paulo, n 52, p. 11-24, 2000.

CURY, Cláudia Engler. As escolas de primeiras letras e o Lyceu Parahybano: cultura material escolar (1822-1864). **Cultura Escolar Migrações e Cidadania- Actas do VII Congresso LUSO-BRASILEIRO de história da Educação 20-23**, Junho 2008, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2008.

ELIA, Silvio. **O problema da língua brasileira**. Rio de Janeiro: INL: MEC, 1961.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Representações da escola e do analfabetismo no século XIX. In: BATISTA, Antônio Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). **Leitura; práticas, impressos, letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes. História da disciplina Português na escola brasileira. **Diadorim**, 2009, vol. 6, p. 13-36. ISSN: 1980-2552.

_____. ; MOLINA, Márcia Antônia Guedes. **As concepções lingüísticas no século XIX — a gramática no Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERNANDES, Giselle. **Livros de redação no Brasil: o começo de uma história**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, 2001.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. “O livro didático de História: Lugar de memória e formador de identidades”. In: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História, 20, Florianópolis, 1999. **História: fronteiras /Associação nacional de História**. São Paulo: Humanitas, FFLCH, ANPUH, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Coleção passagens. Vega: Lisboa, 1992.

_____. **A ordem do discurso**. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Idéias Pedagógicas**. Ática, 1993.

GALVÃO, Ana Maria.; BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Manuais escolares e pesquisa em História. In: C. G. VEIGA; T. N. L. FONSECA. **História e Historiografia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GORE, Jennifer. Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, T.T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GRAFF, Harvey. **The Legacies of Literacy**. Bloomington-Indiana, Indiana University Press, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos**. O estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista político educador. São Paulo: USP, 1986, 343p. Tese. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1986.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**: Bilac e a literatura na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. ; ZILBERMAN. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LEÃO, Antônio Carneiro. **O Brasil e a educação popular**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1917.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Ivana. Stolze. A língua nacional no império do Brasil. In.: GRINBERG, K.; SALLES, R. **O Brasil Imperial**, volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2009.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Tendências da Educação Brasileira**. 2. Ed. Brasília: MEC/Inep, 2002.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Editora Nacional, 1955.

MACIEL, Maximino. **Grammatica Analytica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1894.

_____. Breve Retrospecto sobre o Ensino da Língua Portuguesa. In: **Relatos**, nº 3, junho. Campinas: IEL-UNICAMP, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1998. A língua falada e o ensino de português”. In: N. B. Bastos (Org.). **Língua Portuguesa, História, Perspectivas, Ensino**. São Paulo, EDUC, PUCSP. 1998, pp. 101-119.

MARIANI, Bethania. **Colonização lingüística: Brasil (séculos XVI a XVIII) e Estados Unidos da América (século XVIII)**. Campinas: Pontes Editores, 2004.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

_____. **A Educação na Primeira República**. in História Geral da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro-São Paulo: Difel, 1977.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Análise do Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas. Ed. Pontes, 2003.

PAIM, Antônio. Trajetória da filosofia no Brasil. In: FERRI, Mário Guimarães e MOTOYAMA, Shozo (org.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP/EPUP, 1979.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1988.

PESSANHA, Eurize Caldas *et. al.* 2006. **A história da disciplina língua portuguesa no Brasil através dos manuais didáticos (1870-1950)**. Disponível em: <www.faced.ufjf.br/educacaoemfoco/default.asp>. Acesso em: 18/09/2013.

PFROMM NETO, Samuel. *et al.* **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade. São Francisco, 2002. (Coleção educação contemporânea).

_____. ; CURY, Cláudia Engler. **Leis e regulamentos da instrução da Paraíba no período imperial**. Brasília, DF: MEC/ INEP, 2004. (Coleção Documentos da Educação Brasileira). CD-ROM.

POPKEWITZ, Thomas. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, T. T. (org.). **O Sujeito da Educação**: Estudos Foucaultianos. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (p. 173-210).

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **O espelho da nação**: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838- 1971). Tese de doutorado. Instituto de estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas: Mimeo, 2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: A organização escolar. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro Ribeiro. **Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa**. Salvador: Imprensa Popular, 1890.

ROMANNELI, Otaíza. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SCHELBAUER, Analete. Regina. **Idéias que não se realizam**: o debate sobre a educação do povo no Brasil de 1870 a1914. Maringá –PR: EDUEM, 1998.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**, 2009, vol.13, no.26, p.32-55. ISSN 1413-7704.

SENA, Fabiana. **A tradição da civilidade nos livros de leitura no império e na primeira república**. Programa de Pós-Graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba: Tese de Doutorado, 2008.

SOARES, Magda. Becker. Concepções de linguagem e o ensino da língua portuguesa. In: Neusa Barbosa Bastos (org). **Língua portuguesa**: história, perspectivas e ensino. São Paulo: EDUC, pp. 53-59, 1998.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: um estudo sobre a implantação do grupos escolares no Estado de São Paulo. 1890-1910. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1996.

_____. **O direito à educação**: lutas populares pela escola em Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1998a.

_____. **Demandas populares pela educação na Primeira República: aspectos da modernidade brasileira**. Revista Educação e Filosofia, Uberlândia, 6(12), 63-70, 1992.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Decorar, lembrar e repetir: o significado de práticas escolares na escola brasileira do final do século XIX. IN: SOUSA, C. P. (org.). **História da educação**: processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

VERÍSSIMO, José. **Educação Nacional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VERNEY, Luís Antonio **Verdadeiro método de estudar**. Edição organizada por Salgado Jr. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1949 [1756].

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sur l'histoire e la théorie de la forme scolaire. In: VINCENT, Guy. **L'éducation prisonnière de la forme scolaire?** Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. Há uma tradução brasileira, por Diana Gonçalves Vidal, em Educação em Revista, n. 33, jun/2001, pp. 7-47.

XAVIER JUNIOR, Francisco. **Lições da Língua Materna**. Parahyba do Norte: Imprensa Oficial, 1906.

ANEXO A - Publicação da Comissão Nacional do Livro Didático no Diário Oficial da União (DOU) em 1947.

14384 Segunda-feira 24

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Novembro de 1947

Comissão Nacional do Livro Didático

Para conhecimento dos interessados, publica-se, a seguir, a lista parcial n.º 3 dos livros didáticos julgados como de uso autorizado, por esta Comissão, os quais, com os das demais listas a serem publicadas, serão aqueles que poderão ser adotados nas escolas primárias, secundárias, normais e profissionais, no próximo ano letivo de 1948, na conformidade do Decreto-lei n.º 8.460, de 28 de dezembro de 1946.

Em relação aos livros que contenham matéria referente à organização administrativa e política do país, fica esclarecido que, para que possam ter uso autorizado nas escolas, deverão atualizar essa matéria, na conformidade dos princípios constitucionais vigentes, só podendo, pois, em novas edições, assim corrigidos, apresentar o número de registro, desta Comissão, e o dístico de "Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde".

Depois de publicadas as listas parciais, que resumem o trabalho desta Comissão, ano por ano, será feita a publicação de todos os livros didáticos de uso autorizado, numa só relação.

RELAÇÃO DOS LIVROS AUTORIZADOS EM 1946

ENSINO PRIMÁRIO

AUTOR	TÍTULO DA OBRA	Série	Edição	Registro	Processo
Cartilha					
Antônio Firmino Proença	Cartilha Proença	—	59. ^a	938	C5.705-45
Célia Rabelo	Cartilha de Vivi e Vavá	—	5. ^a	962	35.949-40
Clari Galvão de Moraes Rocha	Cartilha das Crianças	—	—	930	65.712-45
Elpidia de Lima e Paiva	Cartilha Brasileira de Alfabetização	—	34. ^a	926	24.737-42
Elpidia de Lima e Paiva	Mapa Brasil de Alfabetização	—	—	929	24.736-42
Francisco Viana	Cartilha	—	11. ^a	960	38.670-40
Henrique Pontes	Cartilha Popular	—	—	953	64.162-41
José Carlos Ferreira Gomes	Cartilha Maternal	—	—	948	83.728-46
José Scaramelli	Cartilha dos Pequenos	—	19. ^a	937	19.719-46
Júlia Macedo Pantoja	Cartilha Rápida	—	2. ^a	936	42.835-41
Júlia Macedo Pantoja	Cartilha Rápida	—	2. ^a	961	5.893-46
Julietta Nogueira	Cartilha do Pequeno Brasileiro	—	—	954	34.759-42
Júlio de Faria e Sousa	Cartilha Intuitiva	—	2. ^a	923	48.449-41
Luciano Lopes	Cartilha Modelo	—	—	957	54.632-41
Luis Gonzaga Fleury	Meninice	—	—	925	48.444-41
Manuel Bergstrom Lourenço Filho	Cartilha do Povo	—	—	933	65.709-45
Manuel Bergstrom Lourenço Filho	Cartilha do Povo	—	116. ^a	956	42.038-40
Mariano de Oliveira	Nova Cartilha	—	—	934	65.709-45
Mariano de Oliveira	Cartilha Ensino Rápido da Leitura	—	276. ^a	935	65.710-45
Renato Sêneca Fleury	Na Roca (Cartilha)	—	47. ^a	932	71.727-45
Renato Sêneca Fleury	Vamos Ler (Cartilha Analítica-Sintética)	—	1. ^a	959	37.337-40
Rita de Macedo Barreto	Corações de Crianças	—	—	921	52.093-41
Leitura					
Alaide Lisboa de Oliveira	O Bonequinho Doce	—	—	963	38.409-40
Alaide Lisboa de Oliveira	A Bonequinha Preta	—	—	964	38.408-40
Alda Pereira da Fonseca	Ler e Aprender	—	4. ^a	1.040	33.828-40
Alfredo Clemente Pinto	4.º Livro de Leitura	—	25. ^a	952	83.727-46
Alina Rodrigues de Freitas	O Bom Colegial	—	2. ^a	958	38.787-40
Antonieta Távares de A. Assunção	Meu Livrinho de Ouro	—	1. ^a	897	47.293-46
Antônio Firmino de Proença	1.º Livro de Leitura	1. ^a	45. ^a	942	63.995-45
Antônio Firmino de Proença	2.º Livro de Leitura	2. ^a	45. ^a	944	63.996-45
Antônio Firmino de Proença	Leitura do Principiante	1. ^a	63. ^a	1.043	1.392-39
Antônio Firmino de Proença	Leitura do Principiante	1. ^a	63. ^a	870	63.994-45
Antônio Pedro Wolff	Composições Escolares	2. ^a	1. ^a	927	38.665-40
Antônio Pedro Wolff	Composições Escolares	2. ^a	2. ^a	939	38.664-40
Antônio Pedro Wolff	Composições Escolares	3. ^a	2. ^a	940	38.663-40
Antônio Pedro Wolff	Composições Escolares	4. ^a	—	941	38.662-40
Assis Cintra	Alma Brasileira	—	8. ^a	892	78.610-45
Branca Diva Pereira de Sousa	Quero Ler	—	2. ^a	950	83.735-45
Brant Horta	A Verdade	—	3. ^a	1.038	33.328-40
Brant Horta	Primavera	—	4. ^a	1.044	34.645-40
Brant Horta	Seleção da Infância	—	7. ^a	1.047	33.827-40
Bruno Heuser (Frei)	Terceiro Livro de Leitura	3. ^a	23. ^a	1.177	58.568-46
Bruno Heuser (Frei)	Quarto Livro de Leitura	4. ^a	17. ^a	1.178	58.569-46
Carlos Góis	História da Terra Mineira	—	12. ^a	1.033	7.467-39
Dagmar Volkmer Dourado	Contos Morais e Cívicos	3. ^a	4. ^a	1.039	7.461-39
Erasmio Braga	Estudemos com Alegria	2. ^a	161. ^a	951	83.738-46
Erasmio Braga	Leitura I	1. ^a	105. ^a	876	63.992-45
Erasmio Braga	Leitura II	2. ^a	123. ^a	877	63.993-45
Erasmio Braga	Leitura III	3. ^a	81. ^a	880	63.990-45
Erasmio Braga	Leitura IV	4. ^a	—	885	63.991-45
Francisco Leite	No Lar e na Escola	—	4. ^a	1.037	37.332-40
Guilomar da Rocha Rinaldi	A Mamãzinha	3. ^a e 4. ^a	—	872	78.617-45
Guilomar da Rocha Rinaldi	Os Serões na Fazenda	—	—	1.049	34.646-40
Henrique Pontes	Segundo Livro de Leitura	2. ^a	9. ^a	910	64.160-41
Henrique Pontes	Quarto Livro de Leitura	4. ^a	—	914	64.158-41
Henrique Pontes	Primeiro Livro de Leitura	1. ^a	—	907	64.161-41
Henrique Pontes	Terceiro Livro de Leitura	3. ^a	—	912	64.159-41
Henrique Pontes	Nosso Brasil	5. ^a	6. ^a	931	65.560-45
Hildebrando de Lima	Nosso Brasil	3. ^a	32. ^a	1.042	37.334-40
Huberto Rohden	Nosso Mestre	—	3. ^a	1.045	22.392-41
Isabel Inah da Frota Pessoa	Horas de Recreio	—	—	1.036	29.098-39
Isabel Vieira de Serpa e Paiva	Alma do Meu País	—	—	1.046	39.540-39
João Barbosa de Moraes	Leitura Amena	—	4. ^a	911	56.045-41
João Barbosa de Moraes	Leitura Amena	—	2. ^a	913	56.049-41
João Miguel Amaral	Sejam Bons Brasileiros	—	4. ^a	920	2.172-44
João da Mota Albuquerque Filho	Educação e Sociedade	—	—	1.035	16.808-39
José Carlos Ferreira Gomes	Segundo Livro de Leitura	—	37. ^a	956	83.718-46
Júlio de Faria e Sousa	Leitura Intermediária	—	11. ^a	924	48.448-41
Lindolfo Gomes	Exercícios de Leitura Manuscrita	3. ^a e 4. ^a	7. ^a	890	78.613-45
Luis Gonzaga Fleury	Meninice	—	—	922	48.443-41
Luis Gonzaga Júnior	Primeira Leitura	1. ^a	—	1.048	12.161-40
Marguerite de Montfort Ivancko	Gupila	—	—	917	2.970-42
Maria José Melo Paiva	O Gatinho Minau	4. ^a e 5. ^a	—	988	13.724-42
Maria Salomé Pena	Viagem pelo Brasil	—	52. ^a	1.030	23.014-39
Mariano de Oliveira	Páginas Infantis	—	1. ^a	1.041	1.397-39
Marieta Leite	Pituchinha	—	—	1.041	34.644-40
Mário Sette	Brasil, Minha Terra	—	—	1.032	1.374-39
Mário Sette	Terra Pernambucana	—	5. ^a	1.050	16.610-39
Mário Sette	Brasil, Minha Terra	—	10. ^a	902	65.707-45

Segunda-feira 24

DIÁRIO OFICIAL 7ª Seção IV

Novembro de 1947 14995

AUTOR	TÍTULO DA OBRA	Série	Edição	Registro	Processo
Mário da Veiga Cabral	Quarto Livro de Leitura	4. ^a	5. ^a	918	56.050-41
Mário da Veiga Cabral	Terceiro Livro de Leitura	3. ^a	15. ^a	919	56.048-41
Mário da Veiga Cabral	Primeiro Livro de Leitura	1. ^a	31. ^a	920	56.047-41
Maximino de Moura Santos	O Pequeno Escolar	1. ^a	36. ^a	921	37.335-40
Morel Marcondes Reis	Contos Brasileiros	4. ^a	6. ^a	908	11.080-43
Morel Marcondes Reis	Contos Brasileiros	2. ^a	5. ^a	904	62.442-42
Morel Marcondes Reis	Contos Brasileiros	1. ^a	4. ^a	903	62.443-42
Morel Marcondes Reis	Contos Brasileiros	3. ^a	2. ^a	909	28.973-44
Nelson Costa	Leituras e Exercícios	2. ^a	2. ^a	1.034	38.332-40
Newton Craveiro	João Pergunta	—	14. ^a	915	65.711-45
Olga Acauam Gayer e Branca Diva Pereira de Sousa	Queres Ler?	—	23. ^a	947	83.723-46
Orlando Mendes de Moraes	Histórias Infantis	—	22. ^a	1.031	19.992-39
Orlando Mendes de Moraes	Textos Escolhidos	1. ^a	3. ^a	906	13.728-42
Otaviano Melo	Pequenos Trechos	—	10. ^a	875	78.612-45
Pedro Doadato de Moraes	Vida Higiênica	—	6. ^a	889	78.614-45
Pedro Fenichel	Métodos de Leitura	—	—	949	59.026-46
Rafael Grisi	Uma História e Depois Outras	1. ^a	—	881	62.560-45
Rafael Grisi	Uma História e Depois Outras	3. ^a	2. ^a	882	62.561-45
Rafael Grisi	Uma História e Depois Outras	2. ^a	—	883	62.559-45
Renato Sêneca Fleury	Brincar de Ler	—	10. ^a	878	78.615-45
Renato Sêneca Fleury	Série Pátria Brasileira	3. ^a	—	873	63.989-45
Renato Sêneca Fleury	Série Pátria Brasileira	2. ^a	7. ^a	884	63.990-45
Renato Sêneca Fleury	Na Roça (3. ^a Leitura)	3. ^a	11. ^a	886	71.729-45
Renato Sêneca Fleury	Na Roça (2. ^a Leitura)	2. ^a	13. ^a	888	71.728-45
Renato Sêneca Fleury	Na Roça (1. ^a Leitura)	1. ^a	—	887	71.728-45
Renato Sêneca Fleury	Série Pátria Brasileira (Leitura IV)	4. ^a	—	946	63.998-45
Renato Sêneca Fleury	Série Pátria Brasileira (Leitura I)	1. ^a	10. ^a	879	63.988-45
Renato Sêneca Fleury	Vamos Ler?	2. ^a	3. ^a	905	59.188-41
Rita Aml de Rialva	O Clube dos Sete Amigos	3. ^a	7. ^a	943	26.966-46
Rita Aml de Rialva	Luizinha aos 8 Anos	2. ^a	8. ^a	945	59.743-45
Rita Aml de Rialva	A Vida de Maria Lúcia	—	6. ^a	891	59.742-45
Rita Aml de Rialva	Meu Novo Amigo	—	2. ^a	893	59.741-45
Rita Aml de Rialva	O Clube dos 7 Amigos	3. ^a	6. ^a	894	35.802-45
Rita Aml de Rialva	A Vida de Maria Lúcia	—	7. ^a	895	37.186-45
Rita Aml de Rialva	Na Fazenda de Santa Margarida	5. ^a	4. ^a	896	31.830-45
Rita Aml de Rialva	Luizinha aos 8 Anos	2. ^a	10. ^a	898	47.900-46
Rita Aml de Rialva	De Março e Dezembro	—	—	899	47.852-46
Rita Aml de Rialva	O Clube dos Sete Amigos	3. ^a	8. ^a	900	47.951-46
Rita Aml de Rialva	Na Fazenda Santa Margarida	—	5. ^a	901	47.953-46
Rocha Pombo	Nossa Pátria	—	79. ^a	874	78.611-45
Português					
Alfredo Clemente Pinto	A Língua Materna (Primeiras Noções de Gramática 1. ^o curso)	—	33. ^a	805	36.854-40
Alfredo Clemente Pinto	A Língua Materna (Primeiro Ano de Gramática)	—	18. ^a	835	36.856-40
Artur Joviano	A Língua Pátria (1. ^o Livro)	1. ^a	2. ^a	822	37.226-40
Brant Horta	Boa Linguagem	—	1. ^a	834	23.254-41
Cândido de Figueiredo	A Gramática das Crianças	—	2. ^a	829	36.656-40
Cândido Jucá Filho	Novo Método de Análise da Língua	—	—	—	—
Carlos Góis	gem	—	—	823	38.312-40
Francisco Xavier Júnior	Gramática Expositiva	—	—	844	56.177-46
Gaspar de Freitas	Lições da Língua Materna	—	8. ^a	830	59.347-41
Gaspar de Freitas	Lições de Gramática Portuguesa	—	—	1.011	35.567-40
Gaspar de Freitas	Exercícios de Gramática	—	—	730	39.879-40
Hermógenes Viana	Gramática Primária da Língua Portuguesa	—	—	817	3.076-41
João Ribeiro	Gramática Portuguesa	—	96. ^a	831	37.408-40
Jorge C. Deister	Lições Práticas de Gramática e Ortografia	—	7. ^a	842	58.567-46
Jorge C. Deister	Lições Práticas de Gramática e Ortografia	—	7. ^a	820	32.385-40
Júlio Nogueira	Programa de Português	2. ^a	2. ^a	803	35.055-40
Leonor Posada	Exercícios de Redação	—	4. ^a	763	38.700-40
Mário Bachelet	Novo Manual da Língua Portuguesa	—	—	824	30.589-40
Mário Bachelet	Novo Manual da Língua Portuguesa	—	—	802	79.389-44
Maximino Maciel	Lições Elementares da Língua Portuguesa	—	20. ^a	821	38.369-40
Olavo Bilac e Manuel Bonfim	Livro de Composição	—	10. ^a	828	37.781-40
Orlando Mendes de Moraes	Meu Caderno de Português	—	2. ^a	833	41.545-40
Otoniel Mota	Chave da Língua	—	6. ^a	819	35.948-40
Raul Gómez	Prática de Redação	—	1. ^a	818	36.531-40
Veríssimo Vieira	Gramática Portuguesa	—	43. ^a	832	38.666-40
História do Brasil					
Arlosto Espinheira	Ciências Sociais	—	9. ^a	1.029	33.832-40
Alvaro Martins	Meu Brasil	—	6. ^a	892	1.137-41
Antônio Mendes da Silva	História Pátria	—	10. ^a	993	42.836-41
Brant Horta	Minha Segunda História do Brasil	4. ^a e 5. ^a	1. ^a	981	41.721-40
Brant Horta	Minha Primeira História do Brasil	3. ^a e 4. ^a	1. ^a	983	4.859-41
Emeralda de Abreu Lobo	Mapas Mudos para o Estudo de História do Brasil	—	1. ^a	985	35.630-41
Emeralda de Abreu Lobo	História do Brasil	—	6. ^a	1.000	34.653-40
Francisco X. Lanna (Pe.)	Noções de História do Brasil	—	2. ^a	997	36.339-40
Francisco X. Lanna (Pe.)	Compêndio de História do Brasil	—	6. ^a	1.001	36.338-40
Francisco Viana	Pequena História do Brasil	—	3. ^a	991	38.689-40
João Ribeiro	Rudimentos de História do Brasil	—	14. ^a	982	38.683-40
João Von Frankenberg	História do Brasil	—	17. ^a	1.002	83.725-46
Joaquim Maria de Lacerda	Pequena História do Brasil	—	2. ^a	989	38.298-40
José Scaramelli	Pequenas Lições de História Pátria	—	29. ^a	1.172	87.717-46
José Scaramelli	Lições de História do Brasil	—	—	994	46.376-41
José Scaramelli	Pequenas Lições de História Pátria	—	—	984	46.375-41
Mário da Veiga Cabral	Pequena História do Brasil	—	13. ^a	985	36.039-41
Osório Duque Estrada	Noções de História do Brasil	—	8. ^a	990	38.348-40